

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

TATIANA PEREIRA LIMA

LIMITES E POSSIBILIDADES DA PEDAGOGA NA ALFABETIZAÇÃO:
trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA

SÃO PAULO

2021

Tatiana Pereira Lima

LIMITES E POSSIBILIDADES DA PEDAGOGA NA
ALFABETIZAÇÃO: Trabalho pedagógico na
alfabetização de adolescentes na Fundação CASA

Dissertação apresentada ao curso Maestria Estado,
Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade Latino-
Americana de Ciências Sociais e Fundação Perseu
Abramo, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y
Políticas Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Ramos

São Paulo

2021

Ficha Catalográfica

LIMA, Tatiana Pereira

Limites e possibilidades da pedagoga na alfabetização: trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA / Tatiana Pereira Lima. São Paulo: FLACSO/FPA, 2021.

Quantidade de folhas f.142:il

Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Ramos.

Referências bibliográficas: f. 101-105.

Tatiana Pereira Lima

LIMITES E POSSIBILIDADES DA PEDAGOGA NA
ALFABETIZAÇÃO: Trabalho pedagógico na
alfabetização de adolescentes na Fundação CASA

Dissertação apresentada ao curso Maestria Estado,
Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade Latino-
Americana de Ciências Sociais e Fundação Perseu
Abramo, como parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y
Políticas Públicas.

Aprovada em: 23 de junho de 2021.

DocuSigned by:

9D73E68D114A47C...

Prof. Dr. Paulo César Ramos
FLACSO Brasil/FPA

DocuSigned by:

194C28B345D24EB...

Prof. Dr. Evaldo Ribeiro Oliveira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB

DocuSigned by:

0BE1F608B586402...

Prof. Dra. Natalia Fingeremann
FLACSO Brasil/FPA

Dedico este trabalho

Ao Partido dos Trabalhadores.

À Fundação Centro de Atendimento
Socioeducativo ao Adolescente.

Ao Instituto Paulo Freire.

AGRADECIMENTOS

Em um ato de gratidão, que nada mais é a memória, e em uma compreensão que, quanto mais agradecemos, mais liberamos o fluxo de receber. A lista aqui será única e grandiosa, não só em tamanho, mas porque as trocas foram muitas e, sem dúvida, regada de muitos amores.

Agradeço, primeiramente, ao Partido dos Trabalhadores que, mesmo em meio a grandiosas crises na atual conjuntura política e econômica, ainda vem estimulando e possibilitando uma formação de tamanho gabarito, por meio da parceria entre a Fundação Perseu Abramo e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, porque sem essa oportunidade jamais eu teria feito este curso de Mestrado.

Aos meus laços de sangue: mãe *Dóris*, pai *Lima* e irmãs *Renata*, *Régia* e *Tânia*, que entendiam, por vezes, o meu necessário distanciamento para a realização desta pesquisa, e que, sem dúvida, me estimulavam a me manter firme, demonstrando ter orgulho de mim. Ah, e lógico não poderia deixar de agradecer a minha primeira sobrinha que também é a minha afilhada que acabou de chegar trazendo ainda mais alegrias para esta família, Manuela você é muito amada.

Ao meu companheiro *Wagner Hosokawa*, que escolhi para dividir comigo a minha vida e que foi central para a realização deste trabalho, porque esteve sempre presente nas minhas dúvidas, nos meus choros, na vontade de jogar tudo para o alto. Ele sempre acreditou que eu fosse conseguir.

Ao meu orientador *Paulo Ramos*, que foi sensacional. Respeitava o meu tempo, me estimulava sempre e não tenho dúvidas de que teremos, daqui para frente, uma relação de uma verdadeira parceria.

À Fundação CASA, que liberou a minha participação nas aulas presenciais em nome do Adilson Fernandes e a autorização na realização desta pesquisa, principalmente em nome da Janaína Vida, Ana Cristina e Fabrizio Mencarini. Mas, tantos outros que me ouviram e que acreditaram junto comigo a importância dessa pesquisa, principalmente aos meus jovens amigos/as Eliana Moreno, Geisa Rodrigues, Janice Ana Jatzak, Márcio Biscuola e Teresinha Melo. E também todos os meus amigos de Setor da Universidade Corporativa da Fundação CASA.

A minha querida afilhada Caroline dos Santos que, do jeitinho dela, sempre me inspirou, porque ela sempre falava: “Madrinha, você é um exemplo para mim”. Então, eu jamais poderia decepcioná-la.

Ao meu toquinho lindo Heitor, que me deixava sempre com o coração doendo quando dizia que estava com saudades da 'dinda', e que, por vezes, eu não pude estar presente, mas sei que ele me perdoa e logo será recompensado.

As minhas companheiras e meus companheiros de turma, que foram a demonstração de fortaleza, união e solidariedade, entre nós pares durante todo curso e que foi um elo amadurecido e que durará por toda as nossas vidas.

As minhas queridas amigas pedagogas de toda uma história profissional, acadêmica e social que passei até hoje, e que aqui eu nomeio uma pequena parte desse grupo, a querida Andressa Andrade, o aguerrido Bruno Tadeu, a companheira de luta Léa Teodoro, a também querida Paula Lázaro e a parceira do dia a dia no trabalho Maria Verônica.

As queridas professoras Cintia Souza, Juliana Franco e Khalina e a minha psicoterapeuta Ivanilde Ribeiro, que nos últimos anos vem cuidando das minhas dores físicas e mentais agravadas devido ao meu diagnóstico de Fibromialgia. Por conta delas, hoje tenho uma vida com mais saúde.

Ao Instituto Paulo Freire, em nome da Professora Dra. Sonia Couto que muito me inspirou e inspirará em multiplicar o legado do grande Mestre Paulo Freire e que, prontamente, me concedeu uma entrevista para a realização desse trabalho.

Cabe um agradecimento especial as minhas colegas pedagogas que participaram deste trabalho, respondendo o questionário, e que partilham comigo, mesmo em meio a tantas contradições, a nossa felicidade e realização profissional na Fundação CASA. Muito grata a vocês, este trabalho é Nosso!

“Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam” (FREIRE, 1996, p. 54).

RESUMO

Este trabalho apresenta quem são os profissionais da área pedagógica e como se dá as atividades de alfabetização aos e as adolescentes em contexto de privação da liberdade que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação CASA. O estudo contou com a análise de 15 questionários *on-line* com pedagogas que trabalham na instituição em função de base e uma entrevista semiestruturada com a Coordenadora do Centro de Referência do Instituto Paulo Freire. Foram realizadas leituras de documentos e diretrizes nacionais e estaduais, além de referenciais teóricos no campo da alfabetização, pedagogia, pedagoga, com interface nas obras da teoria freiriana. Procurou-se refletir sobre o modo como a atividade de alfabetização acontece dentro do espaço socioeducativo, assim como os seus limites e possibilidades na atuação para uma ação alfabetizadora que comunica com os princípios freirianos. Na estrutura no trabalho, dialogou-se, em um primeiro momento, sobre quem foi Paulo Freire e suas contribuições; posteriormente sobre a historicidade da pedagogia e da pedagoga, complementando com a realidade desse setor pedagógico na Fundação CASA. Na sequência, explanou-se sobre o percurso metodológico da pesquisa e, por fim, a análise dos dados coletados por meio do questionário e da entrevista em interface com os referenciais teóricos. As análises demonstraram fragilidades e ausências de um trabalho direcionado institucionalmente na ação alfabetizadora e que as profissionais se revelaram interessadas em uma formação continuada para a qualificação do trabalho. Percebeu-se, também, que o principal referencial teórico que elas têm sobre alfabetização é o Educador Paulo Freire e que os seus princípios seriam os mais adequados para o trabalho nesse contexto com adolescentes não alfabetizados, mas, na prática, métodos e teorias tradicionais ou a inexistência da escolha de um é significativamente bastante citado.

Palavras-chave: Adolescentes; Alfabetização; Medida socioeducativa; Paulo Freire; Pedagoga.

RESUMEN

Este trabajo presenta quiénes son los profesionales del área pedagógica y cómo se realizan las actividades de alfabetización a los adolescentes en un contexto de privación de libertad que cumplen con una medida socioeducativa de hospitalización en la Fundación CASA. El estudio incluyó el análisis de 15 cuestionarios en línea con pedagogas que trabajan en la institución como función básica y una entrevista semiestructurada con la Coordinadora del Centro de Referencia del Instituto Paulo Freire. Se realizaron lecturas de documentos y directrices nacionales y estatales, además de referencias teóricas en el campo de la alfabetización, pedagogía, pedagoga, con interfaz en las obras de la teoría freiriana. Buscamos reflexionar sobre cómo se desarrolla la actividad de alfabetización dentro del espacio socioeducativo, así como sus límites y posibilidades para actuar para una acción de alfabetización que se comunica con los principios de Freiriano. Donde en la estructura en el trabajo dialogamos al principio sobre quién era Paulo Freire y sus aportaciones, más tarde la historicidad de la pedagogía y la pedagogía, complementando con la realidad de este sector pedagógico en la Fundación CASA. Siguiendo una explicación sobre la trayectoria metodológica de la investigación, y finalmente, el análisis de los datos recogidos a través del cuestionario y la entrevista en interfaz con las referencias teóricas. Los análisis mostraron debilidades y ausencias de un trabajo institucionalmente dirigido en la acción de alfabetización y que los profesionales estaban interesados en una formación continua para la cualificación del trabajo. También se observó que el principal marco teórico que tienen sobre alfabetización es el educador Paulo Freire y que sus principios serían los más apropiados para trabajar en este contexto con adolescentes pocoliterados, pero en la práctica los métodos y teorías tradicionales o la falta de elección de uno es significativamente ampliamente citado.

Palabras clave: Adolescentes; Alfabetización; Medida socioeducativa; Paulo Freire; Pedagoga.

ABSTRACT

This paper presents who are the professionals in the pedagogical area and how the literacy activities are carried out for the adolescents in context of deprivation of freedom who are in compliance with the socio-educational measure of internment in the CASA Foundation. The study relied on the analysis of 15 online questionnaires with pedagogues who work in the institution in a basic function and a semi-structured interview with Education and is Coordinator of the Paulo Freire Institute Reference Center. National and state documents and guidelines were read, in addition to theoretical references in the field of literacy, pedagogy, and pedagogy, with an interface in the works of Freire's theory. We tried to reflect on the way the literacy activity happens inside the socio-educational space, as well as its limits and possibilities for a literacy action that communicates with the Freirian principles. In the structure of the work, we talked, at first, about who was Paulo Freire and his contributions, then about the historicity of pedagogy and the pedagogue, complementing it with the reality of this pedagogical sector in the CASA Foundation. Next, the methodological path of the research was explained and, finally, the analysis of the data collected through the questionnaire and the interview in interface with the theoretical frameworks. The analyses showed weaknesses and absences of a work directed institutionally in the literacy action and that the professionals showed interest in a continued formation for the qualification of the work. It was also noticed that the main theoretical reference that they have about literacy is the educator Paulo Freire and that his principles would be the most appropriate for the work in this context with non-literate adolescents, but, in practice, traditional methods and theories or the inexistence of the choice of one is significantly cited.

Keywords: Adolescents; Literacy; Socio-educational measure; Paulo Freire; Pedagogue.

LISTA DE SIGLAS

CASA – Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CESE – Coordenadoria dos Estabelecimentos Sociais do Estado
CFE – Conselho Federal de Educação
CG – Corregedoria Geral
CDHEV – Comissão de Direitos Humanos e Enfrentamento à Violência
CI – Centro de Internação
CIDHD – Comitê Institucional de Direitos Humanos e Diversidades
CIDHEV – Comitê Institucional de Direitos Humanos e Enfrentamento à Violência
CIMA – Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional
CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
CRPF – Centro de Referência Paulo Freire
DCNP – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia
DEINF – Diretoria de Informação Educacional
DQGCL – Diretoria de Qualificação em Gestão Corporativa e Liderança
DQMSDH – Diretoria de Qualificação em Medidas Socioeducativas e Direitos Humanos
DRL – Divisão Regional Litoral
DRM I – Divisão Regional Metropolitana I (Franco da Rocha)
DRM III – Divisão Regional Metropolitana III (Leste 2)
DRM IV – Divisão Regional Metropolitana IV (Oeste)
DRM V – Divisão Regional Metropolitana V (Norte)
DRMC – Divisão Regional Campinas
DRN – Divisão Regional Norte
DRO – Divisão Regional Oeste
DRS – Divisão Regional Sudoeste
DRVP – Divisão Regional Vale do Paraíba
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EFCP – Escola para Formação e Capacitação Profissional
ENE – Educação Não Escolar
FUNABEM – *Fundação* Nacional do Bem-Estar do Menor
FEBEM – Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor

GEFESP – Gerência de Educação Física e Esporte
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPF – Instituto Paulo Freire
LA – Liberdade Assistida
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
MNMMR – Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua
MOVA – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
MSE – Medida Socioeducativa
PAS – Programa de Alfabetização Solidária
PBA – Programa Brasil Alfabetizado
PIA – Plano Individual de Atendimento
PIB – Produto Interno Bruto
PISA – Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PRTE – Projeto Revitalizando a Trajetória Escolar”
PSC – Prestação de Serviços à Comunidade
PT – Partido dos Trabalhadores
OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU – Organização das Nações Unidas
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SGDCA – Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente
SIC – Serviço de Informação ao Cidadão
SINAJUVE – Sistema Nacional de Juventude
SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SINPSI – Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo
SITSESP – Sindicato da Socioeducação de São Paulo
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Organograma da Fundação CASA – Presidência	43
Figura 2 - Organograma da Fundação Casa - Diretoria de Gestão Administrativa.....	44
Figura 3 - Organograma da Fundação Casa - Diretoria de Gestão e Articulação Regional	45
Figura 4 - Organograma de um Centro de Atendimento da Fundação CASA de Gestão Plena:	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantidade de Centros por tipo de atendimento	41
Quadro 2 - Taxa de Ocupação	42
Quadro 3 - Decrescente populacional por Programa de Atendimento	42
Quadro 4 - Quadro de Profissionais no Setor Pedagógico	49
Quadro 5 - Quadro quantitativo de Pedagogos por Divisão Regional	50
Quadro 6- Roteiro de questionário online à pedagogos	65
Quadro 7 - Pedagogas participantes da pesquisa.....	72
Quadro 8 - Cenário atual da Teoria e Prática da atividade de Alfabetização na Fundação CASA	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - O trabalho tem diferenças de quem está em cumprimento de MSE para quem não está?	79
Gráfico 2 - Observação profissional: Nível de Alfabetismo segundo a escala INAF	80
Gráfico 3 - A atividade de alfabetização está prevista na Agenda Multiprofissional?.....	83
Gráfico 4 - Qual a periodicidade das atividades de alfabetização?	85
Gráfico 5 - Como é a indicação do adolescente para a atividade de alfabetização.	86
Gráfico 6 - Principal referência teórica sobre alfabetização?.....	91
Gráfico 7 - Método ou teoria de trabalho indicado como o mais adequado à alfabetização....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1: A educação libertadora na alfabetização em Paulo Freire	22
1.1 Paulo Freire: O seu bem querer pelos seres humanos.	22
1.2 Princípios freirianos para uma alfabetização libertadora.	27
CAPÍTULO: 2 – A pedagogia como profissão, a especificidade do/a pedagogo/a na Fundação Casa e suas referências teórico-práticas	35
2.1 Breve história da Pedagogia e do Pedagoga	35
2.2 O Setor Pedagógico e a Pedagoga na Fundação CASA	41
2.3 O embasamento Teórico que subsidia a Pesquisa com Pedagogas	52
CAPÍTULO: 3 – Percurso e procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa	56
3.1 – Da escolha, da submissão, da aprovação do projeto à realização da pesquisa	57
3.1.1 Da escolha	57
3.1.2 Da submissão	59
3.1.3 Da aprovação do Projeto	60
3.1.4 A realização da pesquisa	60
3.2 Técnica da Entrevista Semiestruturada: Coordenadora do Centro de Referência do Instituto Paulo Freire	61
3.3 Técnica do Questionário online à pedagogas de base da Fundação CASA	64
CAPÍTULO 4 – A atividade de alfabetização realizada pelas profissionais pedagogas na medida socioeducativa de internação	70
4.1 Apresentação das pedagogas: A história singular	71
4.2 O papel social da pedagoga e da pedagogia	75
4.3 A profissional pedagoga na ação alfabetizadora	83
4.3.1 A atividade específica de alfabetização no Centro de Atendimento	83
4.3.2 Sobre seu conhecimento acerca dos conceitos de Alfabetização e o trabalho na Fundação CASA	90

CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
APÊNDICE: A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO À FUNDAÇÃO CASA	104
APÊNDICE: B - PROJETO DA PESQUISA APRESENTADO À FUNDAÇÃO CASA	105
APÊNDICE: C - E-MAIL SOBRE INFORMAÇÕES AS PEDAGOGAS PARTICIPANTES	118
APÊNDICE: D - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PEDAGOGA	119
APÊNDICE: E – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – REPRESENTANTE DO IPF	120
APÊNDICE: F - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO ONLINE AO PEDAGOGA	121
APÊNDICE: G - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA A COORDENADORA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DO INSTITUTO PAULO FREIRE	126
APÊNDICE: H - RELATÓRIO COM PRÉVIA DOS RESULTADOS APLICADO À PEDAGOGAS ENCAMINHADO À ENTREVISTADA SÔNIA COUTO	127
APÊNDICE: I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	136
ANEXO: A - E-MAIL: AUTORIZAÇÃO DA FUNDAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	140
ANEXO: B - TERMO DE RESPONSABILIDADE ASSINADO NA FUNDAÇÃO CASA	142

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Dissertação de Mestrado com a temática: “Limites e possibilidades da pedagoga na Alfabetização: Trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA”, tem como foco principal trazer aspectos sobre o trabalho atual do e da profissional de pedagogia no contraturno do ensino formal no processo de alfabetização de adolescentes que se encontram em medida socioeducativa de privação da liberdade.

É um trabalho que perpassa pela área de concentração em Estado, Governo e Políticas Públicas, com ênfase em uma política social de contribuição na reflexão da prática da profissional pedagoga para uma alfabetização cidadã à adolescentes.

A pesquisa responde aos objetivos específicos inicialmente pensados para a realização do trabalho que eram: apresentar o suporte institucional para a realização do trabalho sobre alfabetização; identificar o perfil dos profissionais pedagogas que laboram na Fundação CASA; e analisar se o trabalho desenvolvido contribui para que o adolescente não alfabetizado se insira socialmente com saberes para além da aquisição do conhecimento da leitura e escrita.

Esta investigação apresenta a inquietação e motivação pessoal da pesquisadora em realizar esse trabalho que foi uma experiência de atividade ocorrida em um determinado Centro de Atendimento Socioeducativo masculino na capital do Estado de São Paulo.

Inicialmente, apresentava como um problema de pesquisa a ausência de acompanhamento institucional na ação alfabetizadora, diferentes perfis profissionais, inúmeras práticas metodológicas, necessidade de formação continuada nessa temática aos e às profissionais pedagogas, e essas questões realmente se confirmaram no decorrer do trabalho. Para se chegar a essas confirmações, inicialmente trazidas como problemas, utilizou-se a técnica de pesquisa em entrevista, aplicação de questionário, além de uma vasta leitura bibliográfica.

A técnica de entrevista qualitativa, com perguntas abertas, utilizou, como referência, a professora Márcia Lima, que explica que, “Na condução da entrevista, o conhecimento prévio das características e do perfil são prerrogativas importantes” (LIMA, 2016, p. 26).

Na realização do questionário, utilizou-se a elaboração do roteiro e, para sua aplicação, o questionário *on-line*, que tem sido usado em inúmeras pesquisas acadêmicas,

conforme explica o cientista social Danilo Torini. Segundo ele, esta ferramenta possui diversos aspectos positivos, tais como: um maior alcance, baixo custo, obtenção significativa de amostras, economia no tempo de aplicação, flexibilidade no preenchimento, menor erro de fluxo, agilidade na tabulação e acompanhamento simultâneo do campo. Esses aspectos facilitaram o acesso às 15 pedagogas participantes, oriundas de oito (08) Divisões Regionais no Estado de São Paulo, pois, o período de sua aplicação deu-se no contexto de Pandemia pela COVID 19.

Com relação ao levantamento bibliográfico, foram feitas leituras cuidadosas de diretrizes e normativas federais e estaduais, tais como: o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, o Estatuto da Criança e do Adolescente, Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, entre outras.

Para o aprofundamento das questões apontadas pela função social do Pedagoga e da Pedagogia foram destacadas as contribuições do Professor José Carlos Libâneo, principalmente na compreensão do que é ser pedagoga, para que ele serve e a compreensão do contexto de educação formal, não-formal e informal.

Como leitura mais específica no que se refere a alfabetização tomou-se, como base, o compreendido no Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) – Brasil de 2018 e a perspectiva trazida no livro: “Preconceito contra o analfabeto”, de Ana Maria de Oliveira Galvão e Maria Clara Di Pierro. Essas referências demonstram que alfabetizar não é tirá-los de uma cegueira, ou erradicar o analfabetismo como se fosse uma doença, ou colocá-los a culpa neles pelo não desenvolvimento, mas é trazer as habilidades básicas de leitura, escrita como um direito humano neste contexto urbano letrado em que se vive e que constrange com seus rótulos pejorativos e que os desqualificam, simbolicamente.

Entretanto, para além de ensinar a ler e a escrever, este trabalho traz, em seu cerne, a sua principal referência teórica por meios da infinita contribuição teórica, filosófica e metodológica do Patrono da Educação Brasileira o educador Paulo Freire.

Para isso, utilizou-se obras de referência como a Pedagogia da Autonomia e a Pedagogia do Oprimido. Além de apresentar quem foi e ainda é Paulo Freire, porque suas ideias ainda permanecem vivas é ressaltada a importante colaboração do Carlos Rodrigues Brandão, grande pesquisador de Paulo Freire e importante mantenedor de seu legado.

Em sua estrutura, este trabalho apresenta quatro capítulos, a saber: Capítulo 1 – A educação libertadora na alfabetização em Paulo Freire; Capítulo 2 – O profissional

pedagoga, o trabalho na Fundação CASA e Referencial Teórico; Capítulo 3 – Os objetivos, o percurso e procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, e por fim o Capítulo 4 – O trabalho realizado pelos profissionais pedagogas no processo de alfabetização na medida socioeducativa de internação.

A primeira parte do trabalho vai aprofundar as questões como a vida, obra e princípios freirianos para uma alfabetização libertadora, como uma possibilidade para este contexto que atende adolescentes em condição de privação da liberdade.

O segundo momento perpassa as questões históricas do profissional pedagoga e do curso de Pedagogia. Além das informações institucionais sobre o Setor Pedagógico na Fundação CASA e do embasamento teórico que subsidia esta pesquisa com pedagogas. Ressalta-se que o Referencial Teórico está subdividido em três campos conceituais: O analfabeto; Pedagogia e o profissional pedagoga; e A prática de uma educação cidadã e transformadora.

O terceiro momento aprofunda as questões metodológicas para a realização da pesquisa, desde a sua escolha, submissão do projeto à Instituição Fundação CASA para a aprovação, à realização da pesquisa e à coleta dos dados.

O último capítulo desta dissertação, explana as análises dos dados, perpassando sobre a apresentação das pedagogas participantes na pesquisa mantendo o sigilo de identificação, olhar externo sobre a tematização desse trabalho, a divulgação de resultados de como as atividades de alfabetização são realizadas nesse espaço de privação da liberdade, assim como referências teóricas e métodos utilizados para a realização destas atividades. Apresenta-se, também, o interesse de aprofundamento formativo por parte destas profissionais pedagogas.

Vale ressaltar que este trabalho é publicado no ano em que mundialmente está acontecendo atividades de memória, reflexão e de formação em comemoração ao Centenário do Patrono da Educação Paulo Freire.

Nas considerações finais são apresentadas algumas impressões, assim como o desejo e necessidade de realização de novas pesquisas e trabalhos a fim de aprofundar uma maior colaboração social do que pode vir a ser uma política pública. Por fim, a fala de uma das participantes externa o significado deste trabalho: “Penso que a pesquisa resume um pouco do trabalho da pedagoga: O quanto é importante o nosso papel para a formação do educando”.

CAPÍTULO 1: A educação libertadora na alfabetização em Paulo Freire

A razão deste primeiro capítulo é apresentar o quanto as contribuições filosóficas e metodológicas do educador Paulo Freire podem contribuir de maneira positiva no processo de alfabetização dos e das adolescentes que se encontram em cumprimento de medida socioeducativa de Internação na Fundação CASA.

É explanado, neste capítulo, itens como: quem foi e o que Paulo Freire ainda representa nos dias atuais, perpassando sobre suas inquietações, a sua escolha de ser educador para ensinar os mais pobres, a experiência do Programa de Alfabetização no município de Angicos no Rio Grande do Norte, sua passagem pelo exílio, pela Secretaria Municipal de Educação, alguns conceitos, algumas práticas constante em seu Método, a essência do que se faz ser um educador freiriano, as condições que uma pessoa não alfabetizada nessa sociedade atual está submetida, cita também a sua aproximação conceitual com a psicóloga e pedagoga Emília Ferreiro, além da necessidade de não copiá-lo, mas de reinventá-lo.

Então, falar de Paulo Freire nesta pesquisa é acrescentar possibilidades de uma ação alfabetizadora libertadora mesmo em um contexto de privação da liberdade, em uma compreensão de que a educação é um direito humano.

Por meio deste estudo, revela-se que, pelos princípios freirianos, é possível a reinserção social do adolescente alfabetizado, mais consciente e autônomo. Afinal, a prática pedagógica deve se pautar nos princípios do respeito pela cultura do outro, por um método ativo e não passivo que leve os adolescentes à ação, à libertação e à recuperação da humanidade roubada.

1.1 Paulo Freire: O seu bem querer pelos seres humanos.

Em 19 de setembro de 1921, no Bairro de Casa Amarela, no Recife, capital do Estado de Pernambuco, nasceu o Paulo Reglus Neves Freire, mais conhecido como Paulo Freire (BRANDÃO, 2005).

Desde cedo, Paulo Freire viveu o desejo de aprender. Segundo Brandão (2005), antes de ir para a escola, ele começou a se alfabetizar em casa, com a ajuda de sua mãe. “Quando ele foi para a escola pela primeira vez e se sentou em um banco de sala de aula, já quase sabia ler e escrever” (BRANDÃO, 2005, p. 25).

O educador foi um menino que cresceu e conviveu com as dificuldades da maioria do povo nordestino e se indagava sobre como fazer para que ninguém mais sentisse, em suas palavras: o estômago “mordendo a si próprio”, por não ter o que comer. A família de Paulo Freire fazia parte da classe média, mas vivenciou a pobreza e a fome na infância durante a depressão de 1929¹.

Diante da experiência concreta da fome que atingia seu “corpo consciente”, um nordestino, brasileiro, latino-americano, em plena década de 30 no século passado – quando as principais potências mundiais investiam todos os seus esforços na produção de armas, invenção tecnológica e acúmulo de riquezas com o objetivo de prepararem –se para aquela que viria ser a guerra mais sangrenta, destrutiva e trágica de toda a história da humanidade – um menino, com apenas 11 anos de idade, se perguntava sobre que ele poderia fazer para o mundo ser menos feio (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 17).

Em meio às dificuldades financeiras na família e a dedicação aos estudos, mesmo muito jovem, Paulo Freire formou-se no curso de Direito, mas desiste da profissão logo no início, pois se sentia impotente diante da burocracia jurídica. “A educação, a escola e a sala de aula o chamariam cedo e para toda a vida” (BRANDÃO, 2005, p. 31).

Ao decidir ser um educador e se empenhar em ensinar os mais pobres, Freire tornou-se uma inspiração para gerações de professores, especialmente na América Latina e na África (BURITI, 2016). Nessa escolha de ser educador, ele se lança “[...] para uma luta humanista e esperançosa por um mundo mais livre e decente para todos” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 17).

Enquanto educador, sua obra foi nascendo junto àqueles que mais necessitavam de solidariedade para desenvolverem sua própria humanidade. Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro e, até hoje, é considerado um dos pensadores mais importantes na história da pedagogia, não apenas no Brasil, mas no mundo. “Paulo Freire é, sem dúvida, um dos grandes educadores que o Brasil produziu. Certamente é o mais conhecido de todos, tendo sua obra principal, ‘Pedagogia do Oprimido’ (1968) como uma das mais citadas e estudadas no mundo” (FUNDAÇÃO ASTROGILDO PEREIRA, 2019, s/p).

¹ A **Grande Depressão**, também conhecida como **Crise de 1929**, foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do sistema capitalista do século XX. Este período de depressão econômica causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto de diversos países, bem como quedas drásticas na produção industrial, preços de ações, e em praticamente todo o medidor de atividade econômica, em diversos países no mundo.

Para Carlos Rodrigues Brandão (2005), muitas menções honrosas fazem do educador Paulo Freire um grande e importante teórico para a educação brasileira.

Durante boa parte dos anos dos governos militares no Brasil, os seus livros foram proibidos, as suas idéias foram consideradas perigosas e o seu próprio nome foi impedido de ser pronunciado em nossas escolas e universidades. No entanto, ao longo desse mesmo tempo sombrio, e depois dele, poucos brasileiros receberam tantas homenagens e tantos títulos aqui e fora do Brasil. Ao professor Paulo Freire foi concedido o título de *Doutor Honoris Causa* por quase quarenta universidades do Brasil e de outros países. De Sul a Norte de nosso país, mais de três centenas de escolas públicas e particulares têm o seu nome (BRANDÃO, 2005, p. 15).

Paulo Freire não se formou ou se fez sozinho ele possuiu várias referências teóricas e sociais em sua vida. Inclusive, ele teve uma outra mulher como referência em sua trajetória de aprendizagem, além da sua mãe.

Em 1944 Paulo Freire casou-se com Elza Maia Costa de Oliveira, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. As filhas seguiram a vocação dos pais, tornando-se professoras. Elza era também professora e, várias vezes, entre conversas, conferências e por escrito, Paulo fazia referência à amorosa e lúcida presença dela em sua vida e em suas idéias. Viveram quarenta e dois anos de casamento, entre Recife, Brasília, as cidades dos países do exílio e, após o retorno à São Paulo (BRANDÃO, 2005, p. 31).

Em 1946, Paulo Freire assumiu a direção do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social de Pernambuco, onde passou a trabalhar com pobres analfabetos. (SCHEFFER, 2013). Freire, como professor de língua portuguesa, aplicou, em 1963, um método próprio de alfabetização em Angicos, cidade do interior do Rio Grande do Norte, que foi um sucesso.

A experiência das “40 horas de Angicos” não é unicamente uma projeção didático-metodológica que, por força das circunstâncias sociais, obteve êxito. Se assim fosse, teríamos uma memória fragilizada e/ou pouco lembrada por todos nós, educadores brasileiros e internacionais, e, contrariamente, essa experiência, após cinquenta anos, não continuaria provocando referências, visitas e memórias as mais diversas e diferentes possíveis. A proposta educativa empreendida por Freire nessa experiência dilacerou os moldes operacionais de alfabetização convencionados na época, o que até hoje é referência para projetos de alfabetização, escolarização e formação de pessoas jovens e adultas em todo o território brasileiro e em outros países (SILVA; SAMPAIO, 2015, p. 927).

Conseguiu alfabetizar 300² adultos em um tempo curto de 45 dias, partindo do conhecimento prévio que essas pessoas já possuíam. Em virtude dos resultados, que revelaram um trabalho muito eficaz, o governo brasileiro que, à época, estava fazendo as Reformas de Base, aprovou a ampliação dessa primeira experiência, incluindo-a em um Plano Nacional de Alfabetização.

O presidente João Goulart viu, na experiência de Angicos, a possibilidade de tirar milhões de brasileiros da miséria e incluí-los na cidadania. Em junho de 1963 Paulo de Tarso Santos, assume o Ministério da Educação. Darcy Ribeiro, seu antecessor, recomenda chamar a Brasília Paulo Freire para conceber um programa nacional de alfabetização baseado no experimento de Angicos. Em 16 de julho, a Portaria Ministerial 195 instituiu, junto ao Gabinete do Ministro da Educação, a *Comissão de Cultura Popular* «com o objetivo de implantar, em âmbito nacional, novos sistemas educacionais de cunho eminentemente popular, de modo a abranger áreas ainda não atingidas pelos benefícios da educação». Paulo Freire é nomeado presidente desta Comissão. Sua primeira tarefa foi fazer um levantamento nacional do número de analfabetos para subsidiar o futuro *Programa Nacional de Alfabetização*. O número de analfabetos de 15 a 45 anos, em setembro de 1963, era de 20.442.000 (GADOTTI, 2014, p. 58).

Essa experiência foi financiada pelo governo dos Estados Unidos, pela Aliança para o Progresso, com o objetivo de “[...] promover a alfabetização pois, dessa forma, acreditavam estar combatendo o avanço do comunismo no Brasil” (MOYA, 2018, s/p).

Porém, no ano de 1964, logo após a implementação do Plano Nacional de Alfabetização, a ditadura militar extinguiu o projeto, pois enxergou na filosofia freiriana um risco de revolta, tendo em vista que Freire acreditava na educação como ferramenta de transformação social e como forma de reconhecer e reivindicar direitos. Essa foi uma das razões que levaram Paulo Freire a ser preso durante 72 dias, sob a acusação de traição; e, posteriormente, a ser exilado do país por 16 anos. Durante seu exílio, o educador passou pela Bolívia, Chile, Suíça, Estados Unidos da América do Norte, onde teve a oportunidade de difundir sua metodologia de ensino, além dos países africanos de colonização portuguesa, como Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde. “Esse tempo de exílio permitiu ao educador brasileiro vivenciar o profundo sentido de ‘cidadania mundial’” (BRANDÃO, 2006, p. 71).

Paulo Freire também teve passagens pela política. Ele integrou o Partido dos Trabalhadores, tendo sido Presidente da 1ª Diretoria Executiva da Fundação Wilson

² Dos 380 inscritos no início, 300 participantes foram considerados alfabetizados, com 70% de aproveitamento no «Teste de Alfabetização» e 87% no «Teste de politização» (LYRA, 1996, p. 171).

Pinheiro, fundação de apoio partidária instituída pelo PT em 1981, antecessora da Fundação Perseu Abramo. (PEREIRA, 2011). No período de 1989 a 1991, na gestão da Prefeita Erundina, Paulo Freire foi o Secretário da principal capital do país na Secretaria de Educação Municipal de São Paulo, momento em que foi desafiado pelo mundo real, pela práxis.

Uma das coisas mais marcantes na gestão de Paulo Freire foi a aplicação dos eixos estruturantes, que direcionou toda a gestão do PT nesta pasta, que teve como o sucessor o Professor Mário Sérgio Cortella.

1. Democratização da gestão – democratizar o poder pedagógico e educativo – todos os segmentos da escola e da comunidade. 2. Acesso e permanência – ampliar o acesso e a permanência dos setores usuários da educação pública. 3. Qualidade da Educação – construir coletivamente um currículo interdisciplinar e investir na formação permanente do pessoal docente. 4. Educação de Jovens e Adultos – contribuir para eliminar o analfabetismo de jovens e adultos em São Paulo (FRANCO, 2014, p. 111).

Após a sua saída do cargo de Secretário, Paulo Freire continuou ativo como colaborador. “Como disse à então prefeita Luiza Erundina, Paulo Freire estava sendo ‘devolvido ao mundo’. Passou a se dedicar novamente a escrever artigos e livros [...], e voltou à docência na PUC- SP” (UNIFESP, 2021, p. 10).

No mesmo ano de afastamento do cargo de Secretário, Paulo Freire estimulou a fundação do Instituto Paulo Freire:

[...] motivado pela oportunidade de reunir pessoas e instituições que, movidas pelos mesmos sonhos de uma educação humanizadora e transformadora, pudessem aprofundar suas reflexões, melhorar suas práticas e se fortalecer na luta pela construção de “um outro mundo possível” (UNIFESP, 2021, p. 10).

Ele morreu aos 75 anos, em 02 de maio de 1997, no Estado de São de Paulo. Contudo, seu legado permanece vivo, sendo, neste ano de 2021, comemorado o *centenário de nascimento do Patrono Nacional da Educação Paulo Freire*³. Sua herança permanece e, como exemplo disso, é possível citar dois importantes momentos: em 2012 quando, pela Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012, a então presidenta Dilma Rousseff,

³ A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) incorpora ao seu calendário de atividades a Jornada Latino-Americana de luta em defesa da educação pública, gratuita, laica e emancipadora, contra a mercantilização e privatização: rumo ao Centenário de nascimento do Paulo Freire. Esta mobilização continental defende a memória de Paulo Freire, o patrono nacional da educação, tão atacado nos dias de hoje no país. No centenário do nascimento de Paulo Freire, em 2021, a América Latina se reunirá ao Brasil para recordar e manter vivo o legado do professor Freire.

declarou o educador Paulo Freire o Patrono da Educação Brasileira e, mais recentemente, quando voltou aos holofotes ao ser homenageado durante o desfile da escola de samba Águias de Ouro, vencedora do carnaval de São Paulo em 2020.

Para compreender o que faz de o Paulo Freire ser o que ele é, ainda hoje, tão necessário, destaca-se a fala do sociólogo e professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, Miguel Arroyo, à Plataforma Educação & Participação:

Para Paulo Freire a função da educação é humanizar, é tornar o ser humano mais humano [...]. Quando tantos seres humanos são negados em sua humanidade, são roubados de sua humanidade, e a função da educação é recuperar a humanidade roubada (MARINHO, 2020, s/p).

Paulo Freire permanece vivo no seu legado de profunda transformação e ação renovadora do processo de alfabetização, onde ficará para sempre como marco de esperança e sonhos para as pessoas oprimidas de todo o mundo.

1.2 Princípios freirianos para uma alfabetização libertadora.

“A alfabetização é mais, muito mais, do que ler e escrever. É a habilidade de ler o mundo”. Paulo Freire

A prática didática de Paulo Freire fundamentava-se em um fazer dialético⁴ com a realidade, que se contrapunha à, por ele nominada, educação bancária, por se tratar de uma educação tecnicista e alienante. O seu trabalho destaca-se na área da educação popular, tanto em ambientes como a de escolarização formal, quanto em formação da consciência política.

Uma importante compreensão que Paulo Freire proporciona é que “[...] ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (FREIRE, 1989, p. 31). Por meio dessa afirmação, percebe-se que todos os alunos levam para a sala de aula uma bagagem cultural e que é importante o educador saber o contexto que está inserido, além de conhecer o educando.

⁴ Em Freire, encontra-se uma visão dialética diferenciada em relação à tradição moderna. De uma forma distinta dos clássicos da dialética moderna (Hegel e Marx), há em seu pensamento uma significativa diferença no modo como fundamenta o processo dialético da vida humana em seu todo, pois parte da realidade concreta dos seres humanos desumanizados com o objetivo de problematizar o seu mundo através do diálogo crítico e transformador das culturas.

O respeito ao que o aluno leva para sala de aula não é realizado em todas as escolas e nem todos os educadores. Constatamos que esse modelo de educação possui princípios e características centrais que devem ser colocados em prática para se realizar um trabalho de educação que seja, realmente, transformadora.

A escola que se compreende como necessária, é aquela que investe também na formação de seus docentes e, por essa razão, compreende o educador e a educadora progressista. De acordo com Paulo Freire, esse profissional é aquele que:

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem, mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade (FREIRE, 2000, p. 44).

É importante compreender que a educação de qualidade é um direito a todos, sem distinção de classe social, e que a postura do e da profissional em um contexto de ensino e aprendizagem perpassam por escolha de algumas práticas. Elas são essenciais para a construção de um perfil freiriano de educador e educadora. Destacam-se: não transmitir, mas mediar o conhecimento, compreendendo que ele se transforma devido a uma construção histórica e social; não se reconhecer como seres detentores do conhecimento; proporcionar ambientes de escuta; apresentar currículos conectados com a vida, para, assim o conhecimento fazer sentido.

Paulo Freire, em seu livro: *Cartas a Cristina*, destacou alguns pontos que se aportam sobre uma crítica da educação, conforme é possível visualizar a seguir:

1- A alfabetização é um ato de conhecimento, de criação e não de memorização mecânica. 2- Os(as) alfabetizados(as) são sujeitos do e no processo de alfabetização. 3- A alfabetização deve partir do universo vocabular, pois deste retiram-se os temas. 4- Compreender a cultura enquanto criação humana, pois homens e mulheres podem mudar através de suas ações. 5- O diálogo é o caminho norteador da práxis alfabetizadora. 5- Leitura e escrita não se dicotimizam, ao contrário, se complementam e, se combinadas, o processo de aprendizagem fará parceria com a riqueza da oralidade dos(as) alfabetizados(as) (FREIRE, 1994, p. 163).

A educação proposta por ele é, antes de mais nada, o entender e o reconhecer que ser alfabetizado/a, em uma sociedade letrada, é um direito. Ou seja, a alfabetização é parte de um direito à educação e é preciso assegurá-lo em qualquer idade. Nas sociedades

modernas, por exemplo, o conhecimento escolar é quase uma condição para sobrevivência e bem-estar social. (HADDAD, 2006).

Outro aspecto importante e que fundamenta a Educação como um Direito Humano diz respeito ao fato de que o acesso à educação é em si base para a realização dos outros Direitos. Isso quer dizer que o sujeito que passa por processos educativos, em particular pelo sistema escolar, é normalmente um cidadão que tem melhores condições de realizar e defender os outros direitos humanos (saúde, habitação, meio ambiente, participação política etc.). A educação é base constitutiva na formação do ser humano, bem como na defesa e constituição dos outros direitos econômicos, sociais e culturais (HADDAD, 2006, s/p).

Portanto, a educação em um contexto entre ‘mundo-palavra-mundo’ está presente no cotidiano. Paulo Freire chamou isso de ‘movimento’, considerando que “[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo. Transformá-lo a partir de uma prática consciente” (FREIRE, 1982, p. 13).

Faz-se necessário, ainda, pautar a importância de uma prática da conscientização que não leve a “fanatismos destrutivos”, mas, ao contrário, leve a uma conscientização que possibilita ao indivíduo se inserir no processo histórico como sujeito, passando de uma pessoa ingênua para se descobrir como uma pessoa crítica.

Como Paulo Freire dizia: “[...] se o mundo é o mundo das consciências intersubjetivas, sua elaboração forçosamente há de ser colaboração” (FREIRE, 2017, p. 23). Então, ser alfabetizado, nessa compreensão, é saber o além do conhecimento exigido para ler e escrever palavras, é saber, prioritariamente, ler o mundo e compreender que as transformações se dão em uma coletividade.

Saber ler o mundo é necessário para não se ficar em uma condição de ‘excluído do sistema social’, nem de ser mantido fora dele. “Não ser um objeto de violência, em uma relação de dependência para com os que falsamente chamamos de seres autônomos e que, na realidade, são seres inautênticos” (FREIRE, 1980, p. 74).

Na realidade, esses indivíduos, analfabetos ou não, não são marginalizados, porque eles não estão “fora de”, são seres “para o outro”. Portanto, é necessário compreender que o caminho para a superação da dependência é inserir-se nessa estrutura que é responsável por esta dependência. “Não há outro caminho para a humanização – a sua própria e a dos outros -, a não ser uma autêntica transformação da estrutura desumanizante” (FREIRE, 1980, p. 75). Por isso, é tão necessário educar para a autonomia.

Sob esta perspectiva, o analfabeto não é então uma pessoa que vive à margem da sociedade, um homem marginal, mas apenas um representante dos extratos dominados da sociedade, em oposição consciente ou inconsciente àqueles que, no interior da estrutura, tratam-no como uma coisa. Assim, quando se ensina os homens a ler e escrever, não se trata de um assunto intrascendente de ba, be, bi, bo, bu da memorização de uma palavra alienada, mas de uma difícil aprendizagem para “nomear o mundo (FREIRE, 1980, p. 75).

Este olhar que identifica o analfabeto como oprimido pelo sistema dá, a ele, a possibilidade e a condição de se inserir em um processo de alfabetização como ação cultural para a liberdade, que nada mais é um sujeito que aprende, sabe ou conhece, por diálogo, com o educador.

Nesse sentido, percebe-se que isso é dialogar sobre uma sociedade em que existem opressores, e que se instauram em uma organização na qual “[...] é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam generosos” (FREIRE, 2017, p. 62). Por isso é que, para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos.

Diante dessa realidade, constata-se que essa estrutura social não é rompida, porque alguns não querem e não permitem o acesso e mudança social para uma significativa parcela da sociedade. “Por isto tudo é que a sua generosidade, como salientamos, é falsa” (FREIRE, 2017, p. 63). Falsa porque é a generosidade dos que não querem mudar o sistema, porque eles se beneficiam das condições de injustiça. Ou seja, a verdadeira generosidade está em lutar para que desapareçam as razões que alimentam o falso amor.

Sinteticamente, ser humanista é lutar com o povo pela recuperação da humanidade roubada e não conquistar o povo, e ser educador é não reproduzir práticas bancárias, pois esta desenvolve uma ação apassivadora. “Enquanto a missão da “educação bancária” é eliminar a capacidade crítica dos alunos e acomodá-los à realidade, a “educação problematizadora” quer despertar a consciência dos oprimidos, inquietá-los e levá-los à ação, libertação” (CANDICO, 2020, s/p).

Frente a esta realidade, não há espaço para a ingenuidade. Atualmente, em um pensamento social, a pessoa que não sabe ler e escrever vive um preconceito por estar nesta condição de analfabeto, pois é atribuída, à alfabetização, grande importância para os indivíduos e coletividades.

A alfabetização é considerada um dos pilares da cultura contemporânea, pelo valor que a leitura e a escrita adquiriram no modo de vida nas sociedades urbano-industriais permeadas pela ciência e tecnologia, e também por ser uma

ferramenta que permite o desenvolvimento de outras habilidades igualmente valorizadas nesse âmbito (GALVÃO; PIERRO, 2007, p. 13).

Por intermédio dessas informações, instaura-se o questionamento: como ter condições iguais em uma sociedade desigual? Ressalta-se, que um primeiro passo pode se dar pela oportunidade de alfabetizar todos, inclusive aqueles que não estão na “idade certa” e que se encontram privados de liberdade. Neste contexto urbano letrado, as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo passam a ser demandadas com maior reiteração para a obtenção de colocação e desempenho profissional, deslocamentos de espaços, resoluções de questões cotidianas financeiras e burocráticas, comunicação, entre outras.

A partir das reflexões críticas sobre o sistema em que a base é a exploração do homem pelo homem, Freire busca, por meio do processo educativo, uma veia necessária para que se rompa a relação entre oprimidos e opressores, em que parte do processo de alfabetização proposto por ele se baseia da definição de temas geradores que nascem a partir do diálogo, de um processo de escuta e leitura de mundo, tanto em meios de saber espontâneo quanto em saber com rigor científico.

Problematizar a realidade para identificar os temas geradores no contexto do educando gera condições para provocar reflexões mais aprofundadas instigando a saber mais o que ele já sabia, despertando o interesse, melhorando a autoestima e fazendo com que o educando se sinta parte daquele processo de construção. Isso acontece porque os temas são validados com os educandos, para só então criar a programação do que vai ser trabalhado nos próximos passos. É, portanto, impregnar de sentido à vida.

Alfabetizar, em uma perspectiva freiriana, é entender que ninguém sabe tudo, que se aprende nessa relação, que o educador não pode silenciar o saber do educando, que é necessário saber escutar, conhecer, criar condições de aprendizagem em espaço socioeducativo em círculo e não em estruturas hierarquizadas. É saber, ainda, que se educa não só pelo que é dito, mas pelo o que é mostrado, na prática.

Nessa perspectiva, o diálogo entre tais práticas promove processos educativos que contribuem nas formas de lidar com o conhecimento, dele se apropriar, e, assim, construir uma trajetória de vida ancorada em princípios de convívio, libertação e humanização, tomando em suas mãos a sua história, como um sujeito de direitos, independentemente de seu momento de vida no presente (ONOFRE, 2013, p. 103).

Para Freire, o projeto de educação é o projeto de sociedade que se quer alcançar e, nessa perspectiva, ela deve ser democrática, ética, com princípios de solidariedade e defender os direitos humanos. É ser capaz de mudar a realidade para que ela seja mais justa e sustentável, e isso só é possível em uma educação que gera emancipação, autonomia e criticidade para a cidadania.

Nesse caminho da educação para a independência o tema gerador⁵, é criador, porque dialoga com oposições em um equilíbrio instável, “[...] nele há valores significativos adquiridos pelas experiências de vida, os quais contaminam signos que se expressam e parturizam pessoas novas” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 448).

A palavra geradora não é um método, um meio neutro, uma metodologia. O universo temático não é uma estratégia mediadora inocente; é o núcleo mesmo cuja fissão nuclear imanta a direção política da libertação. (...). Para Freire, as palavras geradoras fundam um universo significativo temático, um tema gerador. E as palavras geradoras são colhidas nas conversas formais e informais, sendo necessária a capacidade especial de pesquisador e de educador que sabe que não sabe e, por isso, ouve e nutre a curiosidade epistemológica, diferindo do educador bancário alienado porque saturado de si em excesso. Há nessa escuta um aprendizado e uma opção política de se deixar surpreender pela vida pelas experiências humanas, sobretudo aquelas que reincidentem das dores, reiteradas, pelas falas, que emergem nos discursos (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018, p. 448-449).

Pode-se dizer que a *Filosofia da Educação*⁶ em Paulo Freire, pode ser realizada dentro e fora da escola e que ela provoca mudanças de atitudes, pois se utiliza de práticas libertadoras e emancipadoras, com princípios de dialogicidade⁷, de alteridade⁸, de equidade e de direitos sociais.

A maneira como se aprende a ler e a escrever foi e está sendo questionada também pela psicóloga e pedagoga argentina Emília Beatriz Maria Ferreiro Schavi⁹ que, em seu Doutorado na Universidade de Genebra, foi orientada do Jean Will Fritz Piaget¹⁰ que,

⁵ Para saber mais: Ler o verbete tema gerador do Dicionário Paulo Freire, de: Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski.

⁶ Transcende um passo a passo.

⁷ Para saber mais: Ler o verbete dialogicidade do Dicionário Paulo Freire, de: Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski.

⁸ Para saber mais: Ler o verbete alteridade do Dicionário Paulo Freire, de: Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski.

⁹ Atualmente é Professora Titular do Centro de Investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, na Cidade do México.

¹⁰ Piaget impulsionou a Teoria Cognitiva, que propõe a existência de quatro estágios de desenvolvimento cognitivo no ser humano: os estágios Inteligência sensório-motora; Pré-operatória; Operatório concreto, e Operatório formal ou abstrato. Piaget influenciou a educação de maneira profunda. Para ele, as crianças só podiam aprender aquilo para qual estavam preparadas a assimilar. Aos professores, caberia aperfeiçoar o processo de descoberta dos alunos.

além de ter sido um dos influenciadores do Paulo Freire, foi também um importante biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço. Então, Paulo Freire e Emília Ferreiro têm bastante em comum, existem relação entre as suas teorias.

Tendo em vista que o ser humano não aprende a ler e a escrever decorando e que é necessário estar preparado motoramente, a pessoa que está aprendendo reflete sobre a linguagem e não apenas a decora. Assim, o centro da aprendizagem não é mais o professor, mas é, sim, como o aluno aprende. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Tanto a criança quanto o adulto compreendem que a escrita representa a fala, fazem hipóteses, embora o repertório do adulto ser maior que o de uma criança. Contudo, ao escrever eles criam as hipóteses de escrita que não devem ser entendidas como erros, mas como um processo, que devem sofrer intervenções para superação das hipóteses. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

No entanto, ter essa identificação singular entre uma criança e um adulto, não quer dizer que eles aprendem da mesma maneira e que as atividades realizadas devem ser similares. Por isso, é necessário respeitar a história de cada indivíduo, além dos desafios que para cada geração são totalmente diferentes. Para Emília Ferreiro, o termo alfabetização tem sentido de um processo que ela considera:

[...] não um estado, mas um processo. Ele tem início bem cedo e não termina nunca. Nós não somos igualmente alfabetizados para qualquer situação de uso da língua escrita. Temos mais facilidade para ler determinados textos e evitamos outros. O conceito também muda de acordo com as épocas, as culturas e a chegada da tecnologia (FERREIRO, 2003).

Sendo, então, a aprendizagem algo permanente, tendo em vista que as pessoas continuam se alfabetizando a vida inteira, Paulo Freire agrega trazendo a dimensão política para o processo do sentido da educação. Ele dizer ser essencial “[...] uma educação para ter a esperança, não do verbo esperar, mas uma esperança do verbo esperar (CORTELLA, 2015, p. 22). É uma educação que proporciona o protagonismo, a ação de cidadania pensada e realizada de maneira coletiva.

Freire (2017) também dizia para “fazermos” *a denúncia com anúncio*. Denúncia que diz respeito a saberes e práticas curriculares que emanam da tradição eurocêntrica¹¹.

¹¹ Centralizado na Europa e/ou nos europeus; que tende a interpretar o mundo segundo os valores do ocidente europeu.

O anúncio se apresenta como uma proposta contra-hegemônica¹², na perspectiva de construção de um currículo crítico emancipatório. A educação deve ser pautada para o *Ser mais*, aquela em que, para Paulo Freire, é a vontade dotada de potência que os educandos e os educadores devem procurar em atitudes, para fazer emergir uma Educação digna, amorosa e consciente. (HADDAD, 2006).

Sempre que podia, explanava questões no sentido de não imitarem a ele, mas sim de recriá-lo. Então, esse é o maior legado dele, a possibilidade de conhecê-lo e reinventá-lo. “Paulo Freire permanece vivo no seu legado de profunda transformação e ação renovadora do processo de alfabetização e nos sistemas de educação popular” (BRANDÃO, 2006, p.109). Portanto, é necessário, ao alfabetizar com e pelo método de Freire, levar em consideração as diferenças das intergerações, vivências, contexto político, social e cultural.

Por fim, esse movimento para o “Ser mais”¹³ parte, também, da democracia enquanto estrutura política, que emana do povo. A sociedade em si, unida pela Educação na perspectiva humana, propicia a prática da reflexão e leva à consciência de seus direitos.

¹² A palavra hegemonia é usada como base pelo filósofo italiano Antônio Gramsci para descrever o processo de dominação pelos mais diversos veículos comunicacionais. A elite, controlando esses meios, distorce e/ou oculta fatos para promover, entre a população em geral, sua forma de pensar.

¹³ Para saber mais ler verbete: Ser Mais na página 426-428, no livro: Dicionário Paulo Freire de: Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitzoski.

CAPÍTULO: 2 – A pedagogia como profissão, a especificidade do/a pedagogo/a na Fundação Casa e suas referências teórico-práticas

Este capítulo, em seu primeiro item, vai apontar os aspectos históricos sobre o curso de Pedagogia, desde a Grécia antiga até aos dias atuais, perpassando sobre as condições legais e disputas políticas. É apresentado, também, o perfil da(o) Profissional Pedagoga(o) no Brasil. Em um segundo momento deste capítulo, será possível visualizar as informações quanto ao setor pedagógico e a profissional pedagoga na Fundação CASA. A última parte deste capítulo, por sua vez, apresenta a base teórica deste trabalho, que foi dividido em três grandes campos de aprofundamento: “A prática de uma educação cidadã e transformadora”, “O analfabeto” e “Pedagogia e a Profissional Pedagoga”.

As informações apresentadas aqui servem para contribuir com a transição entre o Capítulo 1 que explana sobre uma Educação Libertadora na perspectiva freiriana e o Capítulo 3 que trata sobre os procedimentos metodológicos para a realização dessa pesquisa, dando conta a temática do trabalho que é: “Limites e Possibilidades da Pedagoga na Alfabetização: Trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA”.

2.1 Breve história da Pedagogia e da(o) Pedagoga(o)

A palavra pedagogia tem origem na Grécia antiga e vem das palavras: *paidos* (da criança) e *agein* (conduzir). (SAMPAIO, 2007). Na Grécia antiga, eram chamados de pedagogos os escravizados¹⁴ que acompanhavam as crianças que iam para a escola¹⁵ e,

¹⁴ Tinham sobretudo a obrigação de cumprir tarefas relacionadas com a casa do senhor, desempenhando além disso funções econômicas. Apesar de terem sido contemplados pelas leis, os escravos eram considerados apenas habitantes da cidade e não cidadãos, não sendo, portanto, abrangidos pelos direitos e regalias (Infopédia- Escravos na Grécia Antiga, 2003 – 2021).

¹⁵ A educação grega estava centrada na formação integral – corpo e espírito – a ênfase da educação se demandava mais, ora para o preparo militar ou esportivo, ora para o debate intelectual conforme a época e o lugar. Quando não existia a escrita, a educação era dada pelas famílias seguindo a tradição religiosa, os jovens da elite eram deixados a cargo dos preceptores. Com o surgimento das Polis nascem as primeiras escolas, mas mesmo com o aparecimento da oferta escolar, a educação permanecia elitizada atendendo principalmente os filhos da antiga nobreza e os pertencentes a famílias de comerciantes ricos. Na sociedade escravagista grega existia o “Ócio digno”, que significava dispor de tempo livre, privilegio de quem não precisava cuidar do sustento, mas não se deve confundir o “Ócio digno” com o “fazer nada”, ele alude a ocupar-se com as funções de governar, pensar, guerrear. Não é por acaso que a palavra grega para escola (*scholé*) significava inicialmente o lugar do ócio (ARANHA, 2006, p. 62).

como escravizados, eles tinham um papel de submissão à criança, mas, em alguns momentos, tinham que fazer valer a sua autoridade e essas situações fizeram com que eles desenvolvessem habilidades no cuidado com as crianças.

Desde a Antigüidade, a educação é pensada por e para homens e mulheres, e dentre outras coisas se pode tomá-la como forma de garantir a sobrevivência histórico-cultural da espécie humana, como as sociedades mais primitivas e as formas mais individualistas de educar crianças e jovens. Um dos mediadores dessa sobrevivência é o pedagogo: o condutor da criança; isto é, o escravo que acompanhava crianças e jovens: sua “ação” era guiá-las à escola (discaléia) ou ao *gymnásion*, onde se aprendiam as letras e o cultivo do corpo (GONÇALVES; DONATONI, 2007, p. 05).

Os séculos XVII e XVIII tiveram, como marco, o início de discussões no campo da educação com foco na atualização de processos pedagógicos e na análise do conceito de infância. Esse período teve como contribuição Comenius¹⁶ e Rousseau¹⁷.

O plano pedagógico de Comenius era fundamentalmente dedicado às artes liberais, integrando o conteúdo informacional com o raciocínio crítico. Ele desaprovava a aplicação do escolasticismo¹⁸ formal e estéril da Baixa Idade Média no ensino de crianças e jovens.

Para Rousseau, as escolas tradicionais corrompiam o homem e tiravam-lhe a liberdade. Ele defendia que, para a criação de um novo homem e de uma nova sociedade, seria preciso educar as crianças de acordo com a Natureza¹⁹, desenvolvendo gradativamente seus sentidos e a razão com um olhar à liberdade e à capacidade de questionar. (SCHAFER, 2002).

A história da Pedagogia Ocidental nasceu entre os séculos XVIII e XIX e desenvolveu-se no decorrer desse período com a participação prioritariamente de pessoas

¹⁶ Jan Amos Komenský (em latim, *Iohannes Amos Comenius*; em português, João Amós Comênio; Nivnice, 28 de março de 1592 – Amsterdam, 15 de novembro de 1670) foi um bispo protestante da Igreja Morávia, educador, cientista e escritor checo. Como pedagogo, é considerado o fundador da didática moderna.

¹⁷ Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 28 de junho de 1712 — Ermenonville, 2 de julho de 1778), foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata genebrino. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo, foi um dos principais influenciadores da formação do pensamento político e educacional moderno.

¹⁸ É um método que se baseia num preceito religioso ou numa doutrina religiosa.

¹⁹ Schäfer (2002, p. 48) afirma que o conceito de natureza em Rousseau está ancorado em pelo menos cinco aspectos diferentes: a) como padrão de crítica à sociedade e à cultura; b) como referência para esclarecer a origem do homem; c) como orientação normativa à existência do homem mediante condições sociais diferenciadas; d) como conexão entre lei divina e emprego humano adequado da razão e, por último; e) como indissociabilidade entre razão teórica e razão prática.

ligadas à escola, dedicados na “[...] organização de uma instituição cada vez mais central na sociedade moderna”, para formar técnicos e cidadãos (CAMBI, 1999 p. 21).

Considera-se que o berço da Pedagogia Ocidental²⁰ foi na Grécia, pois lá que nasceram as primeiras ideias acerca da ação pedagógica que influenciaram a educação no ocidente, vinculando a imagem do Pedagogo à formação das crianças.

Na verdade, ainda existem influências atualmente. No Brasil, por exemplo, é possível citar a materialização e sustentação do curso de Pedagogia.

Desde as diretrizes do curso de Pedagogia e formação inicial de pedagogas(os) criado pela Lei nº 190/1939²¹ no Governo Getúlio Vargas, que foram mantidas em 1962²² e 1969²³, conforme apontado por Libâneo e Pimenta (1999), observa-se tensões e equívoco: “[...] uma concepção que defendia a docência escolar como base da formação de todo o educador, na qual a pedagogia sempre remetia à docência e a parecia esvaziada de seu significado epistemológico mais abrangente”. Anteriormente a essas diretrizes, prevalecia um campo e atuação de trabalho do pedagogo em ambiência não escolar.

Mesmo após os encaminhamentos de autoria do Professor Valnir Chagas²⁴, no período de 1973 -1977, época de reestruturação dos cursos superiores de formação do magistério no Brasil, ao movimento para não extinção do curso de Pedagogia em 1978, a Lei de Diretrizes e Bases n.º 9.394/1996 são mantidas as atribuições previstas nos Pareceres do Conselho Federal de Educação nº 252, 253 e na Resolução CFE nº 2/69.

A Resolução CNE/CP nº 1/2006 que versa sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais, marca um período de concretização das propostas com uma identidade docente; expõe que licenciatura em Pedagogia é destinada à formação de professores, gestores e pesquisadores, atribuindo a este profissional habilitações como: professor do curso normal, professor de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental,

²⁰ Da antiguidade pré-grega aos nossos dias (CAMBI, 1999, p.17).

²¹ O Decreto Lei nº 190/1939, trouxe a habilitação de bacharelado e a finalidade como técnico da educação, com atribuição de atuar em setores governamentais e funções administrativas do sistema escolar.

²² Parecer do Conselho Federal de Educação nº 251 e nº 292/1962 - Habilitação Bacharelado mais licenciatura (Curso de Didática) e atribuição técnico-pedagógico para atuação em funções da administração escolar e Docente do Curso Normal.

²³ Parecer do Conselho Federal de Educação nº 252, 253 e Resolução CFE nº 2/1969 - Extingue a diferenciação entre bacharelado e licenciatura. Introduziu a formação de professores para o Ensino Normal e de especialistas. Apresentava como atribuição de que o professor era para atuar no ensino primário e secundário com habilitação em Orientação educacional, Administração, Supervisão e Inspeção em escolas e sistemas escolares.

²⁴ Raimundo Valnir Cavalcante Chagas (1921-2006), foi um dos principais autores da reforma universitária.

atuação no suporte escolar em atividades de planejamento, execução, coordenação e acompanhamento.

Reforçando as discussões de 2006, que foram marcadas por mobilizações e articulação, principalmente do corpo de educadores e estudiosos da educação, propunham que:

O curso de pedagogia destinar-se à formação de profissionais interessados em estudos do campo teórico-investigativo da educação e no exercício técnico-profissional como pedagogos no sistema de ensino, nas escolas e em outras instituições educacionais, inclusive as não-escolares (LIBÂNEO; PIMENTA, 1999, p. 242).

Esta concepção nova que consolidou o curso de Pedagogia como licenciatura, alicerçando como um curso superior instituída pela Resolução CNE/CP nº I, de 15 de maio de 2006, trouxe a perspectiva de uma profissionalização e ampliou a atuação para além de uma educação formal, conforme o que é apresentado abaixo:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Pedagogia é o curso responsável pelos assuntos relacionados à educação. Trata-se de uma licenciatura, com uma grade horário-curricular, que atribui à profissional pedagoga e pedagogo algumas habilitações em educação, como: ensino infantil, séries iniciais do ensino fundamental, educação de jovens e adultos, coordenação pedagógica, gestão escolar, supervisão escolar, orientação pedagógica e pedagogia social.

Além dessas atribuições elencadas acima, também cabe a este profissional, na ausência de professores de áreas específicas, a autorização para lecionar as disciplinas que compõem a grade curricular do Ensino Fundamental e Médio. Há, ainda, a possibilidade de poder trabalhar em tarefas de área técnica científica da educação, como na assessoria educacional.

No entanto, conforme apontado por José Leonardo Severo em uma pesquisa sobre a Pedagogia e as(os) pedagogas(os) em espaços não-escolares: apontamentos desde uma investigação empírica, por meio de análise de 20 Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) de Universidades Federais do Brasil, o currículo do curso de Pedagogia apresenta

ambivalências e antagonismos das posições que, historicamente, têm buscado incidir sob as características que devem ser preconizadas no desenvolvimento da formação inicial do profissional pedagogo.

Em sua análise, Severo (2017) aponta que o currículo do curso de Pedagogia está centrado quase que exclusivamente na formação de professores para o exercício do magistério escolar, deixando em segundo plano o desenvolvimento de processos educativos não-escolares. Seus resultados levantam questionamento sobre se o curso de Pedagogia tem possibilitado formação adequada em todos os campos de exercício profissional previstos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's). Ressalta-se que em nenhum Projeto Pedagógico de Curso analisado por Severo (2017) contemplou a definição conceitual de educação não-escolar.

Em conformidade com as DCNs, os objetivos dos cursos se propõem, em maior ou menor medida, a um processo de formação de pedagogos para o ensino, a gestão e a pesquisa em espaços escolares e não escolares. Contudo, do ponto de vista discursivo, os textos utilizados para traduzir os objetivos do curso se revelam como um dado híbrido em que há ênfases, sobreposições e articulações distintas dos aspectos que configuram o propósito do curso de Pedagogia (SEVERO, 2017, p. 07).

O propósito do curso de Pedagogia, conforme o estabelecido nas Diretrizes Nacionais do Curso de Pedagogia, art. 5º, item IV, é: “[...] trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo” (Diretrizes Nacionais do Curso de Pedagogia, 2006).

Nesse sentido, percebe-se que, diante do que consta em documentos como as Diretrizes Nacionais do Curso de Pedagogia e o constatado na pesquisa de 20 Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) de Universidades Federais do Brasil, pelo José Leonardo Severo, no que se refere a formação da(o) profissional pedagoga(a) para a Educação não-escolar, essa situação ainda é algo a ser ampliada e efetivada.

Conforme consta no site do Ministério da Educação, em referência aos dados do Censo do Ensino Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) no período de 2002 à 2009, o número de profissionais com formação em Pedagogia praticamente dobrou, saindo de 65 mil para 118 mil formandas(os), nesse curto período de sete (07) anos.

Segundo o Censo de Educação Superior de 2017, a licenciatura em Pedagogia é o curso, entre as licenciaturas, com o maior número de matrículas, equivalente a 44,07%

do total, seguida pelo curso de Educação Física com 11,07 %; e Matemática, com 6% do total.

Um marco para a história do Curso de Pedagogia é que, conforme apontado na notícia da revista *Veja* de 20 de julho de 2018, como fonte Hoper Educação: “Os primeiros cursos de graduação à distância no Brasil datam de 1995 e serviam principalmente para oferecer formação em pedagogia para professores”.

Em um artigo publicado no site da *Veja* para Mariana Lajolo, em 2018 o secretário de EAD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul o Sr. Lovois Miguel, apresenta três perfis de alunos no ensino a distância:

[...] o do jovem que não tem condições de sair do meio em que se encontra para ir a uma universidade; profissionais que já atuam no mercado e moram em cidades distantes ou não têm flexibilidade de horários; e o de pessoas de mais idade, que querem se reciclar e buscar novas perspectivas profissionais.

Nesse mesmo artigo, é apresentado o perfil da(o) estudante do curso de Educação à Distância, cuja idade fica em torno dos 28 anos; em contrapartida, na Educação Presencial, é, em média, de 21 anos. Outro dado revelado na reportagem, baseada nas informações do INEP, é que cerca de 86% das pessoas começam a educação à distância mais de dois anos após a conclusão do Ensino Médio. O perfil predominante nos cursos de licenciaturas é de que, todas essas informações vêm de encontro para que o curso de Pedagogia seja o mais procurado na EAD: com 26%; seguido de administração, com 13%; Ciências Contábeis, 7%; Serviço Social, 6%; e Gestão de Recursos Humanos, 5%.

Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), em 2020, a remuneração do Pedagogo apresentava uma variação entre R\$ 1.973,61 a R\$ 5.892,24, com piso salarial de R\$3.558,55.

No site *Salario.com*, em seu no Artigo: Profissão-Pedagogo, apresenta que o perfil profissional mais recorrente é do sexo feminino, com 29 anos, que trabalha 44 horas semanais em escolas do Ensino Fundamental. A cidade com mais contratações e, conseqüentemente, com mais vagas de emprego para esta profissional, é a cidade de São Paulo.

Por fim, com base nessas informações históricas e dados atuais, é possível verificar quem é a(o) profissional pedagoga(o), como se dá essa formação, além dos caminhos a serem avançados.

2.2 O Setor Pedagógico e a Pedagoga na Fundação CASA

Anteriormente chamada de “FEBEM”, a atual Fundação CASA teve sua nomenclatura alterada por meio da Lei Estadual 12.469/2006. Essa mudança disparou a necessidade de se construir um novo modelo físico para os Centros de Atendimento. A nova estrutura foi projetada para atender cerca de cinquenta e seis (56) adolescentes, divididos em quarenta (40) na Internação, conforme o previsto no Artigo 122 do ECA; e dezesseis (16) em Internação Provisória, como preconiza o artigo 108 deste mesmo Estatuto. Ele determina que estes Centros seriam de gestão plena ou gestão compartilhada com Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP’s), mas permanecendo outros modelos arquitetônicos.

A Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), anteriormente chamada Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo (Brasil) vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania. Sua função é executar as medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais com idade de 12 a 21 anos incompletos, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (s/d).

Conforme a Assessoria de Inteligência Organizacional em Boletim Estatístico de 08/01/2021 a Fundação CASA conta com um total de 133 Centros de Atendimento, distribuídos em 50 municípios, incluindo a Capital, sendo desse total 19 centros de atendimento com gestão compartilhada.

Quadro 1 - Quantidade de Centros por tipo de atendimento

QUANTIDADE DE CENTROS POR TIPO DE ATENDIMENTO	Quantidade
Atendimento Inicial (Art. 175)	5
Atendimento Inicial / Internação (Art. 175 e Art. 122)	3
Atendimento Inicial / Internação Provisória e Internação Sanção (Art. 175 e Arts. 108 e 122-III)	5
Atendimento Inicial / Internação Provisória e Internação Sanção / Internação (Art. 175, Arts. 108 e 122-III e Art. 122)	2
Internação (Art. 122)	65
Internação / Internação Sanção (Art. 122 e Art. 122-III)	4
Internação Provisória / Internação (Art. 108 e Art. 122)	1
Internação Provisória e Internação Sanção (Arts. 108 e 122-III)	9
Internação Provisória e Internação Sanção / Internação (Art. 108 e Art. 122-III, e Art. 122)	21
Semiliberdade (Art. 120)	18
TOTAL (distribuídos em 50 municípios, incluindo a Capital) sendo que 19 centros de atendimento são gestão compartilhada.	133

Fonte: Boletim Estatístico Diário da Fundação CASA – Posição 08/01/2021

A Fundação CASA, encontra-se, também, em um período diferente de todo o histórico, no que se diz por exemplo a superlotação, ela vem em um processo de redução

de número de adolescentes na Instituição e apresenta uma taxa de ocupação bastante diferente de anos atrás, época em que saiu em uma notícia, como: “Fundação Casa: 50% das unidades na Grande SP estão superlotadas”²⁵. Essa notícia foi publicada em julho de 2017 e, pouco mais de três anos depois, além de não ter mais superlotação a taxa de ocupação está em 59%, conforme apresentado no quadro abaixo.

Quadro 2 - Taxa de Ocupação

REGIONAL	Lotação atual	Capacidade Instalada	Taxa de Ocupação
DRL - Guarujá	452	812	56%
DRMC - Campinas	603	1096	55%
DRMNO - Noroeste	806	1238	65%
DRMSE - Sudeste	774	1601	48%
DRN - Ribeirão Preto	507	886	57%
DRO - Marília	575	1038	55%
DRS - Iaras	706	1127	63%
DRVP - Jacareí	616	786	78%
FUNDAÇÃO	5039	8584	59%

Boletim Estatístico Diário da Fundação CASA – Posição 08/01/2021.

Trata-se em uma questão em contexto de Pandemia da COVID-19, mas até mesmo, antes o quantitativo de adolescentes já vinha em um decrescente populacional. Conforme possível visualizar a seguir.

Quadro 3 - Decrescente populacional por Programa de Atendimento

PROGRAMAS DE ATENDIMENTO	27.12.2018	31.12.2019	31.12.2020	08.01.2021
Atendimento Inicial (Art. 175)	24	48	15	24
Internação Provisória (Art. 108)	800	753	555	666
Internação Sanção (Art. 122-III)	154	145	33	32
Internação (Art. 122)	6260	5555	3929	3940
Semiliberdade (Art. 120)	365	330	0	0
TOTAL	7603	6831	4532	4662
Atendimento Externo (Cdp/Clínica/Dp/Hospital/Residência)	22	19	5	5
Residência - Covid-19 Prov. CSM N° 2546_2020	0	0	374	372
TOTAL (com atendimento externo)	7625	6850	4911	5039

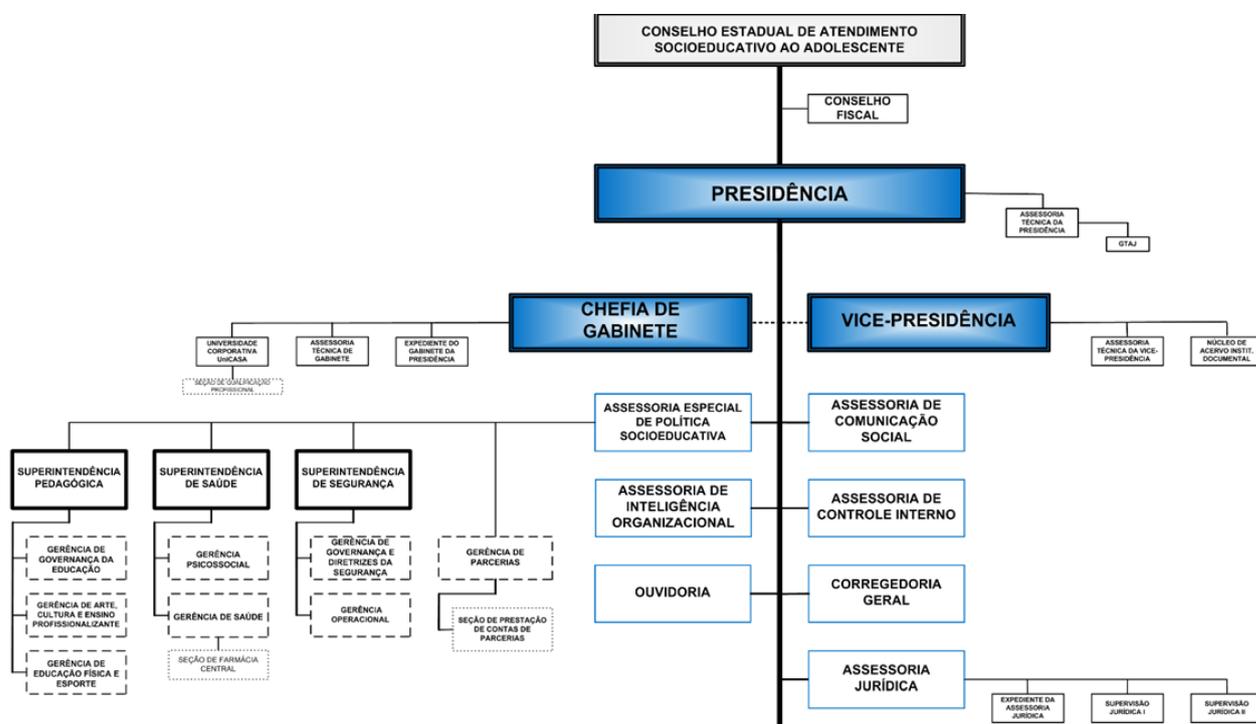
Fonte: Boletim Estatístico Diário da Fundação CASA – Posição 08/01/2021

²⁵ <https://ponte.org/fundacao-casa-50-das-unidades-na-grande-sp-estao-superlotadas/>. Pesquisado em: 27/07/2020.

As figuras 1, 2 e 3, a seguir, elaborada pela Assessoria de Inteligência Organizacional da Fundação Casa, representa a estrutura atual que compõe a instituição desde a sua presidência, chefia de gabinete, assessorias e superintendências, diretorias e CASAS (Centros de Atendimento Socioeducativo).

Para melhor visualização do(a) leitor(a) a imagem original foi desmembrada em três figuras nas quais se poderá observar desde a sua direção até os CASA's que executam sua política institucional. Sendo, figura 1 – Presidência, figura 2 - Diretoria de Gestão Administrativa e figura 3 - Diretoria de Gestão e Articulação:

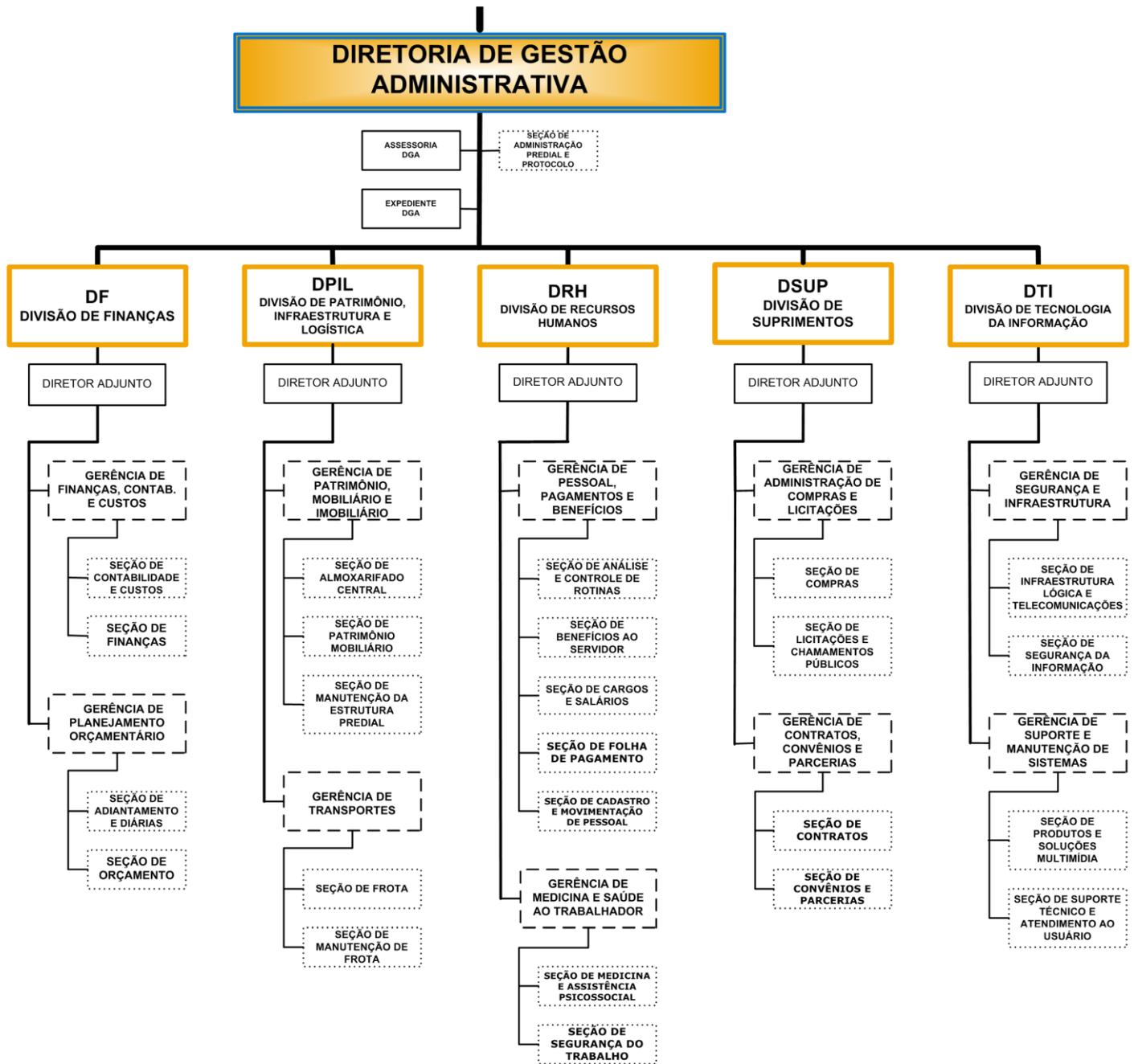
Figura 1- Organograma da Fundação CASA – Presidência



Fonte: Elaborada pela Assessoria de Inteligência Organizacional da Fundação CASA.

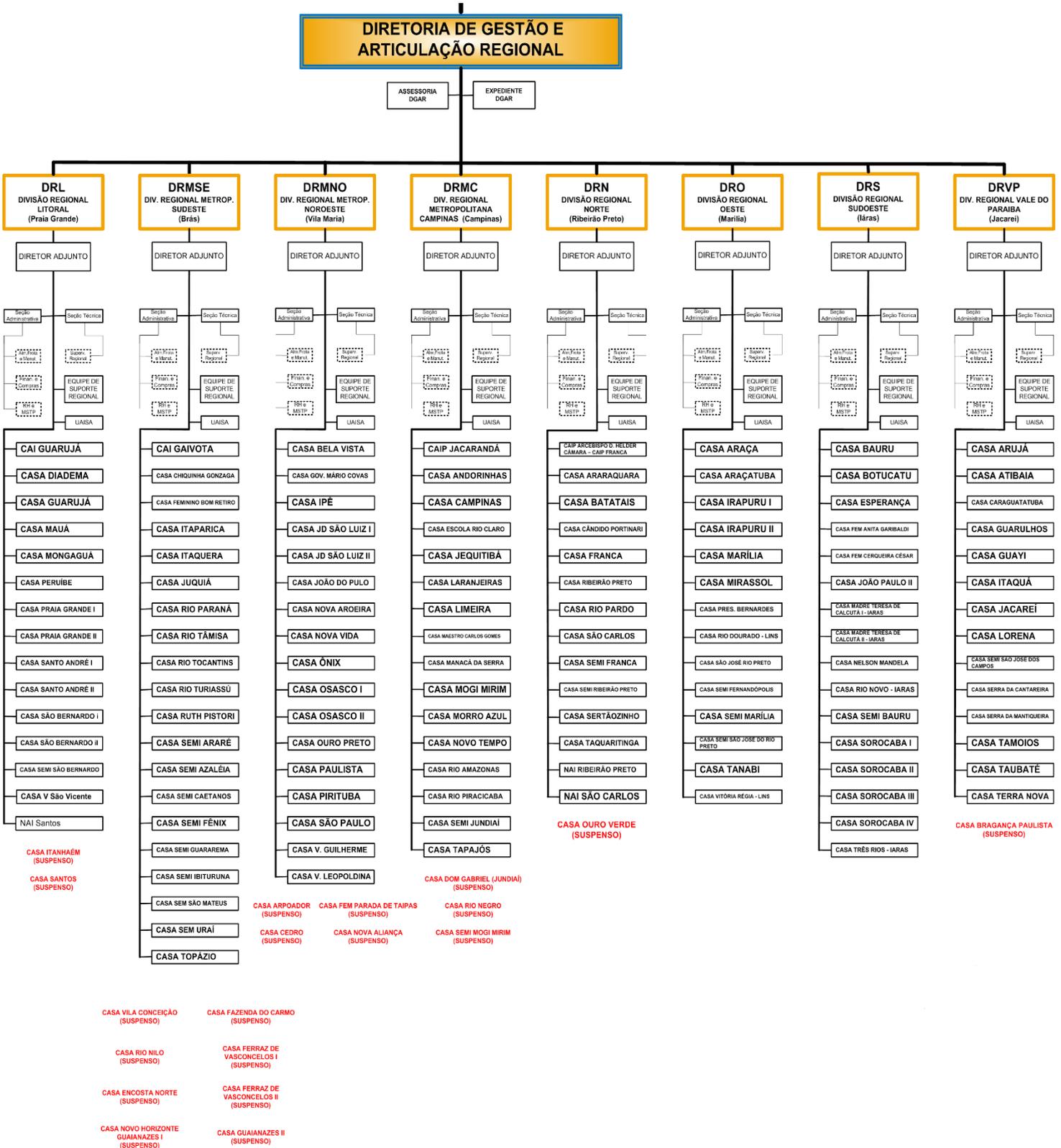
Cabe ressaltar que toda essa estrutura ligada à Presidência está administrativamente lotada na Sede da Fundação CASA, que fica próximo à Estação da Luz do Metrô, com exceção do Núcleo de Acervo Institucional que atualmente se encontra fisicamente no extinto complexo Tatuapé. O mesmo acontece com os setores da figura 2, abaixo, onde a grande parte está na Sede e apenas a Divisão de Patrimônio, Infraestrutura e Logística que fica estruturalmente em um prédio na Zona Norte de São Paulo.

Figura 2 - Organograma da Fundação Casa - Diretoria de Gestão Administrativa



Fonte: Elaborado pela Assessoria de Inteligência Organizacional da Fundação CASA

Figura 3 - Organograma da Fundação Casa - Diretoria de Gestão e Articulação Regional

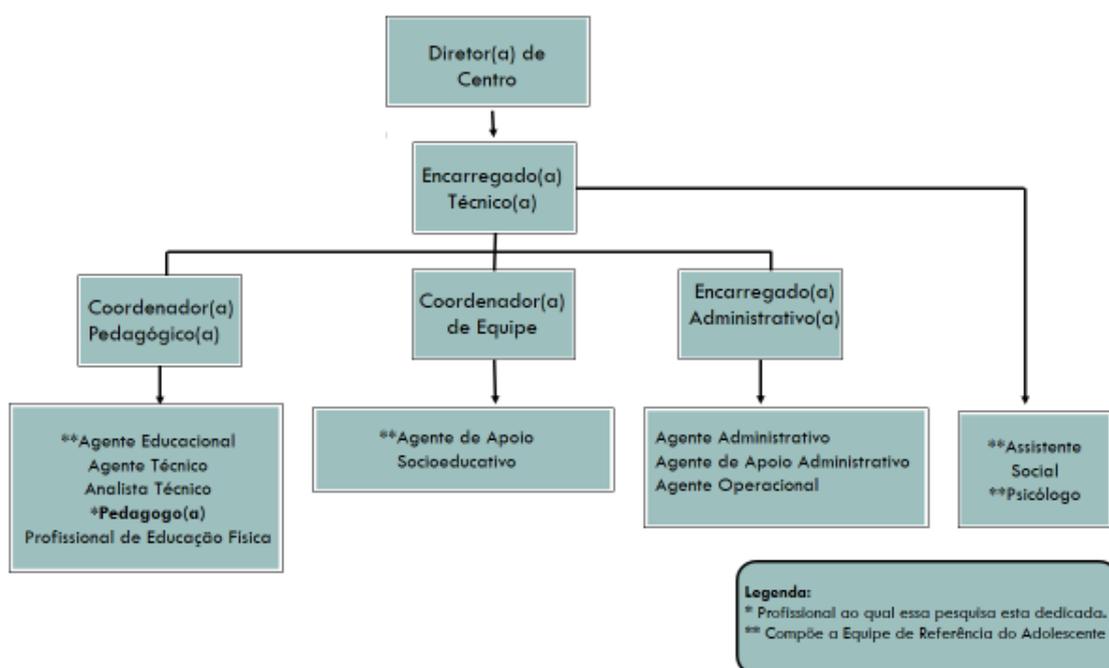


Fonte: Elaborada pela Assessoria de Inteligência Organizacional da Fundação CASA.

Essa Figura 3 apresentou a organização das oito atuais Divisões Regionais no Estado de São Paulo, distribuídas entre: Capital, Interior e Litoral.

São vários os setores que compõe a estrutura organizacional, mas, o que importa nesta pesquisa e o que será aprofundado é o setor pedagógico que está dentro dos Centros de Atendimento, que é subordinado a Encarregada Técnica e por conseguinte a Diretoria do Centro. Conforme é possível observar abaixo, o Organograma de um Centro de atendimento, segundo a instituição:

Figura 4 - Organograma de um Centro de Atendimento da Fundação CASA de Gestão Plena:



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Destaca-se, por meio desse organograma, o local que a profissional Pedagoga ocupa na estrutura hierárquica de um centro de atendimento, assim como a equipe que ela compõe.

Seguindo as orientações do ECA e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) resolução, o ano de 2006 foi o marco político da descentralização administrativa, processo de municipalização, início das discussões do atendimento individualizado, por meio do Diagnóstico Polidimensional e Plano Individual de Atendimento, além de maiores investimentos em capacitação profissional e ações intersetoriais, em São Paulo.

Essas alterações de políticas no atendimento proporcionaram quedas no número de “rebeliões” com queda de oitenta (80) ocorrências em 2003, para uma (01) em 2009, bem como a diminuição de reincidência de 29% em 2006, para 15% no final de 2015, segundo dados extraídos do site da Fundação CASA. Segundo Adilson Fernandes Souza, “[...] o processo de formulação de política é aquele através do qual os governos traduzem seus propósitos em programas e ações, que produzirão resultados ou as mudanças desejadas no mundo real” (SOUZA, 2003, p. 13).

O processo de municipalização das medidas socioeducativas finalizou em 2010 e ela resultou no reconhecimento de que o município deve se responsabilizar pela coordenação e execução das medidas socioeducativas em meio aberto, a liberdade assistida e a prestação de serviços à comunidade.

Essa ação significou compromisso com a Resolução do CONANDA nº 113 de 2006 (artigo 30, inciso II) e foi contemplada pela Lei 12.594/12, na qual se estabelece que a responsabilidade das medidas socioeducativas de semiliberdade e internação ficou a cargo dos Estados, sendo então essa a tarefa da Fundação CASA.

Uma mudança que articulou os anseios pela humanização do sistema, foi a criação do “plano individual de atendimento” (PIA) conforme prevê na Lei do SINASE (Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012, em seu capítulo IV).

A elaboração do plano individual de Atendimento é de responsabilidade da equipe técnica da entidade, tomando por base a escuta do adolescente e do seu grupo familiar, bem como os relatórios e pareceres das equipes técnicas de todos os órgãos públicos, programas e entidades que lhes presta atendimento (SINASE, 2012).

O PIA²⁶, reorienta o sistema socioeducativo para sua verdadeira perspectiva de contextualizar a realidade de cada adolescente, sua trajetória de vida, formação, vivências, desafios no cotidiano, entre outras. Ainda é um desafio alinhar institucionalmente todo sistema socioeducativo seja Fundação CASA, poder judiciário e profissionais, porém, permite essa visão de prioridade sobre o sujeito em desenvolvimento vitimado em uma sociedade com grandes desigualdades e injustiças sociais.

Para dar conta de uma agenda pedagógica, a instituição conta com alguns parceiros e dentre os principais estão, no eixo Educação: com a Rede Estadual e Municipal de ensino; no Eixo Esporte, Cultura e Lazer: Organizações Sociais como o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC

²⁶ Para maiores informações acessar o Plano Decenal de Atendimento Socioeducativo de SP, página 45.

Educação) e Ação Educativa; no Eixo Profissionalização, Trabalho e Previdência: com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Este Setor Pedagógico nos Centros de Internação possui uma estrutura composta por: Coordenação Pedagógica, Pedagogas(os), Agentes Educacionais e Profissionais de Educação Física.

Os e as profissionais integrantes da equipe pedagógica nos Centros de Internação de gestão plena, têm o papel da Coordenação Pedagógica com a tarefa “[...] corresponsável pela construção de uma equipe coesa, engajada e, sobretudo, convicta da viabilidade operacional das prioridades assumidas e formalizadas no PPP²⁷ da Unidade” (Superintendência Pedagógica, 2019, p. 56). Este(a) profissional tem em sua função à organização, compreensão e transformação da práxis educativa. Conforme apontado no Caderno da Superintendência Pedagógica, o papel do(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) pode ser sintetizado a partir de três compromissos fundamentais:

a) compromisso de ser gestor; b) o compromisso de ser educador junto aos demais profissionais; c) o compromisso de ser pesquisador como decorrência do seu papel de gestor e educador. Porém, esse conjunto de compromissos deve materializar-se na construção coletiva de uma rotina a ser vivenciada na unidade onde atua e em um plano de formação continuada da sua equipe. (Superintendência Pedagógica, 2010, p. 57).

As(os) profissionais pedagogas(os) que são, nesse setor, divididas(os) em duas principais frentes, como: a Estrutura e Funcionamento; e, Práticas Educativas.

No que tange as atribuições da(o) profissional pedagoga(o) da frente Estrutura e Funcionamento, estão entre as principais: Alimentação do sistema portal, Controle da matrícula e documentação escolar, Solicitação de aberturas de classes, Participação em atribuição das aulas e Controle de frequência dos(as) professores(as) da Rede Estadual e/ou Municipal de Ensino, Organização dos quadros de acompanhamento das atividades pedagógicas, Organização dos documentos de natureza administrativa do setor, entre outras atividades.

A(o) profissional pedagoga(o) que fica à frente das Práticas Educativas tem, como tarefas, conforme o nome já diz, uma atuação não meramente burocrática e/ou administrativa, mas sim espera-se uma ação mais atuante do acompanhamento diário da rotina pedagógica e do cumprimento das atividades planejadas, acompanhar as atividades

²⁷ PPP- Plano Político Pedagógico que todos os Centros realizam e avaliam regularmente.

realizadas pelos agentes educacionais na função de referência das atividades realizadas por profissionais parceiros, substituição de professores(as) do Ensino Formal etc.

Ressalta-se, conforme explanado no Caderno da Superintendência Pedagógica, que estas(es) profissionais pedagogas(os) também são responsáveis pelo acompanhamento e planejamento da rotina em conjunto com a Coordenação Pedagógica.

A(o) profissional de Educação Física, por sua vez, realiza as atividades esportivas planejadas conforme diretrizes da Gerência de Educação Física e Esporte (GEFESP), principalmente por meio do calendário esportivo da instituição. Este profissional também deve contribuir para a discussão do Diagnóstico Polidimensional, Plano Individual de Atendimento, alimentação da Pasta Pedagógica, entre outras atribuições pertinentes ao cargo na rotina pedagógica do Centro.

Um(a) outro(a) profissional que compõe o setor pedagógico dos Centros de Atendimento, são os/as agentes educacionais, com uma atribuição bastante importante por compreender que “ser referência é ser norteador, ser portador de determinado conhecimento, é ser elemento de ligação”. Estes profissionais atuam em duas frentes, conforme apontado também no Caderno da Superintendência Pedagógica, eles “representam o setor na relação com os adolescentes, em seu percurso socioeducativo; e para os profissionais parceiros, sendo elo de comunicação entre uma atividade em particular e o todo da Unidade”.

O quadro quantitativo mínimo proposto desses profissionais no Setor Pedagógico nos Centros de Internação de gestão plena para dar conta de todas as atribuições pertinentes ao cargo, é conforme o apresentado abaixo:

Quadro 4 - Quadro de Profissionais no Setor Pedagógico

Quantidade	Cargo	Exigência para o Cargo
01	Coordenador(a) Pedagógico(a)	Ser concursado em algum dos cargos previstos do Setor Pedagógico e assumir a função gratificada como Coordenador(a) Pedagógico(a).
02	Pedagogo(a)	Nível Superior Completo em Pedagogia.
02	Profissional de Educação Física	Nível Superior Completo com licenciatura em Educação Física; e – Registro no respectivo Conselho de Classe.
04	Agente Educacional	Nível Superior Completo em Licenciatura em: Artes ou Biologia ou Ciências ou Ciências Sociais ou Direito ou Filosofia ou Física ou Geografia ou História ou Letras ou Matemática ou Química – (graduação mínima de 3 anos).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em uma atenção prioritária à função da(o) profissional pedagoga(o), conforme informação prestada em junho de 2020 pelo Serviço de Informação ao Cidadão (SIC), a Fundação CASA possui 303 pedagogos, sendo: dez (10) aposentados por invalidez, 49 ocupando funções gratificadas ou de livre provimento e sete (07) lotados na Sede da Instituição. A distribuição entre as Divisões Regionais, no atual momento, encontra-se apresentada no quadro 2, abaixo:

Quadro 5 - Quadro quantitativo de Pedagogos por Divisão Regional

Divisão Regional	Quadro Proposto	Existentes
DRL	15	13
DRM I	14	14
DRM III	35	37
DRM IV	28	23
DRM V	28	23
DRMC	19	18
DRN	23	25
DRO	25	28
DRS	14	17
DRVP	23	16
POLO ABCD	24	23
SEDE	-----	7
Total:	248	244

Nota: Na Sede não existe quadro proposto definido. Tabela Elaborada pela Fundação CASA, em resposta a solicitação ao SIC (Serviço de Informação ao Cidadão).

No que se refere ao quantitativo por gênero, são 267 mulheres e 36 homens. A média de idade de todos as(os) profissionais da gestão plena é de 51 anos e o tempo de trabalho na instituição considerando as datas de admissão, e não o efetivo exercício ou eventuais afastamentos, é de 14 anos.

Um outro modelo de contratação de pedagogas(os) na Instituição se dá nos Centros de Gestão Compartilhada que são geridas por Organização da Sociedade Civil, e no Estado de São Paulo atualmente existem 14 organizações com um total de 25 pedagogas(os) distribuídos em 24 Centros de Atendimento.

Conforme apresentado na Dissertação de Mestrado do pedagogo Anderson Souza, intitulada “Atribuições profissionais de pedagogos da Fundação CASA/SP: entre o prescrito e as práticas cotidianas”:

Ao que parece os pedagogos entrevistados são unânimes em relatar um cotidiano permeado, sobretudo por atividades administrativo-burocráticas. Eles são conta de um número de atividades que envolvem desde o procedimento de dados até o atendimento telefônico para realizar contatos com escolas e outras instituições, envio e recebimento de correspondências e de mensagens eletrônicas (e-mails), dentre outros, *ipsis litteris* ao proclamado no Edital e no corpo do Caderno (SOUZA, 2015, p. 112).

Essas demandas são voltadas a atividades burocráticas-administrativas, impeditivas para a realização de práticas voltadas a essência de sua formação, que é o desenvolvimento integral do ser, como prevê a Resolução CNE/CP n.º 1/2006 e compreensão apresentada por Libâneo:

[...] a mediação de saberes e modos de agir que promovam mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas, objetivando ajudá-las a se constituírem como sujeitos, a melhorarem sua capacidade de ação e suas competências para viver e agir na sociedade e na comunidade (LIBÂNEO, 2006, p. 866).

Para além do que está posto nas atribuições do Caderno da Superintendência Pedagógica e ou às dispostas no Edital n.º 01/2009 do Concurso Público da Fundação CASA, por vezes, a(o) pedagoga(o) no Centro de Atendimento também é aquela ou aquele profissional responsável pela inscrição e acompanhamento na aplicação da realização de exames. Elenca-se, como exemplo: o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) e o Exame Nacional Ensino Médio (ENEM), nos quais, mesmo que privados de liberdade os(as) adolescentes têm o direito de realizar, porque se é feita toda uma organização interna para a realização desses exames dentro dos Centros de Atendimento. Conforme o disposto no site da Fundação CASA, em 10 de fevereiro de 2021.

Um grupo de 160 adolescentes que cumprem (ou cumpriram) medida socioeducativa de internação em 68 centros da Fundação CASA no Estado de São Paulo estão inscritos para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio para Pessoas Privadas de Liberdade (Enem PPL). [...]. A preparação para o Enem PPL ocorre principalmente no período da aula, embora a equipe pedagógica de cada centro socioeducativo tenha autonomia para aplicar atividades de preparação extra, com auxílio de pedagogos ou agentes educacionais da própria Fundação.

Segundo esta mesma linha de acesso à continuidade dos estudos, a(o) pedagoga(o) nos Centros também auxilia nas inscrições e divulgação dos Vestibulinho como para as ETECs (Escola Técnica Estadual) e vestibulares para Faculdades, Institutos e Universidades Públicas e ou privadas na condição de bolsista. Nesses casos, os(as) adolescentes, mediante autorização judicial, podem sair do Centro onde estão cumprindo a sua medida socioeducativa para ir até o local da prova. Um total de 236 jovens que cumprem medida socioeducativa em centros da Fundação CASA de todo o Estado de São Paulo participarão dos processos seletivos, para o primeiro semestre de 2021, das Escolas Técnicas (ETecs) e das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) do Centro Paula Souza.

No que se refere ao acesso à mercado de trabalho, o(a) adolescente também pode realizar concursos públicos. Essas demandas, bem como a possibilidade da realização de exames, vestibulares e concursos públicos, são um dos disparadores para que a(o) profissional pedagoga(o) auxilie, oriente e as vezes até mesmo subsidie os(as) adolescentes com conteúdo para um melhor preparo, como por exemplo: realizando atividades pedagógicas de alfabetização, reforço escolar, entre outros.

No que se refere às atividades de alfabetização, não existem dados consolidados institucionalmente sobre como ela acontece e/ou para quantos adolescentes elas ocorrem.

Em suma, as demandas de trabalho dessa e desse profissional pedagoga(o) inserido no Setor Pedagógico de um Centro de Atendimento, carece de diferentes atuações e frentes para auxiliar o(a) adolescente no período sazonal que ele se encontra na Instituição e necessita ser estimulado para mudanças de vida com mais autonomia, além do conhecimento para o acesso aos direitos sociais que todos os indivíduos devem ter garantidos o exercício e usufruto desses direitos fundamentais em condições de igualdade, para a possibilidade de uma vida digna e segura.

2.3 O embasamento Teórico que subsidia a Pesquisa com Pedagogas

A temática desta presente pesquisa: “Limites e possibilidades da pedagoga na Alfabetização: Trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA”, apresentará questões a serem refletidas, principalmente no que se refere a atuação da profissional pedagoga como alfabetizadora.

O primeiro campo conceitual, que se inter-relaciona com os demais campos dessa pesquisa, esta investigação traz aspectos como: “A Prática de uma educação cidadã e transformadora”, em: Paulo Freire o patrono da Educação Brasileira.

Em uma compreensão de que ensinar ler e escrever, “[...] não se trata de um assunto intranscendente de ba, be, bi, bo, bu, da memorização de uma palavra alienada, mas de uma difícil aprendizagem para “nomear o mundo” (FREIRE, 1980, p.75). É possibilitar uma educação em que a dialogicidade seja a essência da educação como prática da liberdade, respeitando o conhecimento prévio do educando em uma compreensão de que eu também estou aprendendo ao ensinar e que este conhecimento trocado seja a possibilidade de uma formação cidadã capaz de transformar a realidade social. E, para isso, é necessário utilizar uma “pedagogia problematizante” e não uma “pedagogia dos depósitos”.

Uma compreensão de uma educação cidadã para esses(as) adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação que o Antônio Carlos Gomes da Costa, apresenta como: “adolescentes em dificuldade”, faz sentido falar do seu livro: “Pedagogia da Presença: da solidão ao encontro”. Para ele, o caminho de emancipação está baseado em tornar-se fonte de iniciativa, de liberdade e de compromisso consigo mesmo e com os outros, integrando, de forma positiva, as manifestações desencontradas de seu querer ser. (COSTA, 1997).

Para tanto, a prática educativa dirigida a esses(as) adolescentes e jovens, concretamente, deve estar estruturada na importância das normas e limites para o bem de cada um(a) e de todos e que eles podem e devem participarem na elaboração, discussão e revisão dessas normas.

Em suma, uma prática educativa para o exercício da cidadania e transformadora também passa pelo “estar junto do educando”, por intermédio de uma relação que envolve consentimento, reciprocidade e respeito mútuo. E, para tanto, é necessária uma “Pedagogia Social a se relaciona com uma educação popular em Direitos Humanos”.

Conforme afirma Severo (2017), a Pedagogia Social, é algo bastante recente na literatura. Mais precisamente, registra-se seu uso a partir dos anos 2000, quando, no Brasil, começou a deflagrar-se, em diferentes focos institucionais e sob a articulação de movimentos populares sociais e grupos acadêmicos, eventos e publicações que tematizavam como uma nova Pedagogia. Contudo, ela é o conceito antigo de pedagogia

e está em torno dos processos de socialização humana em diferentes contextos socioeducativos.

Trazendo ao campo de uma instituição não-escolar, como a Fundação CASA, o pedagogo Bruno Tadeu Santos, em um de seus artigos, explana a Pedagogia Social como: “[...] uma preciosa ferramenta de ação no interior dos estabelecimentos de privação de liberdade, pois pode levar o profissional a uma reflexão mais ampla do seu papel de educador, articulando a dimensão política e comunitária de sua ação” (SANTOS, 2020, p. 70).

Para fundamentar o presente estudo, um outro campo conceitual é “O analfabeto”, em: Ana Maria de Oliveira Galvão e Maria Clara Di Pierro.

A alfabetização é considerada um dos pilares da cultura contemporânea, pelo valor que a leitura e a escrita adquiriram no modo de vida nas sociedades urbano-industriais permeadas pela ciência e tecnologia, e também por ser uma ferramenta que permite o desenvolvimento de outras habilidades igualmente valorizadas nesse âmbito (GALVÃO; PIERRO, 2007, p.13).

A compreensão trazida aqui sobre alfabetização, em hipótese nenhuma, trará uma visão de que o(a) adolescente analfabeto(a) vive em uma “cegueira”, ou que a sua alfabetização causará uma saída das “trevas da ignorância”, ou, ainda, que um discurso higienista e sanitarista que aborda o analfabetismo como: um mal, praga, uma doença passível de erradicação, ou até mesmo como: inimigo do desenvolvimento pessoal e social.

É necessário, neste momento, apresentar a ideia de que o(a) adolescente e jovem analfabeto(a) devem ser vistos como um indivíduo produtor de cultura e de saberes, com um viés de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. “[...] do ponto de vista cognitivo, não é adequado afirmar que os indivíduos não alfabetizados que vivem numa sociedade letrada não possuem as características de raciocínio das pessoas alfabetizadas” (TFOUNI, 1988, p. 22).

Compreendendo que esses(as) educandos(as) já possuem uma visão de mundo e apresentam alguma hipótese de sua inserção na realidade onde estão inseridos(as). Alfabetizá-los(as) é uma possibilidade de minimizar o preconceito e dificuldades cotidianas nessa sociedade e momento histórico em que a palavra escrita está sempre presente e que a ausência desse conhecimento pode ser determinante para uma maior exclusão, devido aos rótulos e a desqualificação que a sociedade dita.

Faz-se necessário refletir, ainda, sobre: “[...] a importância de se reafirmar, aqui, que a alfabetização e a educação ao longo da vida constituem um direito e não uma ação de filantropia, realizada por alguns educadores de “boa vontade”” (GALVÃO; PIERRO, 2007, p. 100).

Por fim, outro campo conceitual nesta pesquisa está focado em “Pedagogia e a(o) profissional Pedagoga(o)”, em: José Carlos Libâneo, professor vinculado a uma Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos ensinados e que não são significativos para a vida do educando, pois não é levado em consideração a realidade deles, o contexto sociocultural e institucional.

A ideia é ir além da compreensão simplista e reducionista de que Pedagogia é o modo como se ensina. “Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

Percebe-se que a Pedagogia é, então, uma ação educativa com objetivo sociopolítico, que auxilia na compreensão de como o contexto que o(a) educando(a) está inserido influencia e como ele pode ser modificado. “É devido a esse caráter sócio-histórico que o pedagogo polonês Suchodolski considera a Pedagogia uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa” (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

Para José Carlos Libâneo, a(o) profissional pedagoga(o) *stricto sensu*, deve estar qualificado para atuar em vários espaços educativos atendendo às demandas socioeducativas de tipo formal, não-formal e informal, adotando estratégias pedagógicas de superação da desigualdade, tais como: uma educação preparatória para o mundo do trabalho, uma formação para a cidadania crítica, a preparação para a participação social e a formação ética.

Uma possibilidade para as(os) profissionais pedagogas(os) que desejam um trabalho cotidiano de não conformidade e que buscam não apenas as soluções formais, mas as soluções essenciais, é se basear nos princípios do educador Paulo Freire, que tanto ensina em seus livros. Ensinar exige o respeito aos saberes dos(as) educandos(as), rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre sua prática, respeito a autonomia do ser educando, cobrar esperança e alegria, ter disponibilidade para o diálogo, instigar a curiosidade, querer bem seus educandos, fundamentos estes tão importantes também em um ambiente de privação da liberdade. Em uma sociedade em que as relações sociais se baseiam na exploração de um sobre outro, “[...] a educação só pode ter cunho

emancipatório, pois a humanização plena implica a transformação dessas relações” (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

Sendo as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo que são muito requeridas a todo momento, para a busca e manutenção em um emprego, deslocamento na cidade, compra de itens imprescindíveis, conduzir um carro ou uma moto, escrever uma música, entre tantos outros desejos sagrados para uma parte da população adolescente, faz-se necessária uma atuação de um(a) profissional que favoreça uma aprendizagem tão exigida socialmente.

Sem o domínio dessas habilidades no contexto urbano letrado, o uso a impressão da digital, por si só já é uma marca do estigma de inferioridade atribuído ao(a) analfabeto(a) e o uso dessa situação de identificação pública vivida é uma humilhação. Não é à toa que a aprendizagem aspirada por qualquer analfabeto(a) é aprender a escrever o nome. “Os analfabetos não se ressentem somente das limitações objetivas com que se defrontam, mas se sentem constrangidos com os rótulos pejorativos e a desqualificação simbólica que a sociedade lhes impõe” (GALVÃO; PIERRO, 2007, p. 20).

Define-se a “educação popular em direitos humanos”²⁸, porque ela se identifica com uma educação para e pela cidadania, sustentada em uma percepção do mundo visando à emancipação humana e de superação das desigualdades.

Portanto, a perspectiva da Educação em Direitos Humanos, que defendemos, é esta, de uma sociedade menos injusta para, aos poucos, ficar mais justa. Uma sociedade reinventando-se sempre com uma nova compreensão da produção. Uma sociedade em que a gente tenha gosto de viver, de sonhar, de namorar, de amar, de querer bem. Esta tem que ser uma educação corajosa, curiosa, despertadora da curiosidade, mantenedora da curiosidade, por isso mesmo uma educação que, tanto quanto possível, vai preservando a menina que você foi, sem deixar que a sua maturidade a mate (FREIRE, 2001, p.101).

Contudo, uma educação que quer pensar uma educação com prática cidadã e transformadora é ter base em uma educação com uma perspectiva em Educação em Direitos Humanos.

²⁸ Para saber mais ler o Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos de São Paulo, principalmente o tópico: 3 “Dados relevantes da realidade – Educação Popular em Direitos Humanos”.

CAPÍTULO: 3 – Percurso e procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo central apresentar quem são e qual é o modelo de trabalho na alfabetização a ser realizado pelo profissional pedagogo no contraturno do Ensino Formal na Fundação CASA aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Para chegar ao encontro desse objetivo geral, definiram-se os objetivos específicos que foram pensados ao modo de que era necessário: apresentar o suporte institucional para a realização do trabalho sobre alfabetização; identificar o perfil dos profissionais pedagogos que laboram na Fundação CASA; e analisar se o trabalho desenvolvido contribui para que o adolescente não alfabetizado se insira socialmente com saberes para além da aquisição do conhecimento da leitura e escrita.

Neste capítulo, também será discorrido sobre a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, que compreende: a abordagem, o procedimento utilizado para a coleta de dados, as autorizações que se fizeram necessárias, por se tratar de uma pesquisa realizada com profissionais de uma Instituição Governamental e de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), os critérios adotados para a escolha dos(as) profissionais participantes e a análise dos dados.

3.1 – Da escolha, da submissão, da aprovação do projeto à realização da pesquisa

3.1.1 Da escolha

A escolha em realizar esta pesquisa, deu-se por meio de uma inquietação pessoal por parte desta pesquisadora que é pedagoga concursada na Instituição Fundação CASA, desde junho de 2012. Entre suas várias atribuições, cargos comissionados ocupados e locais de trabalho, a pesquisadora realizou, entre uma das suas tarefas laborativas: atividades de mediação para alfabetizar adolescentes e jovens em um Centro de Atendimento de Internação na Divisão Regional Metropolitana Norte do Estado de São Paulo.

Todo o seu período de trabalho em cargo de origem se deu em três Centros de Atendimento Socioeducativo, a saber: CASA Feminina Chiquinha Gonzaga, na extinta Divisão Regional Metropolitana – DRM II; e em dois CASA’s de atendimento masculino da Divisão Regional Metropolitana Norte – DRM V, sendo três centros de duas diferentes regionais. Em apenas uma delas, foi percebida a preocupação e a realização de atividades como de: alfabetização e reforço escolar.

O trabalho realizado no CASA Estrela²⁹ de alfabetização foi no ano de 2017 e se deu por meio de atividades semanais de duas (02) horas, há um grupo de sete (07) adolescentes do sexo masculino com idade entre 14 e 17 anos, indicados por professores da Rede Estadual de Ensino, ou profissional referência do adolescente. Destaca-se que a participação do adolescente nesta atividade era voluntária.

Essas atividades tinham como base teórica e metodológica o educador Paulo Freire, tendo em vista que elas se orientavam por uma relação dialógica, temas geradores, a realidade dos educandos, fomentação de discussões críticas da realidade social, seu protagonismo, entre outros. “A educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade” (FREIRE, 2017, p. 97).

Cabe ressaltar que as atividades de alfabetização no CASA Estrela, no final do ano de 2017, começaram a ser realizadas por outra pedagoga do Centro, tendo em vista a transferência da lotação da pesquisadora para trabalhar na Sede da Fundação CASA, com a finalidade de coordenar o Comitê Institucional de Direitos Humanos e Diversidades no Estado de São Paulo, não sendo possível então a continuidade do acompanhamento e ciência do que, como é a manutenção até hoje da mediação desse trabalho.

Contudo, ressalta-se que, mesmo no pouco tempo que teve frente a mediação desse trabalho, foi possível visualizar inúmeros avanços³⁰, como: uma melhor comunicação desses adolescentes participantes com os demais atores do Centro:

²⁹ Nome Fictício.

³⁰ Infelizmente no período que realizei essa atividade não tive uma leitura do quando ela era importante e poderia ter servido como um referencial talvez até para outros pedagogos, então não guardei registros e nem dados comprobatórios durante o percurso. Ficando apenas memórias como lembrança de quem foi impactado pela ação. Me recordo com alegria sorrisos dos adolescentes que conseguiram aprender a ler e começaram a se sentir “gente”, por isso. Lembro com um carinho muito especial algumas mães me parabenizando por apenas eu fazer o meu trabalho e algo bastante impactante que fez eu perceber que esse trabalho deveria ter uma atenção maior pela instituição, foi quando um adolescente chegou a mim nas vésperas de eu ser transferida para a Sede e me disse: “Senhora muito obrigada, pela primeira vez eu fiz a minha mãe chorar e não foi de tristeza e sim de alegria, porque ontem na visita eu consegui ler para ela”.

professores, técnicos, pares, gestão e familiares; aquisição da leitura e escrita; resoluções de situações cotidianas de maneira mais dialógica, entre outros.

3.1.2 Da submissão

Toda pesquisa acadêmica a ser realizada com servidores(as) e/ou adolescentes da Fundação CASA, carece de adequações e rigor cumprimento de normas institucionais para autorização. Os trâmites internos desta investigação não foram diferentes, pelo fato desta pesquisadora ser do quadro profissional da instituição.

Para a submissão desta pesquisa à Fundação CASA, primeiramente, foi realizada a leitura integral da Portaria Normativa nº 155/2008, que estabelece os procedimentos para a realização de pesquisa no âmbito da Fundação CASA e, posteriormente, o encaminhamento para ciência e atendimento quanto aos itens solicitados para o professor orientador.

Nesta portaria interna da instituição são solicitados documentos que são de elaboração pela pesquisadora e professor - orientador, como: Projeto de Pesquisa, com “informações claras e objetivas sobre os procedimentos a serem desenvolvidos por ocasião da pesquisa”; Declaração comprovando o vínculo desta pesquisadora responsável pela pesquisa com a Instituição de Ensino; Carta do professor-orientador apresentando a pesquisadora e a pesquisa, e o Currículo *Lattes* atualizado do orientador. Esse processo de elaboração do projeto, aquisições de documentos e protocolar o pedido na instituição uma morosidade durou do final de outubro/2019 à segunda quinzena de fevereiro/2020.

Após a organização da documentação, o pedido de intenção de pesquisa foi encaminhado ao setor responsável na Fundação CASA. Este setor é responsável por atender às demandas e realizar o acolhimento de pesquisadores com interesse como esta, de realizar Pesquisa Acadêmica é a UNICASA (Universidade Corporativa da Fundação CASA).

Posteriormente à leitura e realização de parecer técnico desse setor inicial, foi feito o trâmite para a autorização, passando, então, pelos setores responsáveis, tais como: Assessoria Especial de Política Socioeducativa (AEPS), Diretoria Regional (DGAR), Superintendência Pedagógica (SUPEDAG), até chegar ao Gabinete da Presidência que é o responsável por dar o deferimento ou não para a realização de pesquisas acadêmicas na Instituição.

3.1.3 Da aprovação do Projeto

O recebimento oficial da aprovação deu-se por intermédio de um correio eletrônico, em 12 de maio de 2020, pela Diretora do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC), assim como o anexo da Declaração de Aprovada assinada pelo Gerente Técnico da UNICASA e informações quanto a quem já tinha aceitado a participar da pesquisa por Divisão Regional.

Nesta mesma data, por telefone, também foram dadas orientações quanto ao compromisso com o sigilo na identificação de participantes, a forma de contato com os e as profissionais, dificuldades devidas ao contexto da Pandemia do COVID 19, entre outras.

Foi, também, recebido e assinado por essa pesquisadora o “Termo de Responsabilidade”, onde a pesquisadora assumiu o compromisso de plena responsabilidade no âmbito civil e criminal por quaisquer danos morais e/ou materiais pela coleta das informações. Além de atenção prioritária aos artigos 138 e 145 (calúnia, injúria e difamação) do Código Penal Brasileiro e aos Artigos 143 e 144 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8069/90.

3.1.4 A realização da pesquisa

Após a aprovação da instituição para realizar a pesquisa, foi estabelecido o seguinte desdobramento: encaminhamento de e-mails à todos os participantes com o *link* do questionário *online* na semana seguinte a aprovação. Todos os retornos dos questionários se deram até 30 de junho, consideravelmente rápido, mesmo em contexto de diversidade por conta da Pandemia.

O trabalho deu-se, prioritariamente, por uma dedicação não exclusiva, tendo em vista que a autora continuou no seu trabalho na Fundação CASA, cumprindo uma carga-horária de 40 horas semanais, de segunda a sexta-feira, em uma média de deslocamento de, no mínimo, uma (01) hora para ir e mais 1h30 para voltar, tornando desafiador a oportunidade para leituras, escrita e análise, sendo mais precisamente aos finais de semana.

Por fim, esta pesquisa se deu por diversas orientações do professor-orientador, além de uma Revisão do Texto e Normas Técnicas por uma profissional habilitada para a função.

3.2 Técnica da Entrevista Semiestruturada: Coordenadora do Centro de Referência do Instituto Paulo Freire

A entrevista, no processo de elaboração da pesquisa, serviu para colher contribuições teóricas, mas, antes de entrar a questão principal desse tópico, é necessário externar que a intenção inicial era também de realizar uma entrevista com a Superintendente Pedagógica da Fundação CASA, que é o cargo com maior atribuição e poder na área pedagógica na instituição, com a responsabilidade de pensar e direcionar a política do trabalho nesse campo. Justifica-se, assim, que devido as questões de mudanças na gestão da Instituição, ocorrida no período da coleta de dados, a entrevista com essa profissional não foi possível de se realizar.

Pensando, então, na contribuição teórica, utilizou-se uma técnica de coleta de informação que foi a entrevista semiestruturada, com a observação em “apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”, tendo como foco primordial a absorção de saberes conceituais da temática de alfabetização e referenciais do educador Paulo Freire.

Para isso, foi entrevistada uma pessoa de fora da instituição, mas que realiza um trabalho de Educação para Jovens e Adultos. Esta profissional elencada foi uma Pedagoga e Doutora em Educação que é a professora Sônia Couto que atualmente é a Coordenadora do Centro de Referência do Instituto Paulo Freire.

Cabe ressaltar, que o roteiro da entrevista para a representante do Instituto Paulo Freire, não sofreu alteração, mesmo após a análise dos dados coletados com as devolutivas dos questionários realizados com as pedagogas de base.

Tanto o roteiro do questionário, destinados aos(as) profissionais pedagogos(as) da Fundação CASA, quanto o roteiro da entrevista pensada a uma pessoa que de certa forma possui um poder quanto ao pensar a política pública, utilizou-se de uma ordem lógica de encadeamentos em seu roteiro. Observando a citação da professora Márcia Lima “As perguntas devem ser pertinentes, considerando o perfil dos entrevistados”.

Em complementação metodológica, foi utilizado o recurso do formato de dados orais, antecedente a entrevista. “A principal marca dessa técnica é a existência de textos e material documental sobre a história do indivíduo já objetificados, ou seja, escritos sem a intervenção de um pesquisador” (LIMA, 2016, p. 32). Sendo esta prática essencial para conhecer a trajetória de vida da entrevistada. Por essa razão, essa pesquisadora acompanhou a rede social pessoal e profissional (local de trabalho da entrevistada); fez a leitura do livro publicado pela entrevistada em 2011 - “Educação de Adultos: Método Paulo Freire”; Participou como aluna de aulas mediadas³¹ pela Sônia Couto, além de Lives³² que ela participou como facilitadora de temáticas.

Segundo Lima (2016), a entrevista é uma das principais formas de coletar dados. Portanto, para o sucesso de uma boa entrevista ela nos dá algumas sugestões, que foi levada em consideração por esta pesquisadora, em diversos aspectos, como: pensar quanto ao conteúdo das perguntas, pois elas que irão dar a qualidade e a consistência das informações; ter o roteiro da entrevista, mas não permitir que ele amarre o diálogo, compreendendo que a fluência da conversa é de suma importância; evitar que a entrevistada busque por uma aprovação desta entrevistadora; se apropriar de informações prévias sobre a entrevistada; e não iniciar a entrevista com questionamentos polêmicos.

A entrevista com a representante do Instituto Paulo Freire, se deu por meio de encaminhamento do roteiro da entrevista por e-mail; e o retorno das respostas digitadas, em forma de texto pelo mesmo veículo de comunicação, devido a necessidade de distanciamento social³³ por conta da Pandemia do COVID-19.

³¹ Jornadas de formação realizada pelo IFP (Instituto Paulo Freire), como: Aprenda a Dizer a sua palavra; Método Paulo Freire: reflexões e práticas; Como alfabetizar com Paulo Freire.

³² As lives foram algumas como a de lançamentos das Jornadas do IPF, mas também uma com a temática: “Não mexam com o MOVA (Movimentos de Alfabetização de Jovens e Adultos)”. Live é um termo bastante utilizado principalmente na atualidade. Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais. O Instagram, por exemplo, possui uma ferramenta que permite ao usuário fazer uma transmissão de vídeo em tempo real para os seguidores, o que também é possível por aplicativos como YouTube, Twitter, Facebook e TikTok. Usuários podem fazer comentários e deixar curtidas, além de acompanhar as atividades dos demais espectadores.

³³ O *distanciamento social* envolve medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas. Como as doenças transmitidas por gotículas respiratórias exigem certa proximidade física para ocorrer o contágio, o distanciamento social permite reduzir a transmissão. Exemplos de medidas que têm sido adotadas com essa finalidade incluem: o fechamento de escolas e locais de trabalho, a suspensão de alguns tipos de comércio e o cancelamento de eventos para evitar aglomeração de pessoas. O distanciamento social é particularmente útil em contextos com transmissão comunitária, nos quais as medidas de restrições impostas, exclusivamente, aos casos conhecidos ou aos mais vulneráveis são consideradas insuficientes para impedir novas transmissões. O caso extremo de distanciamento social é a contenção comunitária ou bloqueio (em inglês, *lockdown*) que se refere a uma intervenção rigorosa aplicada a toda uma comunidade, cidade ou região através da proibição de que as pessoas saiam dos seus domicílios – exceto para a aquisição

O roteiro da entrevista semiestruturada destinado à professora Sônia Couto se deu por uma composição de nove (09) questões abertas, a saber:

1. Você poderia se apresentar?
2. O que te levou até o Instituto Paulo Freire?
3. Quais são as suas principais tarefas enquanto membra da Diretoria do Instituto Paulo Freire e Coordenadora do Centro de Referência?
4. Você conhece a estrutura e trabalho da Fundação CASA, no que se refere as ações pedagógicas? Gostaria de tirar alguma dúvida?
5. O que é Pedagogia? O que é ser Pedagogo? E para que ele serve?
6. O que você acredita ser o trabalho do(a) profissional pedagogo(a) na Fundação CASA?
7. O que é alfabetização? Qual a importância do indivíduo ser alfabetizado?
8. A partir da contribuição teórica do Educador Paulo Freire, o que você acredita que poderia ser o trabalho realizado institucionalmente no processo de alfabetização dos(as) adolescentes na Fundação CASA?
9. Algum dado apresentado por esta pesquisadora sobre o questionário aplicado aos(as) pedagogos(as) da Instituição te trouxe surpresa?

Enfatiza-se que a entrevista externa à Instituição teve o intuito de buscar o que é comum e o que é singular entre a compreensão e atuação das pessoas entrevistadas sobre o papel do(a) Pedagogo(a) na Alfabetização de adolescentes e jovens na privação de liberdade, mas, em hipótese nenhuma se realizou uma leitura de “generalização estatística”, o que a professora Márcia Lima chama de uma análise errônea para quantificar respostas e perfis.

Além desse foco, que foi o de buscar questões comuns e específicas na ação alfabetizadora, pensou-se em ouvir uma pessoa externa da Instituição, para ter uma visão de alguém que possui um distanciamento, tendo em vista que essa pesquisadora labora na instituição exercendo a função profissional que foi pesquisada. Sua contribuição está na análise do item 4.2 – O papel social do pedagogo e da pedagogia.

de suprimentos básicos ou a ida a serviços de urgência – com o objetivo de reduzir drasticamente o contato social. (Wilder-Smith A, Freedman DO. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. *J Travel Med* 2020; 27:2).

3.3 Técnica do Questionário online à pedagogos de base da Fundação CASA

O ano de 2020 foi marcado pela maior Crise Mundial dos últimos tempos, devido a disseminação de um Coronavírus – COVID- 19, que obrigou a mudar as formas de convívio social, alterações nas rotinas de trabalho, de instituição de ensino, novas decisões em todas as instâncias políticas do governo, da sociedade civil, do sistema privado e até mesmo mudanças de hábitos e costumes de toda a sociedade, não somente do Brasil, mas do mundo.

Sem dúvida, essas mudanças foram inesperadas e impactaram e alteraram o trabalho dentro da Instituição Fundação CASA, que se encontra no Estado de São Paulo, estado com o maior número de casos dessa pandemia no Brasil.

A Instituição precisou se adequar principalmente devido às orientações da Organização Mundial da Saúde, Ministério da Saúde, mas também de Decretos do Governo do Estado de São Paulo e, entre as medidas, algumas foram as descritas abaixo:

- Afastamento compulsório de servidores com mais de sessenta anos, e/ou comorbidades, gestantes, puérperas, em tratamento oncológico, entre outros;
- Definiu-se o teletrabalho das equipes cujas tarefas do trabalho permitiam;
- Colocou os servidores e as servidoras que tinham o direito em gozo de férias;
- Ajustou escalas de trabalho para o revezamento de servidores e servidoras nos plantões;

Essas e outras medidas impactaram nas possibilidades de atingir o número inicialmente preterido na pesquisa, em que foi possível até o encerramento do questionário *on-line* que se deu em 30 de junho de 2020, um quantitativo de 15 questionários de nove (09) Divisões Regionais, e todas as participantes do gênero feminino. Apenas duas Divisões Regionais não realizaram a indicação de nenhum ou nenhuma participante.

Uma questão importante a ser ressaltada é que das 15 pedagogas participantes, 14 se encontram em trabalho em Centros masculinos e uma (01) em Centro Feminino.

No que se refere o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, ele foi assinado digitalmente, anteriormente ao processo de responder as perguntas constantes no questionário.

A proposta do questionário aos e às profissionais pedagogas(as) teve como foco prioritário ir além do modelo de descrição.

Na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado (MINAYO, 2016, p. 73).

Para chegar ao objetivo da pesquisa, que é identificar o trabalho realizado atualmente, as experiências da sua prática profissional e visões sobre: a Fundação CASA, as ações pedagógicas, o referencial teórico, entre outras, elaborou-se um roteiro que possibilitasse uma análise que fosse além do descrito.

Além disso, o roteiro das perguntas seguiu uma subdivisão por eixos e diferentes tipos de perguntas, a saber:

Quadro 6- Roteiro de questionário online à pedagogos

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO ONLINE À PEDAGOGOS			
EIXO	REF.	QUESTÃO	TIPO
Apresentação Pessoal	1	Nome	Aberta
	2	Ano de entrada na Instituição Fundação CASA	Aberta
	3	Divisão Regional que Trabalha	Aberta
	4	Idade	Aberta
	5	Gênero () feminino () masculino () outros	Múltipla escolha
	6	Cor () branco () pardo () negro () indígena () amarelo	Múltipla escolha
Dados da(o) entrevistada(o) quanto a Escolaridade	7	Possui o curso de Magistério?	Dicotômica
	8	Ano de Conclusão do Curso de Pedagogia	Aberta
	9	Modalidade do Curso de Graduação: () presencial () semipresencial () educação à distância	Múltipla escolha
	10	Possui curso de Pós-Graduação? () especialização () mestrado () doutorado () pós-doutorado	Múltipla Escolha

		() não possui	
	11	Se possui curso de Pós-Graduação qual é o curso ou os cursos?	Aberta
Trabalho cotidiano do/a entrevistado/a na Fundação CASA	12	Você realiza atividades de Alfabetização no Centro de Atendimento? () quando necessário () não me sinto preparado(a) () nesse Centro não possui adolescentes com essa necessidade () é outro profissional que realiza essas oficinas () não concordo ser o pedagogo o profissional por essa ação no Centro, por isso não faço () outros	Múltipla escolha e Aberta
	13	Como você avalia que a instituição vê o seu trabalho como pedagogo(a)? () profissional auxiliar no apoio aos professores do ensino formal () profissional responsável pela documentação de todo o setor pedagógico () profissional auxiliar do(a) Coordenador Pedagógico () profissional por realizar atividades pedagógicas que colaborará para uma transformação da realidade educativa () profissional responsável por analisar os impactos educativos nos(as) adolescentes () outros	Múltipla escolha e Aberta
	14	Sua carga horária de trabalho está preenchida em sua maioria, por? () atividade direta com adolescente () atividade de função burocrática () dividida igualmente entre atividade direta com adolescente e função burocrática	Múltipla Escolha
Experiência profissional em outros locais na área da educação.	15	Já exerceu ou exerce outros trabalhos fora da Fundação CASA na área da Educação?	Dicotômica
	16	Já foi ou é alfabetizador(a) fora da instituição?	Dicotômica
	17	Você acredita que o trabalho tem diferenças de quem está em cumprimento de MSE para quem não está, devido à: () ambiente físico () faixa etária () classe social () condição de privação da liberdade () diretrizes institucionais () outros	Múltipla escolha e Aberta
A atividade específica de Alfabetização no Centro de Atendimento	18	Quanto as atividades de alfabetização ela está prevista na Agenda Multiprofissional?	Dicotômica

	19	Qual a periodicidade dessas atividades, caso existam? () diária () semanal () quinzenal () mensal () outras	Múltipla escolha
	20	Como é realizado a definição de indicação dos/as adolescentes para estas atividades? () avaliação diagnóstica () indicação dos professores do ensino formal () ação voluntária do(a) adolescente () equipe de referência () outros	Múltipla escolha e Aberta
O conhecimento acerca dos conceitos sobre Alfabetização e o trabalho na Fundação CASA	21	Quem é a sua principal referência teórica sobre Alfabetização?	Aberta
	22	Qual método ou teoria você utiliza em suas atividades de alfabetização na FCASA?	Aberta
	23	Com relação à alfabetização no seu Centro, qual método ou teoria é utilizado?	Aberta
	24	E você? Qual seria o método de trabalho mais adequado à alfabetização? () método tradicional () método fônico () teoria construtivista () teoria freiriana () outros	Múltipla escolha e Aberta
	25	Você acredita que o número de adolescentes não alfabetizados/as: aumentou, diminuiu ou se manteve após o ano de 2012? () aumentou () diminui () manteve	Múltipla escola com resposta única
	26	A partir de sua experiência e observação profissional a maioria dos/as adolescentes que se encontram em cumprimento de MSE, está em qual nível de Alfabetismo segundo a escala INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional)? () analfabeto () rudimentar () elementar () intermediário () proficiente	Resposta única
	27	Você acredita que o trabalho realizado atualmente tem trago contribuições positivas e de reais aprendizagem ao/a adolescente?	Dicotômica

	28	Você acredita que seria necessário a Fundação CASA possibilitar um espaço de formação aos/as pedagogos/as para refletir sobre o trabalho de alfabetização?	Dicotômica
Dizer algo que ainda não foi dito	29	Você possui alguma informação ou comentário que acredita ser importante e que gostaria de explicar?	Aberta

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Utilizou-se, para a elaboração do questionário, aplicado a um quantitativo de profissionais pedagogos(as), o método de elaboração baseado no que a professora Márcia Lima, denomina de “questões de mensuração direta” que auxilia na compreensão do perfil (ocupação, nível de escolaridade, idade, cor, experiência profissional) e “questões de mensuração indireta” na ótica de colher informações como opiniões, atitudes, satisfação, preferências, crenças e motivações.

Foi observado, na elaboração do questionário, que as questões não possibilitassem somente respostas dicotômicas, ou seja, duas visões que são geralmente opostas. Sendo assim, as perguntas tiveram um escalonado de alternativas, zelando pelo cuidado de não deixar o(a) respondente, com sentimento de estar sendo julgado(a), mesmo nas questões mais delicadas.

A participação nesta fase da pesquisa, tinha como proposta aplicar o questionário a uma dupla de pedagogos e uma dupla de pedagogas por Divisão Regional e Polo, a saber: Regional Metropolitana I (Franco da Rocha), Regional Metropolitana IV (Oeste), Regional Metropolitana V (Norte), Regional Litoral, Regional Campinas, Regional Vale do Paraíba, Regional Oeste, Regional Norte, Regional Sudoeste e Polo ABCD. Na Regional Metropolitana III (Leste 2), devido ao trabalho prioritário de atender Centros de Atendimento Socioeducativo de Internação Provisória, a intenção era aplicar o questionário a apenas dois profissionais.

A indicação dos(as) profissionais que participaram desta pesquisa se deu da seguinte maneira: indicação pela Chefe de Seção Técnica da Divisão Regional, ou outra pessoa indicada por ela, que, por sua vez, respondeu um e-mail da Coordenadora do Centro de Pesquisa e Documentação da UNICASA com informações básicas, como: Nome, e-mail e Centro de Atendimento de cada Pedagoga.

Em posse das informações de quem havia se disponibilizado a participar desta pesquisa foi encaminhado o *link* contendo o questionário para o e-mail e foram recebidas as autenticações do preenchimento, também por e-mail, de forma automática pelo próprio sistema do *Google Forms*. A partir desse universo de pedagogas, a proposta foi de buscar algumas diferenças advindas por Regionalidade, Cor, Gênero, Faixa-etária, Perfil do Centro, e outras.

Justifica-se o uso da Tecnologia da Informação para a aplicação deste questionário, pois seria muito difícil conseguir coletar informações de todo o Estado de São Paulo, devido à escassez de tempo e recursos financeiros. Além do mais, conforme apresentado pelo professor Danilo Torini (2016), existem diversas vantagens para o uso de questionário on-line, entre elas: a possibilidade de um alcance global, baixo custo, economia no tempo de aplicação, agilidade na tabulação e flexibilidade no preenchimento.

Todo o contato realizado com as pedagogas participantes dessa pesquisa se deu por meio de correio eletrônico e telefone. Os dados coletados dos 15 questionários online recebidos foram trabalhados de maneira a possibilitar uma análise descritiva e elaboração de gráficos para uma leitura mais rápida e de fácil compreensão.

Porém, a análise se concentrou nas que mais auxiliam e dialogam com o objeto dessa pesquisa. As principais perguntas constantes nos eixos: “A atividade específica de Alfabetização no Centro de Atendimento” e “O conhecimento acerca dos conceitos sobre Alfabetização e o trabalho na Fundação CASA”. Que são eixos que contribuem para a explanação de como as atividades de alfabetização são realizadas, assim como se é uma proposta que auxilia na aprendizagem da leitura e escrita de maneira humanizada para o exercício da cidadania.

CAPÍTULO 4 – A ATIVIDADE DE ALFABETIZAÇÃO REALIZADA PELAS PROFISSIONAIS PEDAGOGAS NA MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

“Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo”.

(FREIRE, 2017, p. 108).

Neste capítulo, serão tratados os dados coletados no percurso desta pesquisa, obtidos por meio da entrevista concedida pela Coordenadora do Centro de Referência do Instituto Paulo Freire e dos quinze questionários online respondidos por pedagogas de base que trabalham na Fundação CASA.

A análise das informações aqui trazidas foi realizada, em um primeiro momento, por meio de uma apresentação breve e individual de cada pedagoga participante, baseada em sua história singular; no segundo momento, a análise configurou-se a partir de um aprofundamento das principais perguntas de um roteiro com 29 questões constantes no questionário, divididos pelos setes (07) eixos do roteiro norteador, se atentando nos conceitos extraídos do referencial teórico e do problema de pesquisa; por fim, a análise está pautada em um olhar externo sobre conceitos de alfabetização, pedagogia e o trabalho do pedagogo e, para isso, será apresentada a entrevista com a professora Dra. Sônia Couto que é a Coordenadora do Centro de Referência do Instituto Paulo Freire.

A finalidade deste capítulo é responder à pergunta central da Dissertação: “Qual o trabalho realizado atualmente sobre a alfabetização nos Centros de Atendimento de Internação?” e, conseqüentemente, responder ao problema de pesquisa que é: “Se a atividade de alfabetização realizada atualmente possibilita a reinserção social dos adolescentes de maneira autônoma?”. Sendo assim, serão aprofundadas as análises de algumas das perguntas feitas a estas pedagogas.

Como hipótese do campo institucional, é possível citar algumas das expectativas que era a de verificar a importância da elaboração de um projeto de alfabetização específico para esse ambiente de privação da liberdade; a necessidade de proporcionar uma formação continuada aos profissionais pedagogos ligado ao trabalho alfabetizador (a alfabetização, a educação de jovens e adultos, a realidade brasileira), focado para uma teoria crítica da educação; possibilitar espaços para trocas de experiências entre os

profissionais pedagogos da própria instituição com especialistas do campo de estudo; além da importância em aperfeiçoar-se na coleta de dados estatísticos.

No que se refere ao campo individual, o presente capítulo se propõe a apresentar duas realidades: uma de profissionais dispostos e abertos para novos espaços de reflexão e formação, mas também profissionais desacreditados da mudança social que o seu trabalho pode fazer na vida do educando de maneira positiva; pedagogos desestimulados com a própria instituição; além de ausência de preparo para esse trabalho.

Por fim, essa pesquisa traz compreensões de que as atividades realizadas pelo pedagogo e pela pedagoga atualmente na Fundação CASA, especificamente na atuação como alfabetizador e alfabetizadora carece de aprimoramentos, tanto no que se refere a elaboração de dados estatísticos para uma intervenção mais qualitativa por parte do Setor Pedagógico no Centro de Atendimento, quanto em realização de formação continuada desse e dessa profissional para que a ação seja mais eficiente, levando-se em consideração o perfil dos e das adolescentes internos, sua realidade social e perspectivas individuais e coletivas.

4.1 Apresentação das pedagogas: A história singular

Neste tópico, é realizada uma breve apresentação das pedagogas participantes desta pesquisa, contemplando as informações trazidas por elas no questionário online, que representam seu perfil e a singularidade.

Em uma compreensão de que cada indivíduo é único e possui a sua própria trajetória, e considerando que é singular a sua relação com o meio onde vive, serão apresentadas algumas informações de cada pedagoga participante, sem identificá-las, respeitando-as sem uma exposição ou até mesmo julgamento. No quadro 4, a seguir, observa-se que elas foram elencadas por ordem de participação.

Quadro 7 - Pedagogas participantes da pesquisa

PEDAGOGAS PARTICIPANTES DA PESQUISA									
Participante	Ano de entrada na Fundação CASA	Região de Trabalho	Idade	Cor/raça	Possui o Curso de Magistério	Ano de Conclusão do Curso de Pedagogia	Possui Curso de Especialização	Experiência na área da Educação	Experiência específica com Alfabetização
1	2003	Grande São Paulo	45	Amarela	Sim	2000	Psicopedagogia	Profª no Ens. Fund. I	Sim
2	2002	Grande São Paulo	48	Branca	Sim	1997	Psicopedagogia	Sim	Sim
3	2004	Grande São Paulo	53	Branca	Sim	1990	Não	Profª em EJA	Sim
4	2002	Interior do Estado de São Paulo	58	Branca	Sim	1992	Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva	Profª de alunos com dificuldade de aprendizagem	Sim
5	2005	Interior do Estado de São Paulo	51	Parda	Sim	1993	Não	Não	Não
6	2003	Grande São Paulo	52	Branca	Não	1993	Não	Professora	Não
7	2002	Interior do Estado de São Paulo	57	Branca	Sim	1990	Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia	Professora	Sim
8	2018	Grande São Paulo	41	Parda	Sim	2013	Educação Especial	Profª no Ens. Inf e Ens. Fund. I e Orientadora em CCA	Sim
9	2013	Litoral do Estado de São Paulo	40	Branca	Não	2004	Gestão Escolar	Professora	Sim
10	2004	Capital do Estado de São Paulo	59	Amarela	Não	1986	Psicopedagogia	Professora no Mობral e Classe Especial	Sim
11	1998	Interior do Estado de São Paulo	53	Branca	Sim	1993	Não	Professora	Sim
12	2003	Capital do Estado de São Paulo	59	Branca	Sim	1999	Psicopedagogia	Professora	Sim
13	2010	Grande São Paulo	51	Branca	Não	1993	Não	Professora no Magistério e Pedagoga em ONG	Não
14	2010	Capital do Estado de São Paulo	51	Parda	Não	1993	Educação à Distância, Socioeducação e Políticas Públicas.	Educadora Ambiental	Sim
15	2012	Capital do Estado de São Paulo	40	Branca	Não	2008	Psicopedagogia	Não	Não

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As pedagogas participantes desta pesquisa apresentaram algumas situações bastante diversificadas, principalmente forem levados em consideração o tempo de trabalho na Instituição, a faixa etária, o período de formação no curso de Pedagogia e a região de trabalho. Essas e outras diferenças mostram o quanto a diversidade está presente também no corpo de profissionais e o quanto esse é um aspecto que a instituição também deve olhar ao propor ações de intervenção.

Ao se compreender, assim como Paulo Freire, que o mundo está em constante movimento e que não se sabe tudo sobre ele, as diferenças de quem se formou nos anos 80 para quem se formou nos anos 2000, ou ainda 2010, estarão presentes nas percepções, práticas e perfis, que serão diferentes. Além disso, sem dúvida, essas questões refletem no trabalho de “ensinar a aprender” e “aprender ensinando”.

O educando de 30 anos atrás não é o mesmo dos que hoje estão em sala de aula, tendo em vista que as realidades sociais, condições culturais, tecnológicas, leitura de mundo também se alteram. Esses e outros aspectos devem ser levados em consideração pelos profissionais nas experiências de ensino e aprendizagem. Como afirma Freire, ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e querer os bem.

A minha abertura ao querer bem significar a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco não ser arestoso e amargo (FREIRE, 1996, p. 141).

É possível observar, por meio das respostas das participantes, que cerca de 80% delas possui uma especialização. Isso vai de encontro ao que Freire (1996, p. 58) fala sobre a inconclusão do/a educador/a, que é um processo permanente: “[...] este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida” (1996, p. 58) indicando, inclusive, que a ideia do senso comum sobre a acomodação do profissional vinculado ao serviço público gera uma acomodação é um mito.

O(a) pedagogo/a, inserido/a no seu local de trabalho, se apoia em uma curiosidade individual e coletiva que se expressa na Especialização como forma de complementar a sua formação inicial. Isso acaba por converter, segundo Freire,

[...] a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando sem aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosamente epistemológica. Muda de qualidade mas não de essência (FREIRE, 1996, p. 31).

Assim, a afirmação freiriana de que “[...] o mundo não é, o mundo está sendo” (Freire, 1996, p. 76) se materializa, em parte, nessa busca por qualificar sua formação para projetá-la no exercício do seu trabalho pedagógico.

Na apresentação do dado quanto à cor das participantes, identificou-se que não há nenhuma pedagoga negra. Essa realidade reflete a necessidade de se discutir temas como

desigualdade, oportunidade e diversidade também nesse ambiente de privação da liberdade. Este ambiente apresenta um percentual de 70% de negros em sua população atendida, mas não possui a mesma representatividade no corpo profissional, ao menos neste recorte para a pesquisa. Sendo assim, há um prejuízo no que se pode chamar de “representatividade negra”.

Conforme explanado pela filósofa Djamila Ribeiro: “A baixa presença de pessoas negras no ambiente de trabalho, ou mesmo distantes de cargos de gerência, pode deixar o espaço altamente suscetível a violências racistas” (RIBEIRO, 2019, p. 55).

Como os adolescentes podem se enxergar podendo estar do outro lado, tornando-se, um dia, profissionais, se eles não se sentem representados? Assim como pode ser visto no livro “Os efeitos psicossociais do racismo” (2008), a falta de representatividade pode ocasionar diversos problemas na formação de identidade. Em que a “[...] longa exposição às situações de desvalorização causa efeitos múltiplos de dor, angústia, insegurança, autocensura, rigidez, alienação, negação da própria natureza e outros, deixando marcas profundas na psique”.

Em termos de escolaridade, conforme dados do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2018, observa-se a grande desigualdade entre os grupos étnico-raciais diante dos quais a população negra (pretos e pardos) tem níveis de escolaridade mais baixos³⁴ do que a branca. Em uma base de 100% de níveis de alfabetismo e cor/raça, 17% são brancos, 18% outros, e 64% são pretos ou pardos.

Por fim, destaca-se os dados relacionados ao nível de escolaridade por cor/raça. Entre os autodeclarados pretos, a proporção de não escolarização é de 8% e a daqueles com nível superior é de 12%, contra aos que classificam como brancos apenas 3% não possuem nenhuma escolarização e 1 a cada 4, ou seja, 25% atingem ou superam o nível Superior.

Dados esses que podem ajudar a entender a ausência de pedagogas negras e o reflexo no nível de escolaridade dos adolescentes na Fundação CASA.

Para aprofundar as inquietudes desta pesquisa, no próximo tópico serão apresentadas questões como: o papel social do Pedagogo e da Pedagogia, no olhar de uma educadora que possui uma perspectiva na sua atuação profissional e acadêmica freiriana.

³⁴ Analfabetos, que corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela consiga ler números familiares (de telefone, preços etc).

4.2 O papel social do pedagogo e da pedagogia

“Aprender a ler, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (FREIRE, 1982, p. 9).

Neste tópico, serão apresentadas algumas considerações sobre o trabalho realizado no setor pedagógico em relação às ações de alfabetização na Fundação CASA por meio de um olhar externo oportunizado por uma pedagoga e Doutora em Educação que trabalha em um importante e respeitado Instituto que leva o nome do Patrono da Educação Paulo Freire.

As reflexões serão abordadas a partir da entrevista semiestruturada feita com a professora Sônia Couto e sua percepção dos resultados trazidos nos questionários realizados as pedagogas de base da Fundação CASA.

Sônia Couto Souza Feitosa teve sua primeira experiência na área da Educação como educadora em 1976, no Movimento Brasileiro de Alfabetização³⁵. É professora aposentada da Rede Municipal de São Paulo, onde trabalhou por 31 anos. Sônia é Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FE-USP), possui licenciatura em Letras e em Pedagogia. Em 2011, publicou o livro “Método Paulo Freire, a reinvenção de um legado” e também é autora de livros didáticos para EJA na perspectiva freiriana. Tem vasta experiência como docente e coordenadora pedagógica de projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos, em especial no Projeto MOVA-Brasil. Foi membra da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA). Atualmente, é vice-presidente do Conselho Consultivo da Defensoria Pública do Estado de São Paulo e Coordena o Centro de Referência Paulo Freire (CRPF)³⁶, “que tem como missão socializar e dar continuidade ao legado freiriano”.

Conforme informação disponível no próprio site do Instituto Paulo Freire, o CRPF tem os seguintes objetivos, que vão de encontro com os anseios do próprio Paulo Freire: fomentar um espaço de documentação, formação, compartilhamento de reflexões e práticas, e produção de novos conhecimentos.

³⁵ Para saber mais acessar o site: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-brasileiro-de-alfabetizacao-mobral>

³⁶ Para saber mais acessar o site: <https://www.paulofreire.org/acervo-paulo-freire>.

a) Custodiar, preservar e divulgar a obra e o legado do educador Paulo Freire presencialmente e pelos meios tecnológicos existentes. b) Prover serviços de informação adequados a grupos de interesse, associações e instituições locais, regionais e internacionais. c) Oferecer formação inicial e educação continuada acerca da vida e obra de Paulo Freire aos interessados. d) Atender estudantes, gestores educacionais e o público em geral, subsidiando-os com elementos do pensamento freiriano. e) Apoiar pesquisadores em seus trabalhos de investigação como mestrados e doutorados que fazem uso das ideias de Paulo Freire como referencial teórico. f) Promover atividades culturais relacionadas aos temas de interesse do Instituto Paulo Freire, e do próprio Centro de Referência. g) Concretizar-se, cada vez mais, como um espaço aberto, físico e virtual, para os movimentos, redes, campanhas, universidades, sindicatos e outras instituições e grupos de pessoas, aproximando, compartilhando e produzindo saberes, reflexões, estudos e pesquisas. h) Construir uma rede internacional de documentação e informação referente a Paulo Freire constituída pelos centros de documentação dos países que divulgam e promovem o legado deste educador (Site do IPF).

A entrevistada atua no Instituto Paulo Freire desde 1996, onde iniciou na coordenação da área de Educação de Jovens e Adultos do IPF e, desde então, vem colaborando no trabalho do instituto, na coordenação, na elaboração de projetos, em publicações de materiais pedagógicos, na formação de educadores, na curadoria do acervo físico e digital, entre outros trabalhos de demandas do IPF.

Em uma visão mais abrangente, Sônia Couto externa sobre o papel social do pedagogo e pedagogia no processo de ensino e aprendizagem também nesse contexto de privação da liberdade, que é o caso dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa na Fundação CASA.

[...] a pedagogia é uma ciência que se dedica ao estudo de métodos e práticas de ensino e aprendizagem responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo de crianças, jovens e adultos. Mas Pedagogia não é só isso. É a arte de formar professores, como profissão, e educadores, com paixão, sendo que o maior êxito da Pedagogia é quando consegue formar nas duas dimensões. Ser pedagogo nesta perspectiva, é ser capaz de aliar competência técnica com amorosidade, ética e sensibilidade. Sua ação pedagógica serve para contribuir com a construção do conhecimento e da autonomia de seus educandos. O educador, na perspectiva freiriana, deve, acima de tudo, reconhecer e valorizar os saberes dos educandos e partir deles para construir novos conhecimentos (COUTO, 2020, s/p).

Em outras palavras, pode se dizer que o pedagogo é o cientista e a Pedagogia deve ser observada como uma ciência da Educação, porém conforme afirmam Libâneo e Prreira, (2007).

[...] o desprezo à Pedagogia, demonstrado nos Planos nacionais, estaduais e municipais de educação dos respectivos governos, principalmente na década neoliberal dos anos 90, bem como nas práticas institucionais, que relegam a

Pedagogia a aspectos meramente organizativos, o que tem provocado a perda de “sentido”, de “identidade”, da “razão de ser” da Pedagogia.

Nas duas últimas citações apresentadas, é possível refletir sobre algo que ainda está em disputa sobre: Quem é? Quem deveria ser o/a profissional pedagogo? e O que é a Pedagogia?

Na perspectiva freiriana, o educador é e deve ser o responsável por estimular o prazer de compreender, descobrir, construir o conhecimento, curiosidade, autonomia e atenção de seus educandos. É preciso ensinar a pensar; a pensar a realidade e não apenas o "já dito" o "já feito", e só reproduzir o conhecimento, é necessário ensinar para a convicção de que a mudança é possível.

Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História* mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar (FREIRE, 1996, p. 77).

Para que o indivíduo tenha experiências intelectuais estimulantes e socialmente relevantes é preciso existir a mediação do educador com boa conduta e domínio dos conhecimentos que deve ensinar e dos meios para fazê-lo com eficácia. O educador deve saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996).

O Professor José Carlos Libâneo (2010) expõe que:

[...] há uma idéia de senso comum, inclusive de muitos pedagogos, de que a Pedagogia é o modo como se ensina, o modo de ensinar a matéria, o uso de técnicas de ensino. O pedagógico aí diz respeito ao metodológico, aos procedimentos. Trata-se de uma idéia simplista e reducionista (LIBÂNEO, 2010, p. 29).

É por isso que a Pedagogia expressa finalidades sociopolíticas, uma direção explícita da ação educativa, uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade.

Sônia Couto apresenta que a Pedagogia é uma ciência e que o pedagogo deve apresentar algumas características, como: “amorosidade, ética e sensibilidade”. Na citação do livro da Maria Amélia Santoro Franco, é possível refletir sobre o quanto ainda estão distantes algumas conquistas, tendo em vista que se reconhece o profissional pedagogo mais como um burocrata, do que um “pedagogo investigador educacional”,

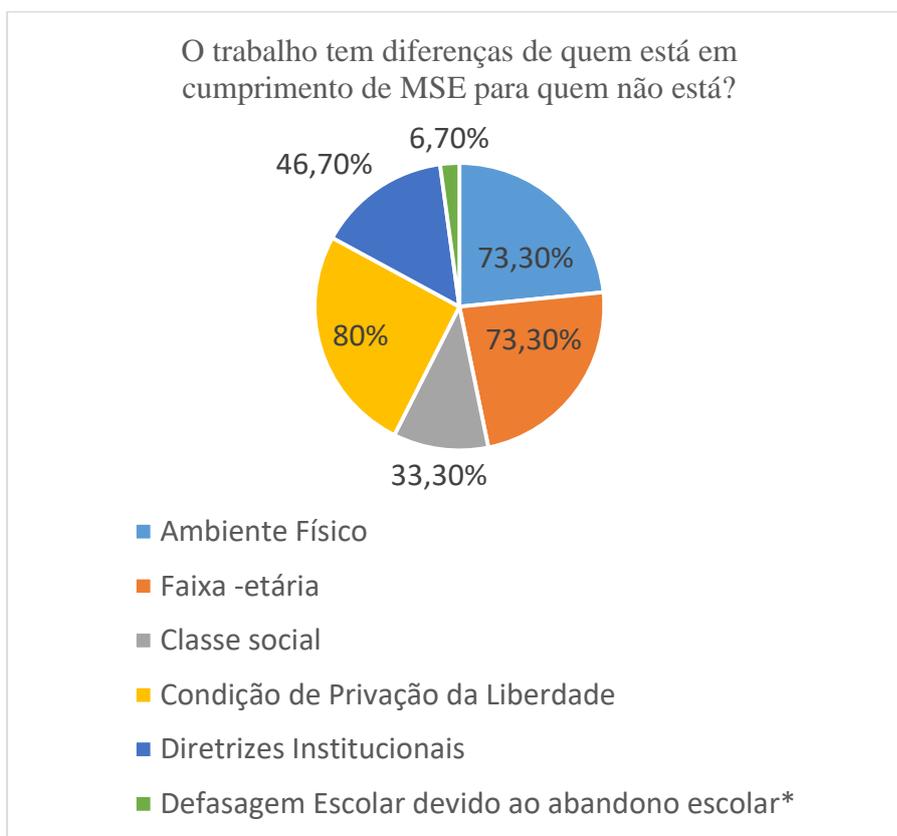
uma vez que a Pedagogia é uma ciência que visa o estudo e a compreensão da práxis educativa em suas intencionalidades.

Conforme apresentado na análise dos questionários online a pedagogas da Fundação CASA é mostrado que a atuação hoje dessa profissional está voltada mais para uma função burocrática, tarefa de planilhas e organização de documentos; do que voltada ao atendimento direto ao/a adolescente e/ou profissional responsável por planejar as ações pedagógicas que colaborará para uma transformação da realidade educativa.

Para Sônia Couto, o trabalho do(a) pedagogo(a) na Fundação CASA deve ser um constante desafio, em virtude das condições em que vivem os sujeitos da aprendizagem. Ela se questiona a partir de uma reflexão do Paulo Freire que dizia que a educação deve ser libertadora, mas questionava-se: “Como educar em um contexto em que as pessoas estão privadas de liberdade?”, “Como educar para transformar quando a transformação precisa ser pessoal, mas, principalmente social?”.

A percepção trazida por Sônia dialoga com a maioria das respostas das pedagogas no questionário, onde 80% das participantes apontaram que a condição de privação de liberdade, é a causa de diferenças no trabalho alfabetizador de quem não está em cumprimento de MSE.

Gráfico 1 - O trabalho tem diferenças de quem está em cumprimento de MSE para quem não está?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A professora Sônia Couto aponta, na sua entrevista, que:

[...] o trabalho do educador neste contexto deve ser de problematizador da realidade. Deve trabalhar os conteúdos, mas também alimentar a certeza de que uma outra realidade é possível. Que a situação que o levou até ali não é uma determinação, não é inexorável. Pode ser mudada e a mudança poderá se dar pelo conhecimento (COUTO, 2020).

No entanto, as respostas trazidas pelas pedagogas apontam questões que carecem de reflexões. Das 15 participantes que responderam ao questionário, 13 pedagogas, ou seja, cerca de 87%, apontaram ter como referência no campo da alfabetização o educador Paulo Freire. Contudo, contraditoriamente, quando se pergunta qual o método ou a teoria mais utilizada ou adequada para essa ação ao/a adolescente no Centro, as respostas não refletem esse mesmo percentual, tendo em vista o percentual médio de 50% de pedagogas que apontaram utilizar apenas o método tradicional em suas atividades.

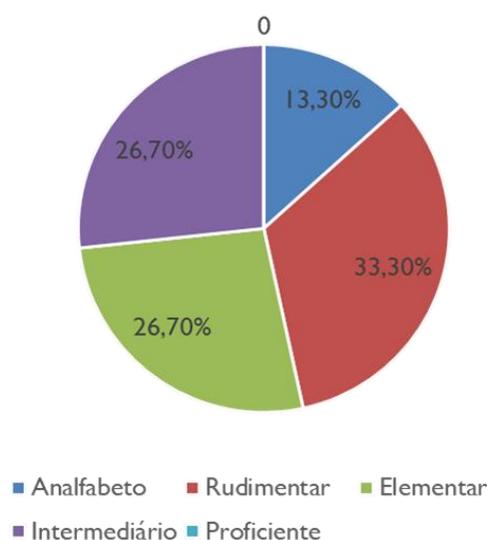
A Doutora Sônia Couto explana sobre o que é a alfabetização e sobre qual a importância do indivíduo ser alfabetizado:

A alfabetização é concebida como sendo o aprendizado do sistema escrito (leitura, escrita) e desenvolvimento da capacidade de fazer cálculos e resolver problemas matemáticos, de forma sistemática e significativa, num processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade. Ela promove a capacidade de, entre outras coisas, compreender e comunicar o mundo e as próprias ideias, por diversos meios e códigos (COUTO, 2020).

Nessa concepção de alfabetização, pode ser destacado o alarmante índice apresentado na tabulação obtida por meio das respostas das pedagogas: quase a metade, ou seja, 46,6% de adolescentes na condição de privação de liberdade na Fundação CASA, atualmente, se encontram em um nível considerado como analfabeto funcional³⁷.

Gráfico 2 - Observação profissional: Nível de Alfabetismo segundo a escala INAF

A partir de sua experiência e observação. Qual nível de Alfabetismo segundo a escala INAF?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O índice de adolescentes não alfabetizados/as está aumentando, especificamente neste contexto de privação da liberdade, de acordo com as entrevistas realizadas, 73,3% das pedagogas apontaram essa percepção.

³⁷ Têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas.

Em menção a contribuição teórica do Educador Paulo Freire, foi perguntado a Professora Sônia Couto, sobre o que ela acredita que poderia ser o trabalho realizado institucionalmente no processo de alfabetização dos e das adolescentes na Fundação CASA. Ela externou a opinião apontada abaixo:

Acredito que a proposta pedagógica do processo de alfabetização dos(as) adolescentes da Fundação Casa deve ser elaborada coletivamente. A Leitura do Mundo com os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização poderá apontar quais conteúdos são mais relevantes para os aprendizes. Uma educação dialógica não pode prescindir da escuta, do diálogo, da avaliação processual, dialógica e formativa. Para partir dos conhecimentos dos educandos, como preconiza Paulo Freire, precisamos conhecer o que eles já conhecem, o que sabem, mas não sabem que sabem e, a partir daí planejar estratégias para ampliar esses saberes e possibilitar que tomem conhecimento de suas potencialidades (COUTO, 2020).

Esta questão específica apresenta algumas possibilidades do ponto de partida no trabalho alfabetizador na Fundação CASA, como uma política institucional e não iniciativas e trabalhos individuais. Isso pode ser dado por meio de um espaço de formação específico para refletir sobre o trabalho de alfabetização. Todas as pedagogas participantes da pesquisa apontaram ser necessária a implementação desta política.

Conforme apontado no artigo “Pedagogias: concepções e práticas em transformação”, da Prof^a. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula e do Érico Ribas Machado:

O Pedagogo atualmente é formado para trabalhar principalmente no ambiente escolar, de preferência na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, não tendo uma formação específica para atuar em espaços não formais de educação. Ainda que as novas DCN’s tragam apontamentos da necessidade do Pedagogo em espaços “não escolares” ela não discute o como irá ocorrer essa formação e com qual finalidade educativa (PAULA; MACHADO, 2009, p. 11).

Essas “deficiências” do curso de Pedagogia, também estão espelhadas na atuação de um ou uma pedagoga no contexto de privação da Liberdade.

A última parte da entrevista se deu por meio da apresentação, em forma de relatório, dos dados iniciais coletados no questionário online das pedagogas à Professora Sônia Couto, onde foi possível ela externar a partir dos resultados questões que mais lhe surpreendeu.

O primeiro ponto abordado, que a professora Sônia Couto se surpreendeu, foi no que se refere a cor das Pedagogas participantes, pelo fato de nenhuma das 15 participantes ser negra.

Isso parece não ser tão importante, mas envolve uma questão chamada representatividade. Quando um adolescente negro não se vê representado nas diferentes esferas da sociedade, principalmente naquelas que alcançaram prestígio social, ele se rende à crença de que sua condição racial não lhe permitirá ir além do destino que lhe foi deixado pela herança escravocrata (COUTO, 2020).

Uma outra indagação apontada como preocupante pela entrevistada é no que se refere a prática utilizada pelas profissionais nas atividades de alfabetização, principalmente na utilização de abordagens divergentes.

Outra questão que me parece preocupante é o fato de muitas pedagogas afirmarem que usam a mescla entre o construtivismo e o tradicionalismo. Entendemos que são abordagens antagônicas, o que torna impossível mesclá-las. O Construtivismo não é um método, mas uma concepção de conhecimento, um conjunto de princípios. Supõe uma determinada visão do ato de conhecer (COUTO, 2020).

Algo que também foi apresentado pela professora com estranheza, se refere ao fato das pedagogas terem respondido que não se baseiam em nenhum método específico para realizarem sua ação alfabetizadora.

Isso me pareceu um equívoco, pois todo aluno precisa ser respeitado em seus saberes e o educador deverá partir desses saberes para ampliá-lo. Porém isso não é uma questão de método. Cada aluno requer atenção, observação, diálogo, acompanhamento pedagógico e isso deve ser feito com todos, indistintamente. Mas isso não se trata de método e sim de concepção de educação (COUTO, 2020).

Outra questão trazida pela Sônia Couto como um fator preocupante se refere à constatação de que 13,3% das entrevistadas não acreditam que o trabalho realizado atualmente tenha trazido contribuições positivas ou de reais aprendizagens ao/a adolescente. Ela aponta que entende “[...] que as pedagogas devem conviver com situações estruturais muito difíceis e desafiadoras, mas quando um/a educador/a perde a crença do seu papel transformador, ele/a não pode mais educar” (COUTO, 2020).

Portanto, tendo em vista este dado e os equívocos trazidos pelas pedagogas, principalmente quanto à abordagem metodológica, Sônia Couto traz a avaliação que é importante a realização de formação permanente e trocas de experiências entre as profissionais. Essa também é uma questão em consenso, pois foi apontada como necessária por todas as pedagogas participantes da pesquisa. Considera-se, portanto, que é necessário um trabalho que possibilite o desejo pela investigação, a vontade de aprender

e o conhecimento para dizer a sua palavra. “A arte de descobrir a verdade é mais preciosa que a maioria das verdades que se descobrem” (CERVO *et al.*, 2007, p. 27).

4.3 A profissional pedagoga na ação alfabetizadora

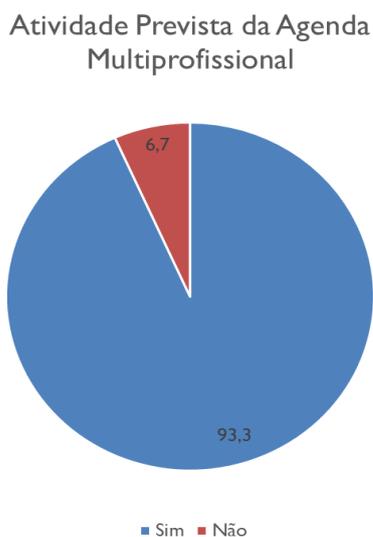
Conforme explanado anteriormente, este item focará nas perguntas mais centrais com a finalidade de responder ao objetivo central dessa pesquisa, que é o de apresentar qual o modelo de trabalho na alfabetização realizado pelo profissional pedagogo no contraturno do Ensino Formal na Fundação CASA aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação.

4.3.1 A atividade específica de alfabetização no Centro de Atendimento.

Este foi um eixo do questionário destinado às pedagogas que integrava um grupo de três (03) perguntas. No gráfico 3, a seguir, estão detalhados os resultados encontrados, bem como a sua análise.

Na pergunta relacionada: Se as atividades de alfabetização no Centro de Atendimento são previstas na agenda multiprofissional, 14 das 15 participantes responderam que sim, e uma (01) disse que não.

Gráfico 3 - A atividade de alfabetização está prevista na Agenda Multiprofissional?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Sabe-se que a decisão por ter ou não essas atividades na agenda é uma escolha da equipe do Centro de Atendimento, assim como a escolha de quem realiza as atividades. Compreende-se também, a partir de apontamentos de Paulo Freire, que “[...] a educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política.” (FREIRE, 1996, p. 110). Sendo assim, percebe-se que é impossível a neutralidade³⁸ da educação.

A Agenda Multiprofissional é um documento elaborado em cada Centro de Atendimento que deve apresentar todas as atividades que são realizadas, englobando, até mesmo, detalhes como o horário do despertar, do recolhimento, das queixas de saúde, atendimento psicossocial, atividades pedagógicas, entre outros. Dessa maneira, a Agenda engloba a inserção e ciência de todas as áreas na rotina do CASA.

Segue, abaixo, uma definição da agenda multiprofissional apontada no Caderno de Supervisores Técnicos da Fundação CASA.

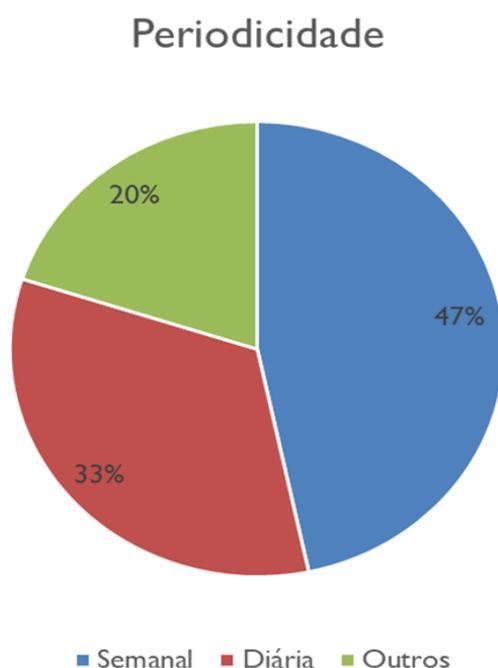
Cada centro deve construir uma Agenda Multiprofissional onde se especifique a rotina da unidade com os horários de cada atividade que envolve os adolescentes especificando os espaços onde ocorrerão e os profissionais e adolescentes envolvidos. Todos os profissionais que atuam diretamente com os adolescentes devem ter seu espaço e horário previsto na agenda evitando retirá-los de atividades de outras áreas. É uma construção coletiva envolvendo todos os profissionais e coordenada pela encarregada técnica e supervisionada pelo Diretor. Essa agenda é atualizada mensalmente e/ou sempre que necessário. É supervisionada pelos supervisores no seu estrito cumprimento. A agenda prevê ainda os espaços coletivos de encontros de profissionais de referência dos adolescentes para discussão do PIA, do adolescente e de sua família, com a presença dos mesmos. A agenda multiprofissional se desdobra em agendas individuais dos adolescentes de forma a garantir que conheçam os atendimentos individuais e em grupo que receberão (FUNDAÇÃO CASA, 2010).

Alguns aspectos são essenciais no planejamento de atividades como esta: o conhecimento da realidade; as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; sondagem da realidade do foco do planejamento; definição dos objetivos; meios e dos recursos disponíveis e a avaliação do planejamento minimizando falhas na hora de sua execução. Segundo Dalila de Andrade Oliveira, “[...] planejar é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meios se pretende agir” (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

³⁸ Para saber mais: Ler o tópico 3.5 – Ensinar exige tomada consciente de decisões, no livro: Pedagogia da Autonomia do Paulo Freire.

Quando se questionou “Qual a periodicidade das atividades de alfabetização, caso existam?” As alternativas apresentadas foram: diária, semanal, quinzenal, mensal e outras. No entanto, entre as opções fornecidas, a resposta que mais teve incidência foi a ‘semanal’, com 47%; seguida de ‘diária’, com 33%; e outros como: ‘mensal’, com 6,7%, ‘duas vezes na semana’, com 6,7%; ‘três vezes na semana’, com 6,7%; somados em 20%. Ressalta-se que, entre as opções, ninguém respondeu a opção ‘quinzenal’.

Gráfico 4 - Qual a periodicidade das atividades de alfabetização?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados apresentados no quadro 04 destacam as diversas formas de periodicidade das atividades nos Centros de Atendimento.

É sabido que o processo de ensino e aprendizagem exige comprometimento, e que independentemente do quantitativo de encontros este espaço pedagógico deve ser compreendido como um texto para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. (FREIRE, 1996).

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho (FREIRE, 1996, p. 98).

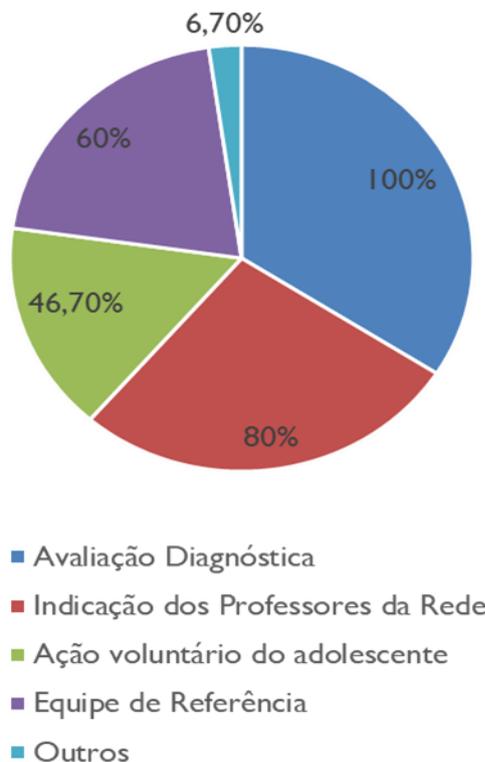
Para além do quantitativo dos encontros, é necessário entender a qualidade e os impactos com que esses encontros também acontecem. No entanto, até o momento, a instituição não tem dados que possam subsidiar essa informação.

Ressalta-se que, quando a pesquisa explana sobre a atividade de alfabetização, ela se refere àquela atividade que ocorre fora do horário de aula do ensino formal.

A última pergunta deste eixo foi: “Como é realizada a definição de indicação dos/as adolescentes para estas atividades?”. Lembrando que as participantes puderam assinalar quantas respostas achassem necessária, entre as opções: Avaliação Diagnóstica, que teve 100% das respostas; Indicação dos/as professores/as da rede de Ensino Formal, com 80%; Ação Voluntária do/a próprio/a adolescente, com 46,7%; e Equipe de Referência, com 60%. Porém, poderiam acrescentar outras opções, aparecendo assim em 6,7% pela Avaliação diagnóstica e acompanhamento diário, e 6,7% indicação do Coordenador Pedagógico.

Gráfico 5 - Como é a indicação do adolescente para a atividade de alfabetização.

Como é realizada a indicação



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nessa pergunta, as participantes também podiam assinalar mais de uma alternativa, além também de ser permitida a livre inserção de outras respostas e, por essa razão, o gráfico apresenta um percentual superior a 100% e também há o item “outros”. Quando a pesquisa se refere a “outros” está fazendo menção a duas respostas que aparecerem para além das alternativas colocadas: Avaliação Diagnóstica com acompanhamento diário e Indicação do Coordenador Pedagógico.

Entende-se por equipe de referência a reunião de profissionais das áreas (saúde, segurança e pedagógica) que compõem a equipe técnica do e da adolescente. Este espaço de discussão e direcionamentos devem ser pautados na escuta, no estímulo, na ressignificação de valores com a presença dos profissionais, mas essencialmente do(a) adolescente e seu familiar ou representante legal.

Um outro ponto que foi observado, entre as opções de resposta, é quando se traz a temática da “liberdade”³⁹ do próprio adolescente poder decidir se quer se inserir nas atividades de alfabetização, tendo em vista que ela é tida como voluntária e não obrigatória.

Pode-se causar estranheza quando se aponta a questão de ação voluntária, mas, na mesma questão, ser indicação. É no sentido de que nem os adolescentes que se “candidatam” a participar das atividades de alfabetização são autorizados pela equipe do Centro, porque é observado se eles realmente precisam dessa complementação pedagógica. Nessa análise é levado em consideração o nível de aprendizagem em que eles se encontram, além de outras questões afetas a especificidade de atendimento socioeducativo em contexto de privação da liberdade, como: risco e/ou exposição aos demais da turma.

Na compreensão de que o homem e a mulher são seres inconclusos, conscientes de sua inconclusão e que seu permanente movimento de busca do *Ser Mais*, é sempre colocado em risco. Visualizar jovens se pré-dispondo na esperança, mesmo na condição⁴⁰ que se encontram, é instigante.

Serem mais além de si mesmos – como “projetos” -, como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de queres voltar, mas um modo de melhor conhecer o que

³⁹ Ação voluntária do/a adolescente.

⁴⁰ De privação da Liberdade.

está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (FREIRE, 2017, p. 103).

Para Freire, o ponto de partida desse movimento está nos próprios homens. Contudo, como não existem homens sem mundo e sem realidade, o movimento parte das relações homens-mundo. Por isso, a importância das oportunidades e estímulos para que os adolescentes busquem o *Ser Mais*, não “[...] no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (FREIRE, 2017, p. 105).

Todo e toda adolescente que começa a cumprir uma medida socioeducativa de internação passa por uma avaliação diagnóstica que é realizada com o objetivo de verificar e identificar a real condição do aluno. Essa medida tem a finalidade de matriculá-lo na sala de aula mais adequada para as suas necessidades, assim como orientar a equipe de referência e professores da rede de ensino no encaminhamento de atividades no contra turno do ensino formal, como: iniciação profissional, arte e cultura, esporte e lazer, alfabetização, reforço escolar, entre outras.

Para Paulo Freire, os modelos avaliativos estão relacionados com o momento histórico, postura filosófica e tendência educacional, conforme o posicionamento dos educadores e das educadoras. Diante disso, é necessário que os profissionais reconheçam esses elementos, além de realizar o diagnóstico prévio dos educandos, reconhecendo elementos fundamentais, como limitações, necessidades potencialidades, para um aprendizado mais significativo.

Conforme o explanado no Documento Orientador Conjunto entre a Secretaria de Estado da Educação e Fundação CASA representada pela Gerência Escolar, de agosto de 2017, prevê possibilidades de intervenção no Centro de Internação (CI), como:

I – no caso de adolescente que não contar com registro escolar no sistema da SEE, boletim, histórico escolar, certificado, memorial ou qualquer outra documentação referente à sua trajetória escolar, deverá em até 10 dias letivos, após o seu ingresso no CI, ser submetido a uma avaliação diagnóstica em Língua Portuguesa e Matemática, aplicada pelo professor e acompanhada pela coordenação pedagógica da escola vinculadora, cujos os resultados constituirão indicadores das condições e da capacidade do aluno interagir com os conteúdos e aprendizagem requeridos para a classe do ano/série e segmento de ensino em que terá definida sua classificação.

II – todos os alunos ingressantes no CI, incluindo-se os que contarem com documentação escolar, serão submetidos a uma avaliação diagnóstica em Língua Portuguesa e Matemática, em até 15 dias letivos seu ingresso no CI, de

acordo com o atendimento individualizado realizado na medida socioeducativa de internação. Também neste caso a avaliação deve ser aplicada pelo professor e poderá revelar a necessidade de atividades de apoio à aprendizagem do aluno, visando a progressão com qualidade, sem prejuízos à trajetória escolar indicada, observando o que a legislação normatiza sobre classificação e reclassificação. Há ainda, a possibilidade de inserção do aluno, com necessidade de atividades de apoio à aprendizagem, em classe do ano/série que o auxiliará na superação da defasagem diagnosticada, por tempo determinado pela coordenação pedagógica da escola vinculadora juntamente com o setor pedagógico do ci, e em caráter de absoluta provisoriedade (FUNDAÇÃO CASA - Gerência Escolar, 2017, p. 10).

A intenção desta pesquisa não é de avaliar o documento, mas é de explicar que o objetivo de fazer uma avaliação diagnóstica exposta nesse documento orientador é para que os docentes tenham subsídios na identificação de eventuais defasagens do adolescente, possibilitando ações interventivas individualizadas para auxiliar no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à continuidade e permanência dos estudos, também na pós medida.

Quando se fala em avaliação na medida socioeducativa, principalmente a denominada como “avaliação diagnóstica”, prevista em documentação legal entre Fundação CASA e Secretaria de Estado da Educação, é possível citar duas coisas a serem observadas: a primeira, se referindo a forma de aplicação da avaliação; e a segunda, com qual propósito e encaminhamentos ela é realizada.

A primeira avaliação, diagnóstica, é influenciada pelo contexto emocional que o adolescente se encontra, ao meio rígido de tempo e espaço, entre outras circunstâncias. Principalmente, por ela ser aplicada nos primeiros dias de cumprimento da medida socioeducativa, sendo, então, um contexto e ambiente novo ao adolescente.

Assim, em Freire, avaliar a prática é analisar o que se faz. Ressalta-se, assim, a importância de comparar os resultados obtidos com as finalidades pretendidas e a necessidade de corrigir erros e imprecisões das práticas. Ao analisar o que se faz, a concepção de avaliação fica articulada com saberes como: disponibilidade, humildade, tolerância e convicção de que a mudança é possível.

O segundo aspecto da avaliação é verificar se ela comunica com a concepção de Freire, ou seja, uma avaliação centrada no objetivo transformador, contemplando aspectos de demandas sociais e de defesa de direitos.

Em relação aos direitos na avaliação, nesse contexto estudado na pesquisa, aponta-se questões como: A avaliação realmente está contribuindo para inserir o adolescente na sala de aula que mais se aproximada dos seus conhecimentos e

desenvolvimento? A avaliação realmente está servindo para um parâmetro de acompanhamento no percurso da MSE no que se refere a aprendizagens prevista para o nível de escolaridade e faixa etária? Está servindo para cumprir com um protocolo normativo que o auxilia na autonomia e não retorno ao meio delitivo?

Quando se trata de educação não escolar no sistema de medidas socioeducativas, tanto de meio aberto quanto do meio fechado, suas particularidades são ainda mais visíveis, pois as práticas de atendimento estão orientadas por preceitos legais do ECA e do SINASE, cingidas por valores, princípios e métodos pensados e elaborados na busca pela garantia de direitos, dirimindo atos infracionais, num processo de redirecionamento da conduta dos jovens que, por diversos motivos, se envolveram com o meio delitivo (FRANCISCO; ONOFRE, 2015, p. 271).

Por fim, este Eixo: “A atividade específica de alfabetização do Centro de Atendimento”, apresenta aspectos importantes para apresentar como a atividade de alfabetização é realizada atualmente nos Centros de Atendimento de Internação na Fundação CASA, como: se ela é prevista em Agenda no centro; qual a periodicidade que ela acontece, e a forma de indicação dos e das adolescentes na atividade.

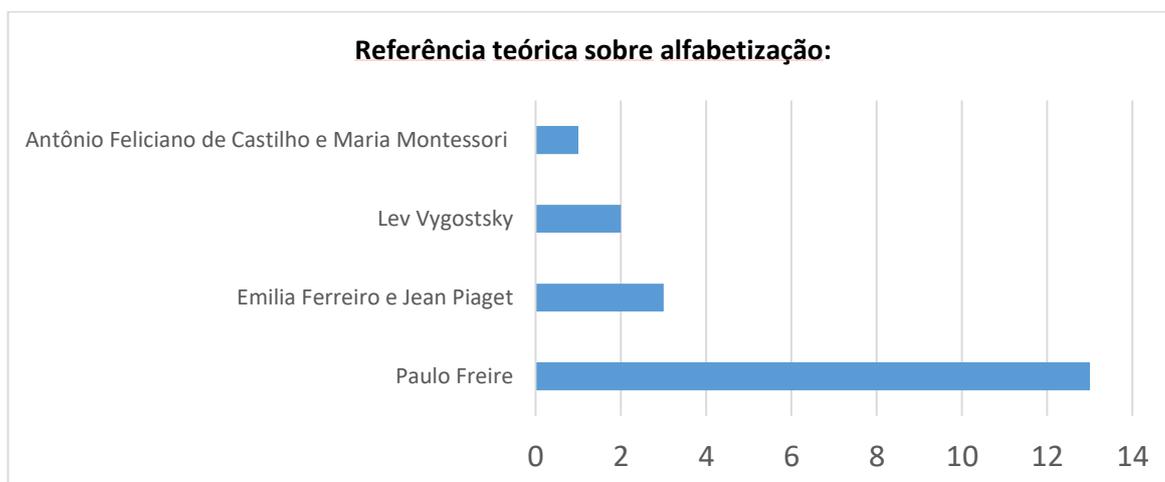
4.3.2 Sobre seu conhecimento acerca dos conceitos de Alfabetização e o trabalho na Fundação CASA

Este foi um eixo do questionário destinados às pedagogas que integrava um grupo de oito (08) perguntas. A seguir, serão detalhados os resultados encontrados e sua análise.

Especificamente quanto à pergunta aberta⁴¹: “Qual é a sua principal referência teórica sobre alfabetização?” foi obtido o seguinte cenário:

⁴¹ Ou seja, não havia nenhuma opção para assinalar como resposta. Era livre o preenchimento.

Gráfico 6 - Principal referência teórica sobre alfabetização?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O gráfico 6 mostra o quanto o educador Paulo Freire, para este grupo de pedagogas, é uma referência para o campo da alfabetização. Essa foi, inclusive, uma informação de abertura para saber se o trabalho realizado na Fundação CASA orientasse pelos princípios freirianos.

Paulo Freire identifica o alfabetizando como sujeito da aprendizagem, portador de um conhecimento, de uma aprendizagem que ocorre a partir das experiências, do diálogo, da leitura do mundo, da concepção de alfabetização como construção de significados (DREYER, s/p. 2011).

Uma coisa é conhecer e outra bem distante é colocar em prática, principalmente quando se fala de Paulo Freire, que é muito mais que um método de alfabetização de adultos, mas também uma filosofia de educação e ideias práticas e teóricas sobre a educação. Conforme apontado pelo professor Afonso Scocuglia, em uma entrevista à Revista Nordeste:

Para começar, quando a gente fala de Paulo Freire, estamos falando de um autor muito complexo. Talvez, para quem não é estudioso ou aprofundado da área, se passe a impressão de que Paulo Freire é alguém fácil, mas, na essência sua teoria complexa e vem sempre da prática educativa, das suas observações e experimentações. É complexa porque mistura autores e tendências em filosofia, antropologia, sociologia e nas ciências da educação (SCOCUGLIA, 2021, s/p).

Na pergunta aberta: “Qual método ou teoria você utiliza em suas atividades de alfabetização na Fundação CASA?”, as respostas foram bastante diversificadas, como: uma mescla entre a teoria construtivista e o método tradicional; interacionismo; método

silábico; formação de palavras e texto fatiado; método Paulo Freire, além também de explicar que não se utiliza de nenhuma teoria específica, porque mescla os métodos.

Esta informação apresenta que, mesmo que Paulo Freire seja a referência teórica principal quando se trata de alfabetização, na prática, ele nem sempre é utilizado pelas participantes. Afinal, foi possível perceber que elas trazem informações de aglutinações por métodos ou teorias antagônicas⁴² em suas atividades.

As respostas mostraram o quanto ainda é embrionário o conceito de métodos e teorias, e, ainda, qual mais se adequa às necessidades da população adolescente em um contexto de privação da liberdade. Além de um não direcionamento institucional para o trabalho alfabetizador.

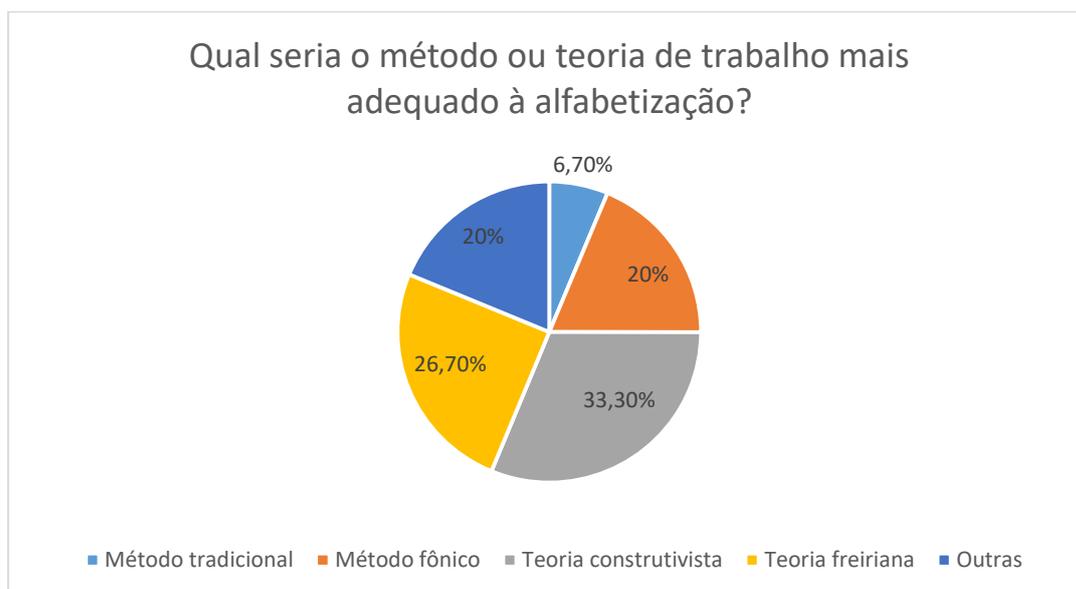
Já para Cervo, Silva e Bervian (2007), o método em seu sentido mais geral é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado. Assim, como as experiências são bastante diversas, ou até mesmo inexistentes enquanto proposta alfabetizadora, não dá para saber se o objetivo é apenas ensinar a leitura dos códigos para a escrita, ou algo além para a compreensão do que é lido e escrito.

Não que seja necessária alguma proposta estritamente rígida a ser seguida pelas pedagogas nesse trabalho também como alfabetizadoras, mas as discussões como ponto de partida para definição de objetivos desse trabalho são importantes.

O método não é um modelo, fórmula ou receita que, uma vez aplicada, colhe, sem margem de erro, os resultados previstos ou desejados. É apenas um conjunto ordenado de procedimento que se mostraram eficientes, ao logo da história, na busca do saber. [...]. O resultado depende de seu usuário (CERVO *et al.*, 2007, p. 29).

⁴² Característica do que é contrário ou oposto.

Gráfico 6 - Método ou teoria de trabalho indicado como o mais adequado à alfabetização.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Neste caso, as teorias que se assemelham, construtivista e freiriana, se apresentaram com um percentual de mais de 20% das demais apontadas pelas pedagogas juntas. O que remete à uma amostragem curiosa, porque o que elas apresentam como a mais adequada, não é a utilizada.

Conforme apresentado acima, o educador Paulo Freire se apresenta nos resultados do questionário como a principal referência teórica das participantes, em que 13 das 15 pedagogas que responderam essa pesquisa informaram. Porém, quando se pergunta sobre as práticas que, de fato, são utilizadas, o cenário se altera.

Paradoxalmente, a influência de Paulo Freire é reconhecida em todo o mundo, mas no Brasil ela está presente nas políticas públicas de Cultura (BRASIL, 2013) e de Saúde (CONASS, 2013), por meio de planos nacionais instituídos em todo o território nacional, mas não na Educação, onde a incorporação de seu vasto cabedal ainda é resultante de experiências pontuais e isoladas (SILVA, 2016, p. 183).

Ao analisar essas respostas, chega-se à compreensão de que o cenário atual da Fundação CASA pode ser visto abaixo no quadro 8:

Quadro 8 - Cenário atual da Teoria e Prática da atividade de Alfabetização na Fundação CASA

	Pergunta	Resposta mais citada
1ª	Qual a sua principal referência teórica no campo da Alfabetização?	Paulo Freire
2ª	Qual método ou teoria você utiliza em suas atividades de alfabetização na Fundação CASA?	Na maioria das respostas não foi identificado ou informado. Mas, nas demais respostas obteve-se uma prevalência do campo tradicional, ou utilização antagônicas.
3ª	Para você, qual seria o método de trabalho mais adequado à alfabetização?	Teoria Construtivista e Teoria Freiriana.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Paulo Freire configura-se como a maior referência teórica das pedagogas participantes na pesquisa e se encontra no campo da proposta de trabalho compreendida como a mais adequada para a população adolescente da Fundação CASA, mas, na prática, os princípios freirianos não são os utilizados na mesma proporção.

Propostas de educação no campo de uma Pedagogia Social⁴³ que se alinham a uma educação freiriana, não são, em sua maioria, realizadas. Paulo Freire é apresentado como um dos pioneiros da Educação Social e da Pedagogia Social, ainda que não tenha escrito sobre o tema. Embora não tenha escrito especificamente sobre o tema, há um capítulo do livro Educação e Mudança sobre “O papel do trabalhador social no processo de mudança” (FREIRE, 1979, p. 43-60) que nos remete ao debate atual em relação ao papel do “educador social”.

Dado o exposto por meio da análise do questionário e da complementação por meio da colaboração da entrevista com a professora Dra. Sônia Couto, conclui-se que é necessário o investimento institucional formativo dessas profissionais, para a realização de um trabalho pedagógico de alfabetização mais condizente com as necessidades da população atendida na Fundação CASA. É importante, ainda, a criação de instrumentais para subsidiar o acesso à dados e consequentemente ações eficazes de intervenção por meio de acompanhamento e orientações.

⁴³ A concepção de uma Pedagogia Social fundamentada no pensamento pedagógico de Paulo Freire representa uma importante contribuição para a pesquisa, análise e reflexão das ricas e diversificadas práticas de educação popular, comunitária e social oriundas dos movimentos sociais e populares, por vezes fragilizadas por falta de fundamentação teórica, marginalizada pela academia, desprovida de instâncias de formação e com produção completamente fragmentada, sem nenhuma organicidade teórica ou conceitual (SILVA, 2016, p. 188-189).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intenção trazer os aspectos relativos aos limites e possibilidades da ação alfabetizadora realizada pelo profissional pedagogo aos e às adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa de internação na Fundação CASA.

Anunciando uma realidade ainda pouco estudada, a temática permite muitas possibilidades para a exploração acadêmica, mas esta investigação configura-se como uma importante contribuição para seja possível entender a história da Pedagogia, o papel social do pedagogo e, principalmente, a possibilidade em trazer um novo olhar sobre a alfabetização como direito humano também nesse contexto de privação da liberdade.

Fazer um trabalho sobre a Fundação CASA não é uma tarefa fácil, por inúmeras razões. Entre elas, destaca-se: o falar sobre uma instituição que historicamente e culturalmente está sob uma lógica de violação de direitos e violência, além de somar a uma raiz de clamor social por mais violação e mais repressão. Então, falar de algo que vá na contramão disso, às vezes, é bastante desafiador.

Na espera do verbo ‘esperançar’, que é agir, é preciso colaborar com ações internas que façam cumprir com o que está determinado nas diretrizes internacionais e nacionais, garantindo os direitos humanos dessa população que se encontra em condição sazonal de privação da liberdade. Assim, elas não ficariam em uma condição ainda de maior vulnerabilidade.

Embora compreenda-se que os profissionais também vivenciam situações de violência, o que a pesquisadora Juliana Vinuto denomina em sua pesquisa: “O outro lado da Moeda”, que

[...] é possível pensar também que os dois lados de uma moeda jamais são idênticos. Assim, mesmo que adolescentes internados e profissionais vivenciem constrangimentos organizacionais por se encontrarem em instituições híbridas de interface com a prisão, cada uma das partes sofre coerções específicas que precisam ser compreendidas em suas particularidades (VINUTO, 2019, p. 256).

É necessário entender que o adolescente está em um período de desenvolvimento, vivendo mudanças físicas, cognitivas e sociais, na transição da infância para a vida adulta, o que faz ter e necessitar de olhares específicos. Compreendendo esse processo de desenvolvimento, amplia-se o conceito de que ele ou ela é um adolescente em conflito com a lei, mas que, por vezes, a lei também está em conflito com esses indivíduos.

Parafrazeando o que um amigo de trabalho diz, entende-se que o adolescente que chega na Fundação CASA, por vezes, está lá por falta de oportunidades. Sendo essas oportunidades entendidas como os direitos fundamentais como educação e cultura, além de possibilidades para uma vida economicamente ativa e saudável.

Há, neste trabalho, uma apresentação de quem são as pedagogas que trabalham na Fundação CASA, quem é a principal referência teórica em seu trabalho como alfabetizadora, além da explanação sobre o trabalho atualmente realizado na instituição nestas atividades.

A intenção desta pesquisa surge em conformidade com a música de Almino Henrique, considerada o Hino do Movimento de Alfabetização: “Vamos ler o mundo, escrever o mundo e juntos fazer a nossa história acontecer”. Pensando como uma colaboração para a instituição implantar ações diretivas e formativas para a ação alfabetizadora a esses e essas adolescentes.

Privilegiou-se modalidades e metodologias de pesquisa com abordagem qualitativa, por meio de leitura documental e bibliográfica, além do uso de técnicas como a aplicação de questionário e entrevista, além da experiência laborativa da pesquisadora.

Esse ponto da técnica de pesquisa foi um dos que, devido a questão pandêmica, causou uma diferença quantitativa do que estava inicialmente planejado, transitando para o possivelmente realizável. Embora, ao final da pesquisa percebeu-se que isso não causou prejuízos significativos para a contribuição social desse trabalho.

A pesquisa foi provida de referências que colaboraram para a conceituação e explanação sobre a educação humanizadora, libertadora e dialógica, cuja principal alusão é o patrono da Educação o professor Paulo Freire, associada a teóricos do campo da definição do ser pedagogo e da pedagogia como o professor José Carlos Libâneo e conceito de alfabetização trazido pela Ana Maria de Oliveira Galvão e Maria Clara Di Pierro.

Esses e outros teóricos, utilizados nessa pesquisa, possibilitaram a realização de uma fotografia, por meio da qual foi possível entender, entre outras coisas, o quanto é necessário avançar no trabalho da ação alfabetizadora dentro da Fundação CASA, assim como a necessidade real de formação continuada dessas profissionais pedagogas que dentre várias atribuições laborativas realizam essa demanda.

Uma inferência possível por meio desta pesquisa é que, sem um processo participativo ou integrador das relações institucionais entre coordenação e seus

profissionais, não há troca de experiências e, tampouco, o acompanhamento no gerenciamento dos dados para se pensar ações mais assertivas e transformadoras da realidade.

Destaca-se que o fato de Paulo Freire ser o autor mais citado, de maneira positiva, de fato, foi algo inesperado, tendo em vista a contradição com a lógica da instituição. Isso trouxe reflexões de como se educar para a liberdade em um contexto que a liberdade está prejudicada ou inexistente.

No entanto, para isso, de fato, se efetivar, serão necessários investimentos institucionais envolvendo o planejamento e o acompanhamento dessas atividades na ponta, assim como o compromisso político na formação continuada dessas e desses profissionais. Essa configuração é necessária, pois, sem o apoio da gestão, o trabalho “libertador” dificilmente acontecerá. Tampouco, o currículo do curso de Pedagogia dá condições formativas para preparar esse profissional ao trabalho em um contexto de educação não formal.

Diferentes profissionais trazem novas sugestões sobre o que pode-se dizer como radicais e não sectárias, sofrem violências como: boicotes, minimização, ameaças mesmo que simbólicas, chacotas, ilegitimidades, entre outras. Isso não são palavras soltas, são, infelizmente, experiências vividas no ambiente da instituição.

Ao se utilizar a palavra radical, a pesquisa toma a liberdade de associá-la à conceituação de Paulo Freire, como: criativa, crítica, libertadora e que engaja para a transformação. Então, a instituição precisa possibilitar o espaço para ações mais radicais.

Apesar de não ser o foco dessa pesquisa, mas é algo que chamou atenção para outras reflexões, é como a questão de gênero e raça é tratada na instituição.

Não houve a participação de nenhum pedagogo homem (cis) na pesquisa. Sendo assim, levanta-se, aqui, suposições a serem estudadas em outras pesquisas com esse foco e preliminarmente entender como: nenhum teve interesse, ou mesmo que sendo a minoria eles não se encontram em função de base, o que mostra talvez a incidência de uma desigualdade nas funções mesmo com a mesma formação ou até maior das mulheres.

Um outro aspecto observado se dá pela ausência de nenhuma das pedagogas participantes serem negras, ou se auto declararem negras. Isso remeteu a duas leituras: uma de que realmente a presença da pessoa negra na Fundação CASA só está, em sua maioria, no lado de população atendida e não no lado do corpo profissional, ou até mesmo que algumas pessoas estão na condição do que a fotógrafa Marcela Bonfim explica: “A

maioria dos negros brasileiros precisa aprender a ser negro no percurso de suas vidas”, pelo fato de não verem a cultura valorizada não se reconhecem como pessoa negra.

Para além dessa não presença do corpo negro como profissional da educação nesse espaço de privação da liberdade, mas que tem em seu corpo de atendidos uma população superior a 70% de negros, faz com que esse e essa adolescente não se veja como um possível servidor público, mas somente como “seres prendíveis”. Mais do que nunca é preciso falar sobre negritude e sobre branquitude.

Ressalta-se a contribuição dessa pesquisa nesse momento político atual que o educador Paulo Freire vem sendo questionado e atacado por membros que compõe ou fazem coro em defesa das pautas conservadoras e antidemocráticas representadas pelo atual governo brasileiro. O ano de publicação dessa pesquisa soma-se a tantas outras iniciativas e trabalho que fazem menção à comemoração do Centenário do Patrono Nacional da Educação o Paulo Freire.

Esse trabalho revela, por fim, que é necessária a continuidade das discussões frente ao perfil, formação e ação alfabetizadora no contexto de privação da liberdade, com foco na uma educação libertadora, dialógica, de respeito à autonomia do ser educando, apreensão da realidade e, principalmente, com a convicção de que a mudança é possível.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia. **História da Educação e da Pedagogia: Geral Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BATISTA, Antônio Gomes. A alfabetização é parte do direito à educação em qualquer idade. **Plataforma do Letramento** [online]. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/327/a-alfabetizacao-e-parte-do-direito-a-educacao-em-qualquer-idade.html#:~:text=A%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20parte%20do%20direito%20%C3%A0%20educa%C3%A7%C3%A3o.,Em%20qualquer%20idade>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da criança e do adolescente**, Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SDH) / Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE**. Brasília: Presidência da República. 1. ed., 2006.

BRASIL. **Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/_ato2011-2014/2012//lei/11594.htm. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília. Presidência da República, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização/ Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BURITI, Erinaldo. O legado de Paulo Freire: uma análise da obra Pedagogia da Autonomia. **Revista Virtual Lingu@ Nostra@4**, (2), 100 – 105, 2016.

CANDIDO, Marcos. **O que são a educação bancária e a libertadora formuladas por Paulo Freire**. <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/12/01/o-que-sao-a-educacao-bancaria-e-a-libertadora-formuladas-por-p-freire.htm>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CERVO, A. L., SILVA, R. e BERVIAN, P.A. (2007). **Metodologia Científica**. São Paulo, São Paulo: Pearson Prentice Hall.

DOCUMENTO ORIENTADOR CONJUNTO SEE - CGEB / Fundação CASA -
Gerência Escolar nº 01. **Procedimentos para a garantia de acesso à educação básica aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio fechado.**
São Paulo, 2017

DREYER, Loiva. Alfabetização: O olhar de Paulo Freire. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5217_2780.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

ESCRAVOS na Grécia Antiga in Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2021.
Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$escravos-na-grecia-antiga](https://www.infopedia.pt/$escravos-na-grecia-antiga). Acesso em: 04 abr. 2021.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. **Método Paulo Freire: A Reinvenção de um Legado.** – 2. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

FRANCISCO, Júlio Cesar; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Educação não escolar na Fundação CASA – SP: jovens em situação de privação de liberdade e construção de projetos de vida. **Revista HISTEDBR [Online]**, Campinas, nº 66, p. 267-277, dez 2015.

FRANCO, Dalva de Souza. A gestão de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989 – 1991) e suas consequências. **Pro-Posições** | v. 25, n. 3 (75) | p. 103-121 | set./dez. 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina.** São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 31ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas a outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 63ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Impossíveis**. Ana Maria Araújo Freire (org). São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FUNDAÇÃO ASTROGILDO PEREIRA. **Dois grandes nomes da Educação brasileira**: Paulo Freire e Anísio Teixeira. Disponível em: <http://www.fundacaoastrojildo.com.br/2015/2019/06/08/dois-grandes-nomes-da-educacao-brasileira-paulo-freire-e-anisio-teixeira/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

GADOTTI, M.. Alfabetizar e Politizar. Angicos, 50 anos depois. **Foro de Educación**, 12(16), pp. 51-70, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14516/fde.2014.012.016.002>. Acesso em: 11 jan. 2021.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; PIERRO, Maria Clara Di. **Preconceito contra o analfabeto**. – (Preconceitos; v 2). - São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

GONÇALVEZ, Sônia; DONATONI, Alaíde Rita. Da história da pedagogia a história da educação: fatos e marcos em busca de (res)significação epistemológica. **Revista Uniube**, 2007. Disponível em: <http://revistas.uniube.br/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

GRANDES EDUCADORES: Paulo Freire, Jean Piaget, Lev Vygotsky e outros. Matérias Escolares - Ensino Fundamental e Médio. Disponível em: <https://www.educacao.cc/educacao/grandes-educadores-paulo-freire-jean-piaget-lev-vygotsky-e-outros.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

HADDAD, Sérgio. **O direito humano à Educação**. Direitos Humanos na sala de aula. Ano VII – nº68 – março de 2006.

LAJOLO, Mariana. **EAD**: 1,5 milhão estuda a distância no Brasil - Mais baratos e flexíveis, cursos online ganharam força; conheça boas faculdades, histórias de quem fez e como o mercado vê esse tipo de diploma. Revista Veja [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/ead-15-milhao-de-pessoas-estuda-a-distancia-no-brasil/>. Acesso em: 11 já. 2021.

MARINHO, José. **Paulo Freire, legítimo patrono da educação brasileira**. O CENPEC Educação resgata e reverencia as contribuições do grande pedagogo ao Brasil e ao mundo após homenagem em desfile. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/paulo-freire-o-patrono-legitimo-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 11 jan. 2021.

MOYA, Isabela. **Paulo Freire**: o que diz a filosofia do educador brasileiro? [online]. Disponível em: <https://www.politize.com.br/paulo-freire/>. Acesso em: 02 jan. 020.

OLIVEIRA, Dalila de Andrade. **Gestão Democrática da Educação**: Desafios Contemporâneos. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

ONOFRE, E. M. C. **Reflexões sobre o significado da educação-escolarização para jovens em conflito com a lei**. In: Julião, E. F. e Vergílio, S. S. (Orgs). Juventudes, políticas públicas e medidas socioeducativas. Rio de Janeiro: DEGASE, 2013.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. MACHADO, Érico Ribas. **Pedagogias: concepções e práticas em transformação**. Revista Educar, Curitiba, n. 35, p. 223-236, Editora UFPR, 2009.

PAULO Freire. Verbete. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire. Acesso em: 02 jan. 2021.

PEDAGOGO – Salário 2021 e Mercado de Trabalho em Pedagogia. Salário.com [online]. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/pedagogo-cbo-239415/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PEREIRA, Elisabete Monteiro Aguiar. **Contexto Social e Biografia de Paulo Regus Neves Freire**. UNICAMP, 2011.

PROFESSOR Afonso Scocuglia destaca por que Paulo Freire é considerado o patrono da educação brasileira e o pedagogo mais estudado do mundo. Revista do Nordeste, caderno Brasil [online]. Disponível em: <http://revistanordeste.com.br/professor-afonso-scocuglia-destaca-por-que-paulo-freire-e-considerado-o-patrono-da-educacao-brasileira-e-o-pedagogo-mais-estudado-do-mundo/>. Acesso em: 13 fev. 2021.

REVISTA ESCOLA. Emília Ferreiro – **Alfabetização e cultura escrita**. Entrevista com Emília Ferreiro. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0162/aberto/mt_245461.shtml. Acesso em 02 jan. 2020.

SAMPAIO, Mariléia Egidio. **A pedagogia por detrás de múltiplas máscaras: análise dos referenciais de professores universitários e sua relação do Projeto Pedagógico**. [Dissertação]. PUC-SP, 2007.

SANTOS, Bruno Tadeu de Oliveira. **Educação Escolar como direito humano universal social fundamental: Teorias!? Práticas!? Práxis!?**. Direitos humanos e educação: uma relação indissociável / Giseli Valezi Raymundo. - Curitiba: Bagai. 2020.

SÃO PAULO. FUNDAÇÃO CASA. **Edital de abertura de inscrições e instruções especiais nº 001/2009**. Disponível em: https://arquivos.qconcursos.com/regulamento/arquivo/449/fundacao-casa-2009-edital.pdf?_ga=2.254902671.62298585.1625415585-1969613558.1625415585.PDF>. Acesso em: 13 out. 2020.

SÃO PAULO. Fundação Casa. Superintendência Pedagógica. **Educação e Medida Socioeducativa: conceito, diretrizes e procedimentos**. São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/pdf/Educacao_e_Medida_Socioeducativa.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

SCHEFFER, GRAZIELA. Pedços do Tempo: legado de Paulo Freire no Serviço Social. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), vol. 12, núm. 2, 2013, pp. 292-311 - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, RS, Brasil.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. **A Pedagogia do/no curso de Pedagogia: significados epistemológicos em projetos curriculares de formação inicial de pedagogos(as)**. Dossiê: Pedagogia, didática e formação docente: velhos e novos pontos críticos-políticos. n. 8 (2020).

SILVA, Francisco Canindé da; SAMPAIO, Marisa Narcizo. Cinquentenário das “40 horas de Angicos”: memória presente na educação de jovens e adultos. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Açu, RN, Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20 n. 63 out.- dez. 2015.

SOARES, Wellington. **Paulo Freire se torna o Patrono da Educação. Entrevista com Luiz Araújo**. <https://novaescola.org.br/conteudo/227/paulo-freire-patrono-educacao>. Acesso em 10 jan. 2021.

SOUZA, Adilson Fernandes de. **Integração SUAS/SINASE: O Sistema Socioeducativo e a Lei 12.594/2012**. – São Paulo: Veras Editora, 2012. – (Série Temas; 9).

SOUZA, Anderson Soares de. **Atribuições profissionais de pedagogos da fundação CASA/SP: entre o prescrito e as práticas cotidianas**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Cidade de São Paulo, 2015.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 4ª ed. – ver. amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

TABELA Salarial. Salário.com [online]. Disponível em: <https://www.salario.com.br/tabela-salarial/>. Acesso em: 10 abr.2021.

VICHESSI, Beatriz; DINIZ Melissa. **Práticas de alfabetização adequadas aos adultos**. Revista Nova Escola [online]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/59/pratica-adequada-aos-adultos>. Acesso em: 02 jan. 2020.

VINUTO, Juliana. **“O OUTRO LADO DA MOEDA”**: O trabalho de agentes socioeducativos no estado do Rio de Janeiro. [Tese]. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

WEIZ, T. Prefácio. In: FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

APÊNDICE: A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO À FUNDAÇÃO CASA



São Paulo, 16 de dezembro de 2019.

À Fundação CASA

Ref. Autorização para a realização de pesquisa de mestrado

Estimados (as),

Sirvo-me do presente para lhes apresentar a minha orientanda de mestrado acadêmico, **Tatiana Pereira Lima**. Ela desenvolve a pesquisa com tema provisório do Trabalho: "*Limites e possibilidades do pedagogo na Alfabetização: Trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA*", no Programa de Pós-Graduação da FLACSO Brasil.

A pesquisa tem por objetivos específicos: - Apresentar o suporte institucional para a realização do trabalho sobre alfabetização; - Identificar o perfil dos profissionais pedagogos que laboram na Fundação CASA; - Analisar se o trabalho desenvolvido contribui para que o adolescente não alfabetizado se insira socialmente com saberes para além da aquisição do conhecimento da leitura e escrita.

Este trabalho é importante para que esta investigação consiga diagnosticar, com a participação dos envolvidos nas políticas educacionais aplicadas na Fundação CASA, os limites e possibilidades, e a partir de então, possibilitar uma reflexão aprofundada e científica em torno do tema para o aprimoramento das políticas educacionais utilizadas na Instituição.

Solicitamos autorização da Fundação CASA para que ela possa aplicar o instrumento de questionário on-line com pedagogos e pedagogas dos Centros de Atendimento, e uma entrevista com a Superintendente Pedagógica.

Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários.

Saudações,

Paulo Ramos
Professor Orientador

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Brasília - DF: SANS Ávia 2-A, s/n - Setores Complementares, sala 126 | CEP: 70610-900 | Telefones: (+55 61) 2020-3390 / 2020-3330 / 3703-2540
Rio de Janeiro - RJ: Rua São Francisco Xavier, 524 | Bloco F, 12º andar, Sala 12.111 | Maracanã | CEP: 20550-013 | Telefones: (+55 21) 2334-0890
São Paulo - SP: Av. Ipiranga, 1071 | Sala 608 | República | CEP: 01039-903 | Telefone: (+55 11) 3229-2995
www.flacso.org.br | flacsobr@flacso.org.br

APÊNDICE: B - PROJETO DA PESQUISA APRESENTADO À FUNDAÇÃO CASA

- **Assunto**

Educação para adolescentes em privação da liberdade.

- **Tema**

Limites e possibilidades do pedagogo na Alfabetização: Trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA

- **Problema**

Se pretende problematizar o trabalho que o profissional pedagogo realiza no processo de alfabetização dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, associado a um dos objetivos finais previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, que é o de receber escolarização e profissionalização. Considerando que, na legislação brasileira, a privação de liberdade dos adolescentes em conflito com a lei prevê a reinserção social do adolescente na sociedade, não seria alfabetização parte integrante desse processo? Qual deveria ser o objetivo da pedagogia nesse processo de alfabetização?

- **Hipótese**

Este trabalho de pesquisa tem algumas hipóteses iniciais que serão apresentadas de maneira separadas, entre: as que pertencem ao Campo Institucional e as que se relacionam ao Campo Individual.

Como hipótese institucional, citam-se algumas expectativas, entre elas: a importância da elaboração de um projeto de alfabetização específico para esse ambiente de privação da liberdade; a necessidade de proporcionar uma formação continuada aos profissionais pedagogos ligado ao trabalho alfabetizador (a alfabetização, a educação de jovens e adultos, a realidade brasileira), focado para uma teoria crítica da educação; possibilitar espaços para trocas de experiências entre os profissionais pedagogos da própria instituição com especialistas do campo de estudo; além, da importância em aperfeiçoar-se na coleta de dados estatísticos.

Para que o trabalho realizado seja de maior efetividade e de cumprimento ao previsto no Parâmetro da Gestão Pedagógica no atendimento socioeducativo, referente ao desenvolvimento pessoal e social do adolescente, conforme abaixo:

As ações socioeducativas devem exercer uma influência sobre a vida do adolescente, contribuindo para a construção de sua identidade, de modo a favorecer a elaboração de um projeto de vida, o seu pertencimento social e o respeito às diversidades (cultural, étnico-racial, de gênero e orientação sexual), possibilitando que assuma um papel inclusivo na dinâmica social e comunitária. Para tanto, é vital a criação de acontecimentos que fomentem o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade e de competências pessoais relacionais, cognitivas e produtivas (SINASE, 2006, p. 52).

No que se refere ao campo individual, acredita-se que é importante apresentar duas realidades: uma de profissionais dispostos e abertos para novos espaços de reflexão e formação, mas também profissionais desacreditados da mudança social que o seu trabalho pode fazer na vida do educando de maneira positiva; pedagogos desestimulados com a própria instituição; além, de ausência de preparo para esse trabalho.

Tendo a compreensão de que alfabetizar adolescentes privados de liberdade na Fundação CASA, é seguir a discussão de um conjunto de objetivos para uma educação básica de qualidade, conforme o professor José Carlos Libâneo apresenta em seu livro “Pedagogia e Pedagogos, para que?” segundo o qual os princípios deverão ser: prepará-los os educandos para o mundo do trabalho; formá-los para a cidadania crítica; prepará-los para a participação social e possibilitá-los a uma formação ética.

Por fim, este trabalho tem, como expectativas, compreender que as atividades realizadas pelo pedagogo e pela pedagoga atualmente na Fundação CASA, especificamente na atuação como alfabetizador e alfabetizadora carece de aprimoramentos, tanto no que se refere a elaboração de dados estatísticos para uma intervenção mais qualitativa por parte do Setor Pedagógico no Centro de Atendimento, quanto em realização de formação continuada desse e dessa profissional para que a ação seja mais eficiente, levando-se em consideração o perfil dos e das adolescentes internos, sua realidade social e perspectivas individuais e coletivas.

- **Justificativa**

A Fundação CASA é a instituição responsável pela execução de medidas socioeducativas de privação da liberdade (Semiliberdade e Internação), a adolescentes de 12 anos a 21 anos incompletos, no Estado de São Paulo. Onde, a partir de dados do Núcleo

de Produção de Informações Estratégicas (NUPRIE), no Boletim Estatístico Semanal de 10/05/2019, a instituição encontrava-se com 8.041 adolescentes, sendo 95,81% classificado como meninos e 4,19% como meninas.

A instituição é constituída por dez (10) Divisões Regionais e um Polo, possuindo em cada um deles, Centros de Atendimento subordinados, onde os(as) adolescentes e jovens cumprem a Medida Socioeducativa determinada pelo Poder Judiciário.

Cada Centro de Atendimento possui um Setor Pedagógico, onde o(a) profissional pedagogo(a) tem atribuições específicas, divididas entre: Estrutura e Funcionamento, ou seja, setor que cuida da parte burocrática, como a regularização da documentação escolar do adolescente e de demais documentos de natureza administrativa; e setor de atribuição que está relacionada a Práticas Educativas, cuja atuação principal, é realizar o acompanhamento diário da rotina pedagógica e, em alguns casos, desenvolverem atividades referentes ao reforço escolar e alfabetização.

É sabido que um dos desafios da juventude das periferias brasileiras é o acesso a uma educação de qualidade, onde a ONG “Todos pela Educação” apontou em estudo de dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios) que 62% dos jovens entre 15 a 17 anos, estavam fora da escola.

Os altos números de evasão e de defasagem escolar, principalmente na juventude das regiões periféricas, refletem também na população que se encontra cumprindo medida socioeducativa de Internação na Fundação CASA. Esse fato é percebido no dado consolidado e disponibilizado a esta pesquisadora pela Gerência Escolar, que se refere a defasagem idade x série/ano, a qual apresenta um percentual de praticamente 97% no ano de 2019.

Considerando que a instituição necessita avançar nas questões sobre a defasagem escolar e, conseqüentemente, ao número considerável⁴⁴ de adolescentes não alfabetizados, que entram e saem da instituição por vezes sem mudanças significativas, a aquisição do conhecimento da leitura e da escrita, é reconhecida como uma das necessidades fundamentais para o indivíduo ser inserido socialmente.

Levando em consideração, principalmente, que a prática pedagógica para o acesso à oportunidade em adquirir o saber como um(a) cidadão(ã) alfabetizado(a) é importante, pensando em aspectos que possam colaborar quanto a autoestima, redução da

⁴⁴ A instituição não possui esses dados consolidados, mas por uma estimativa da própria experiência profissional dessa pesquisadora, acredito ser de aproximadamente 10%.

reincidência, estímulo para continuar a estudar e pela educação, reestabelecer um novo projeto de vida.

A ideia da pesquisa é levantar informações, como: existe ou não o trabalho alfabetizador na instituição? Quantos são e quem é o Pedagogo(a) que trabalha na Fundação CASA? É necessário realizar um trabalho focado para estes profissionais alfabetizadores(as)? Além de analisar como este trabalho está sendo realizado atualmente pela instituição via seus profissionais pedagogos(as) no contraturno do Ensino Formal.

Para tanto, a partir desses diagnósticos, ao final, verificar suas potencialidades, limites e desafios, ou seja, focar a pesquisa na ação do profissional pedagogo, observando se o trabalho realizado por estes(as) profissionais, estão pautados para possibilitar ao(a) educando(a) uma compreensão da leitura de mundo, fazendo com que o(a) adolescente tenha uma compreensão do seu lugar como cidadão e cidadã na sociedade.

É esse o grande papel e desafio da educação orientada para defesa dos direitos humanos: Promover uma Educação com respeito integral aos direitos de todas as pessoas e uma formação cidadã, em que elas possam ser agentes e atores do projeto de uma sociedade livre, igualitária, solidária e socialmente justa – uma sociedade, de fato democrática, fundamentada nos pilares da igualdade de direitos e na liberdade (MONTEIRO, 2012).

Uma das tarefas destinadas a essa população adolescente, durante o período de privação da liberdade não alfabetizada, poderá ser aperfeiçoada em uma prática de alfabetização cidadã que respeite a sua história de vida e que foque em assuntos que auxiliem em sua formação como indivíduo, voltados a aspectos para a consciência de seu papel social, conhecendo os seus direitos individuais e coletivos, os deveres, e principalmente que se reconheçam como sujeitos de direitos.

Nesse sentido, compreender se esses(as) educandos(as) que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação e que ainda se encontram em um nível de analfabetismo funcional⁴⁵, conforme classificação do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), estão tendo a possibilidade a partir da prática do(a) profissional

⁴⁵A instituição não possui esses dados consolidados. Tem-se uma estimativa a partir da avaliação diagnóstica de leitura, escrita e matemática aplicada pelo profissional pedagogo na Internação Provisória (Art. 120 – ECA) e posteriormente pelo professor da rede estadual de ensino nos primeiros dias do cumprimento da medida de Internação (Art. 122 – ECA), ao qual os próprios Centros de Atendimento planejam ações mais adequadas para a necessidade do/a educando/a. Para maiores informações quanto a conceituação de Analfabetismo consulte: INAF. Indicador de Alfabetismo Funcional Brasil, 2018 – Resultados preliminares, da Ação Educativa e Instituto Paulo Montenegro Ação Social do IBOPE. Páginas 2 -22.

pedagogo(a), de ter uma percepção mais aprofundada da realidade brasileira sobre o seu lugar e papel nessa sociedade desigual, racista, preconceituosa e excludente de acesso a direitos fundamentais à uma parcela da sociedade, para além da aquisição de um conhecimento de saber ler e escrever.

No quadro 6, a seguir, é possível visualizar as habilidades que caracterizam os cinco (05) níveis de Alfabetismo, além dos cortes definidos a cada grupo de acordo com a complexidade da escala.

Quadro 9 – Escala de proficiência

Grupos	Escala especial para estudo Alfabetismo e mundo do trabalho
Analfabeto (0 < x ≤ 50)	<ul style="list-style-type: none"> Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela consiga ler números familiares (de telefone, preços etc.).
Rudimentar (50 < x ≤ 95)	<ul style="list-style-type: none"> Localiza uma ou mais informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples (calendários, tabelas simples, cartazes informativos) compostos de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano doméstico. Compara, lê e escreve números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefone) identificando o maior/menor valor. Resolve problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares (com ou sem uso da calculadora) ou estabelecendo relações entre grandezas e unidades de medida. Reconhece sinais de pontuação (vírgula, exclamação, interrogação etc.) pelo nome ou função.
Elementar (95 < x ≤ 119)	<ul style="list-style-type: none"> Seleciona uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências. Resolve problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troco, valor de prestações sem juros). Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações de contexto cotidiano doméstico ou social. Reconhece significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).
Intermediário (119 < x ≤ 137)	<ul style="list-style-type: none"> Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico) realizando pequenas inferências. Resolve problemas envolvendo operações matemáticas mais complexas (cálculo de porcentagens e proporções) da ordem dos milhões, que exigem critérios de seleção de informações, elaboração e controle em situações diversas (valor total de compras, cálculos de juros simples, medidas de área e escalas); Interpreta e elabora síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos, científicos), relacionando regras com casos particulares com o reconhecimento de evidências e argumentos e confrontando a moral da história com sua própria opinião ou senso comum. Reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.
Proficiente (>137)	<ul style="list-style-type: none"> Elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo elementos que caracterizam certos modos de representação de informação quantitativa (escolha do intervalo, escala, sistema de medidas ou padrões de comparação) reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções). Resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração, que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências.

Fonte: INAF Brasil (2018).

Em linhas gerais, será realizado, nesta pesquisa, um estudo do trabalho que é feito na instituição, a partir do perfil desses(as) profissionais, com uma compreensão geral sobre o seu papel, possibilidades, dificuldades, além da observação quanto a crítica, a

temática da alfabetização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação.

- **Objetivo Geral**

Apresentar quem são e qual é o modelo de trabalho na alfabetização realizado pelo profissional pedagogo no contraturno do Ensino Formal na Fundação CASA aos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Objetivos Específicos

- Apresentar o suporte institucional para a realização do trabalho sobre alfabetização;
- Identificar o perfil dos profissionais pedagogos que laboram na Fundação CASA; e
- Analisar se o trabalho desenvolvido contribui para que o adolescente não alfabetizado se insira socialmente com saberes para além da aquisição do conhecimento da leitura e escrita.

- **Metodologia**

Para obter os resultados e as respostas acerca da problematização retratada neste trabalho, será realizado um levantamento de documentação sobre os afazeres do pedagogo no processo de alfabetização de adolescentes e jovens e, para isso, serão utilizados, como subsídio, documentos externos e internos que orientam a medida socioeducativa, concepções de alfabetização, o papel do profissional pedagogo, entre outros. Para tanto, esses objetos serão estudados trabalhos acadêmicos, artigos, legislações, livros e afins.

O estudo deste trabalho será fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise: inclusive, os fundamentados da teoria do Educador Paulo Freire.

Como uma estratégia metodológica para identificar o real trabalho realizado na Instituição, serão coletadas informações por meio de aplicação de questionário a pedagogos e pedagogas de base, além de uma entrevista com a superintendente pedagógica. Para complementar a análise conceitual deste trabalho, também será realizada uma

entrevista com um Instituto que tem expertise na Educação de Jovens e Adultos, pautado nos princípios freirianos.

Tendo em vista que o objetivo da pesquisa é identificar o trabalho realizado atualmente, as experiências e opiniões dos(as) profissionais, será utilizado para a elaboração do questionário a ser aplicado a um quantitativo de profissionais pedagogos/as, o método de elaboração baseado no que a professora Maria Lima denomina de “questões de mensuração direta” que auxiliarão na compreensão do perfil (ocupação, nível de escolaridade, idade, cor, experiência profissional) e “questões de mensuração indireta” na ótica de colher informações como opiniões, atitudes, satisfação, preferências, crenças e motivações.

Será observado, na elaboração do questionário, que as questões não possibilitem respostas dicotômicas, ou seja, duas visões que são geralmente opostas. Sendo assim, as perguntas tiveram um escalonado de alternativas, zelando pelo cuidado de não deixar o(a) respondente, com sentimento de estar sendo julgado(a), mesmo nas questões mais delicadas.

No questionário, será utilizado o método etnológico criado por Harold Garfinkel, pois este trabalho é realizado em uma perspectiva compreensiva e não explicativa, porque por mais que se tenham diretrizes internas e externas a instituição que orientam e determinam o trabalho socioeducativo, as pessoas que ali laboram também trazem para as suas ações, o que elas constroem socialmente.

A etnometodologia referir-se-ia, pois, a “um estudo sobre a organização do conhecimento de um membro sobre suas atividades ordinárias; sobre seu próprio empreendimento organizado, onde o conhecimento é tratado por nós como parte do mesmo ambiente que ele também organiza (HAGUETE, 2013 *apud* GARFINKEL, 1974).

Em suma, a etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas das pessoas de uma comunidade ou organização, buscando descobrir a maneira como elas se tornam válidas, tendo em vista que a observação sobre o fenômeno é uma característica singular da ação, ou seja, descobrir os métodos que as pessoas utilizam no cotidiano a fim de construir a realidade social, descobrindo também a natureza da sociedade que elas constroem.

Buscaremos acessar a disponibilidade para essa participação nessa fase da pesquisa, uma dupla de pedagogos e uma dupla de pedagogas por Divisão Regional e

Polo, a saber: Regional Metropolitana I (Franco da Rocha), Regional Metropolitana IV (Oeste), Regional Metropolitana V (Norte), Regional Litoral, Regional Campinas, Regional Vale do Paraíba, Regional Oeste, Regional Norte, Regional Sudoeste e Polo ABCD. Na Regional Metropolitana III (Leste 2), devido ao trabalho prioritariamente atender Centros de Atendimento Socioeducativo de Internação Provisória, será aplicado o questionário a apenas dois profissionais. A indicação dos(as) profissionais que participarão dessa pesquisa poderão se dar de duas maneiras: pela Chefe de Seção Técnica da Divisão Regional/ou outra pessoa indicada por ela, que por sua vez responderá um e-mail da pesquisadora com informações básicas, como: Nome e Centro de Atendimento de cada Pedagogo/a; ou a partir de uma autorização também da Chefe de Seção Técnica/ou outra pessoa indicada por ela, para esta pesquisadora fazer a busca ativa dos/as profissionais que aceitarem participar dessa pesquisa.

A sugestão é que sejam encaminhados e recebidos por e-mail, os questionários aos quatro (04) pedagogos por Divisão Regional, com exceção da DRM III onde será para apenas dois (02), totalizando, assim, das 11 Divisões Regionais do Estado de São Paulo, 42 questionários. A partir desse universo de pedagogos/as a proposta é buscar algumas diferenças advindas por Regionalidade, Cor, Gênero, Faixa-etária, Perfil do Centro e outros.

Este questionário se utilizará de recurso no contexto da Tecnologia da Informação, onde este documento será criado online, especialmente tendo em vista que seria muito difícil conseguir coletar informações de todo o Estado de São Paulo, devido à escassez de tempo e recursos financeiros.

Além do mais, conforme apresentado pelo professor Danilo Torini, existem diversas vantagens para o uso de questionário online, entre elas: a possibilidade de um alcance global, o baixo custo, a economia no tempo de aplicação, a agilidade na tabulação e a flexibilidade no preenchimento. Ressalta-se que todo o contato realizado com os(as) pedagogos(as) participantes desta pesquisa se dará por meio de comunicação: correio eletrônico e telefone.

Uma outra técnica de coleta de informação para a realização da pesquisa será a entrevista, cujo foco será “apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”, sobre a alfabetização na Fundação CASA. Para isso, a ideia é entrevistar uma pessoa da Fundação CASA e uma outra de fora, mas que realiza um trabalho de Educação para Jovens e Adultos. A profissional da Instituição será a

Superintendente Pedagógica e fora da Instituição a indicação é que seja um (a) pedagogo (a) da Diretoria do Instituto Paulo Freire.

Cabe ressaltar que o roteiro da entrevista, tanto para a Superintendente Pedagógica, quanto para representante do Instituto Paulo Freire, poderá sofrer alterações após a análise dos dados coletados com as devolutivas dos questionários.

Tanto o roteiro do questionário destinados aos(as) profissionais pedagogos (as) de base, quanto o roteiro da entrevista pensada a pessoas que de certa forma possuem um poder maior quanto ao pensar a política pública, se utilizará de um guia de fácil e rápida consulta, onde a organização temática apresentará uma lógica provável de encadeamentos.

A proposta do questionário aos e às profissionais pedagogas(as) e representante interno e externo da Instituição que tem autonomia para repensar a execução desse processo de estudo, terá como uma proposta de ir além do modelo de descrição.

Na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas e por último, na interpretação – que pode ser feita após a análise ou após a descrição – buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado (MINAYO, 2002, p. 46).

Como complementação metodológica, será utilizado o recurso do formato de dados orais, antecedente as entrevistas. “A principal marca dessa técnica é a existência de textos e material documental sobre a história do indivíduo já objetificados, ou seja, escritos sem a intervenção de um pesquisador” (LIMA, 2016, p. 32). Sendo esta prática essencial para analisar a trajetória de vida.

Para a professora Maria Lima, a entrevista é uma das principais formas de coletar dados, portanto, para o sucesso de uma boa entrevista ela apresenta algumas sugestões, ao qual será levado em consideração por esta pesquisadora, em diversos aspectos, como: pensar muito bem quanto ao conteúdo das perguntas, pois são elas que irão dar a qualidade e a consistência das informações; ter o roteiro da entrevista, mas não permitir o mesmo amarrar o diálogo compreendendo que a fluência da conversa é de suma importância; evitar que o(a) entrevistado(a) busque por uma aprovação desta entrevistadora; se apropriar de informações prévias sobre o/a entrevistado(a); e não iniciar a entrevista com questionamentos polêmicos.

Também haverá o devido cuidado na condução da entrevista, cuja forma de registro será a gravação. “Tem como vantagem o fato de permitir transcrever literalmente a fala dos entrevistados, mantendo duas formas permanentes de registro o áudio e o texto”. (LIMA, 2016, p. 36), possibilitando uma transcrição completa da entrevista.

Enfatiza-se duas entrevistas: uma interna e uma externa à Instituição, para buscar o que é comum e o que é singular entre a compreensão e atuação das pessoas entrevistadas sobre o papel do (a) Pedagogo (a) na Alfabetização de jovens e adultos na privação de liberdade, mas, em hipótese nenhuma será realizado uma leitura de “generalização estatística”, o que a professora Maria Lima chama de uma análise errônea para quantificar respostas e perfis.

Por fim, esta pesquisa, que analisará o trabalho atual do(a) profissional pedagogo(a) no processo de alfabetização de adolescentes na Fundação CASA, tem como o intuito apresentar o resultado das hipóteses iniciais desse projeto, que é saber se é necessário pensar um trabalho continuado aos profissionais com essa atribuição na instituição e se o trabalho realizado também contribui para além de ensinar a ler escrever, ou seja, se o mesmo está auxiliando na formação desse e dessa adolescente e jovem como indivíduo, somando ao trabalho da equipe de referência⁴⁶, em abordagens tais como: protagonismo, autonomia, cidadania, desigualdade social, respeito à diferença, à diversidade sexual, de raça e de gênero, entre outros, questões estas de suma importância para a formação do(a) adolescente como sujeito de direitos e agente transformador(a) da realidade.

- **Referencial Teórico**

A temática da presente pesquisa: “O trabalho do pedagogo e pedagoga no processo de alfabetização dos e das adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Internação na Fundação CASA”, apresenta questões a serem refletivas, principalmente, no que se refere a atuação do profissional pedagogo como alfabetizador ou alfabetizadora.

⁴⁶ É composta por uma equipe multidisciplinar, sendo: 01 agente educacional, 01 psicóloga, 01 assistente social, 01 enfermeira e 04 agentes de apoio socioeducativo, sendo 01 de cada plantão.

Para fundamentar o presente estudo foram escolhidos três campos conceituais básicos: **“O analfabeto”**, em: Ana Maria de Oliveira Galvão e Maria Clara Di Pierro.

A alfabetização é considerada um dos pilares da cultura contemporânea, pelo valor que a leitura e a escrita adquiriram no modo de vida nas sociedades urbano-industriais permeadas pela ciência e tecnologia, e também por ser uma ferramenta que permite o desenvolvimento de outras habilidades igualmente valorizadas nesse âmbito (GALVÃO; PIERRO, 2007, p. 13).

A compreensão trazida aqui sobre alfabetização em hipótese nenhuma trará uma visão de que o adolescente analfabeto vive em uma “cegueira”, e que a sua alfabetização causará uma saída das “trevas da ignorância”. Ou o uso de um discurso higienista e sanitarista que aborda o analfabetismo como: um mal, praga, uma doença passível de erradicação, ou até mesmo como: inimigo do desenvolvimento pessoal e social.

A ideia é mostrar que o adolescente e/ou o jovem analfabeto devem ser vistos como um indivíduo produtor de cultura e de saberes, com um viés de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Alfabetizá-los, portanto, é uma possibilidade de minimizar o preconceito e dificuldades cotidianas, ao qual nessa sociedade e momento histórico a palavra escrita está sempre presente, e que a ausência desse conhecimento pode ser determinante para uma maior exclusão, devido aos rótulos pejorativos e a desqualificação simbólica que a sociedade dita.

Afinal, também é necessário refletir sobre: “a importância de se reafirmar, aqui, que a alfabetização e a educação ao longo da vida constituem um direito e não uma ação de filantropia, realizada por alguns educadores de ‘boa vontade’” (GALVÃO; PIERRO, 2007, p. 100).

Um outro campo conceitual nesta pesquisa está focado em **“Pedagogia e o profissional Pedagogo”**, em: José Carlos Libâneo, professor vinculado a uma Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos ensinados e que não são significativos para a vida do educando, pois não é levado em consideração a sua realidade, o contexto sociocultural e institucional.

A ideia é ir além da compreensão simplista e reducionista de que Pedagogia é o modo como se ensina. “Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”. (LIBÂNEO, 2010, p. 30). Ou seja, uma ação educativa com objetivo sociopolítico, afinal, é compreender como o contexto ao qual o educando está inserido a

influência e como ele pode ser modificado. “É devido a esse caráter sócio-histórico que o pedagogo polonês Suchodolski considera a Pedagogia uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa” (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

Para José Carlos Libâneo, o profissional pedagogo *stricto sensu*, deve estar qualificado para atuar em vários espaços educativos atendendo as demandas socioeducativas de tipo formal, não formal e informal, adotando estratégias pedagógicas de superação da desigualdade, como: uma educação preparatória para o mundo do trabalho, uma formação para a cidadania crítica, a preparação para a participação social e a formação ética.

Por fim o terceiro campo conceitual que se inter-relaciona como os demais campos dessa pesquisa, irá trazer aspectos como: “**A Prática de uma educação cidadã e transformadora**”, em: Paulo Freire o patrono da Educação Brasileira e Antônio Carlos Gomes da Costa que foi um dos principais redatores do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Trazendo uma compreensão de que ensinar ler e escrever, “[...] não se trata de um assunto intranscendente de ba, be, bi, bo, bu, da memorização de uma palavra alienada, mas de uma difícil aprendizagem para “nomear o mundo” (FREIRE, 1980, p. 75). É possibilitar uma educação onde a dialogicidade seja a essência da educação como prática da liberdade, respeitando o conhecimento prévio do educando em uma compreensão de que eu também estou aprendendo ao ensinar e que este conhecimento trocado seja a possibilidade de uma formação cidadã capaz de transformar a realidade social. Para isso, é necessário utilizarmos uma “pedagogia problematizante” e não uma “pedagogia dos depósitos”.

Para uma melhor compreensão da educação cidadã para esses adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação ao qual o Antônio Carlos Gomes da Costa, apresenta como: “adolescentes em dificuldade”, faz sentido falar do seu livro: “Pedagogia da Presença: da solidão ao encontro”. Para ele, o caminho de emancipação, está baseado em tornar-se fonte de iniciativa, de liberdade e de compromisso consigo mesmo e com os outros, integrando, de forma positiva, as manifestações desencontradas de seu querer ser. (COSTA, 1997).

Para tanto, a prática educativa dirigida a esses adolescentes e jovens, concretamente, deve estar estruturada na importância das normas e limites para o bem de

cada um e de todos e que eles podem e devem participarem na elaboração, discussão e revisão dessas normas.

Em suma, uma prática educativa para o exercício da cidadania e transformadora, também passa pelo “estar junto do educando”, por meio de uma relação que envolve consentimento, reciprocidade e respeito mútuo.

APÊNDICE: C - E-MAIL SOBRE INFORMAÇÕES AS PEDAGOGAS PARTICIPANTES

Tatiana Pereira Lima <tatisasc@gmail.com>

qua., 13 de
mai. 11:59

para Angela, CASA, CASA, Norma, CASA, Analis, CASA, CASA, Luiz, CASA, Thiago, Cristiane, Elaine, CASA, CASA, CASA, CASA, Fabio, CASA, CASA, Reginaldo, Fabrizioo

Prezados Gestores,

Agradeço novamente a disponibilidade e o apoio para a realização dessa pesquisa, indicando profissionais pedagogos.

Prezados Pedagogos,

Estou muito feliz com a adesão de vocês para participarem da Dissertação de Mestrado intitulada "Limites e possibilidades do pedagogo na Alfabetização: trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA".

*** A participação de vocês será da seguinte maneira:**

- Preencher o questionário por meio do link abaixo:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeModjANVJYA2ph7gRqVfpzMI7UCGrqwdN38RxSdDyFZpFQaQ/viewform?vc=0&c=0&w=1>

*** Informações Gerais:**

- Ressalto que o preenchimento deverá ser realizado somente por pedagogos que se encontram laborando em Centros de Internação, independente se realizam ou não atividades de alfabetização;
- O termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também será preenchido no próprio sistema do questionário;
- Fiquem tranquilos nem vocês e nem os Centros de Atendimento serão identificados no resultado final da pesquisa, ao não ser que você faça questão disso;
- São perguntas sobre a sua formação, trabalho realizado na instituição, compreensão sobre alfabetização, entre outras. Tenho certeza que nada muito complexo;
- A sua participação não tomará muito o seu tempo, mas contribuirá de maneira imensurável para esse trabalho;
- Posteriormente a pesquisa ficará disponibilizada ao Centro de Pesquisa e Documentação da UniCASA;

Qualquer dúvida, estou à disposição.

Tatiana Lima

tatisasc@gmail.com

Cel.: (11) 97148-9885

APÊNDICE: D - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Pedagogo (a) participante: _____

A presente pesquisa tem a finalidade de contribuir para Dissertação de Mestrado na Pós-Graduação em: Estado, Governo e Políticas Públicas da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, com objetivo de estudar o trabalho atual do(a) pedagogo(a) no processo de alfabetização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação CASA.

Sua participação nesta pesquisa consiste em responder um questionário de perguntas previamente elaborado, que será disponibilizado por um *link* encaminhado ao e-mail indicado no momento do consentimento, cujas perguntas serão referentes ao objeto a ser pesquisado nesta dissertação.

A participação neste estudo é voluntária, não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua cooperação. O benefício relacionado à sua disponibilidade será de contribuir para o conhecimento científico sobre: Estado, Governo e Políticas Públicas.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, será integralmente resguardada a sua identidade.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, **Sra. Tatiana Pereira Lima / Fone (11) 97148-9885 / E-mail: tatisasc@gmail.com**

Atenciosamente,

Nome e assinatura da estudante
Tatiana Pereira Lima R.A: 00062104

Nome e assinatura do professor orientador
Profº Me. Paulo Ramos

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do(a) participante

Local e data

APÊNDICE: E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Representante do Instituto Paulo Freire:

A presente pesquisa tem a finalidade de contribuir para Dissertação de Mestrado na Pós-Graduação em: Estado, Governo e Políticas Públicas da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, com objetivo de estudar o trabalho atual do(a) pedagogo(a) no processo de alfabetização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação CASA.

Sua participação nesta pesquisa consiste em participar de uma entrevista com perguntas previamente elaborada e gravada para posterior transcrição.

A participação neste estudo é voluntária, não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua cooperação. O benefício relacionado à sua disponibilidade será de contribuir para o conhecimento científico sobre: Estado, Governo e Políticas Públicas.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, **Sra. Tatiana Pereira Lima / Fone (11) 97148-9885 / E-mail: tatisasc@gmail.com**

Atenciosamente,

Nome e assinatura da estudante
Tatiana Pereira Lima R.A: 00062104

Nome e assinatura do professor orientador
Profº Me. Paulo Ramos

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do(a) participante

Local e data

APÊNDICE: F - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO ONLINE AO PEDAGOGO

Apresentação Pessoal

- I. **Nome:**

- II. **Cor:** () Branco () Pardo () Preto () Indígena () Amarelo
- III. **Gênero:** () Feminino () Masculino () Outro
- IV. **Idade:** _____
- V. **Divisão Regional:**

- VI. **Ano de entrada na Instituição FCASA:** _____

Dados da/o entrevistado/a

- VII. **Possui o Curso de Magistério:** () sim () não
- VIII. **Ano de conclusão do Curso de Pedagogia:** _____
- IX. **Sua graduação foi em modelo:**
Presencial () Semipresencial () Educação à Distância ()
- X. **Pós-graduação:**
() Especialização
() Mestrado
() Doutorado
() Pós doutorado
- XI. **Caso tenha Pós-Graduação, se puder descrever (em ordem) a titulação e a área: (caso não possua, escrever apenas “não possui” e seguir para a próxima pergunta.**

Trabalho cotidiano do/a entrevistado/a na Fundação CASA

- XII. **Você realiza atividades de alfabetização no Centro de Atendimento?**
() quando necessário
() não me sinto preparado/a

- este Centro não possui adolescentes com esta necessidade
- é outro profissional que realiza essas oficinas
- não concordo ser o pedagogo responsável por essa ação no Centro, por isso não faço.
- outros

XIII. Como você avalia que a instituição vê o seu trabalho como pedagogo(a)? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- profissional auxiliar de apoio aos professores do ensino formal
- profissional responsável pela documentação de todo o setor pedagógico
- profissional auxiliar do(a) Coordenação Pedagógica
- profissional responsável por realizar atividades pedagógicas para adolescentes no contra turno do Ensino Formal
- profissional responsável por planejar as ações pedagógicas que colaborará para uma transformação da realidade educativa
- profissional responsável por analisar os impactos educativos nos(as) adolescentes
- Outro(s) _____

XIV. Sua carga horária de trabalho está preenchida em sua maioria, por?

- atividade direta com adolescente
- atividade de função burocrática
- dividida igualmente entre atividade direta com adolescente e função burocrática

Perguntas sobre o trabalho de Alfabetização no Centro de Atendimento no contraturno do Ensino Formal, a qual você pertence

XV. Quanto as atividades de alfabetização:

- ação prevista na agenda multiprofissional
- ação não prevista na agenda multiprofissional

XVI. Qual a periodicidade dessas atividades, caso existam?

diário semanal quinzenal mensal outros

XVII. Como é realizado a definição de indicação dos/as adolescentes para estas atividades? (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- avaliação diagnóstica
- indicação dos/as professores/as da Rede de Ensino Formal
- ação voluntária do/a próprio/a adolescente
- equipe de Referência
- outros _____

Sobre sua experiência profissional em outros locais na área da educação.

XVIII. Já exerceu ou exerce outros trabalhos fora da FCASA na área da Educação?

- sim não

XIX. Já foi ou é alfabetizador(a) fora da instituição?

- sim não

XX. Você acredita que o trabalho tem diferenças de quem está em cumprimento de MSE para quem não está, devido à: (Pode ser assinalada mais de uma alternativa)

- ambiente físico
- faixa etária
- classe social
- condição de privação da liberdade
- diretrizes institucionais
- outros? _____

Sobre o seu conhecimento acerca dos conceitos sobre Alfabetização e o trabalho na Fundação CASA

XXI. Quem é a sua principal referência teórica sobre Alfabetização?

XXII. Qual método ou teoria você utiliza em suas atividades de alfabetização na FCASA?

XXIII. Com relação à alfabetização no seu Centro, qual método ou teoria é utilizado?

XXIV. E você? Qual seria o método de trabalho mais adequado à alfabetização?

() método tradicional

() método fônico

() teoria construtivista

() teoria freiriana

() outros? _____

XXV. Você acredita que o número de adolescentes não alfabetizados/as:

() aumentou nos últimos anos, mais precisamente do ano de 2012 até o momento

() é a mesma coisa

() diminuiu

XXVI. A partir de sua experiência e observação profissional a maioria dos/as adolescentes que se encontram em cumprimento de MSE, está em qual nível de Alfabetismo segundo a escala INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional)?

() analfabeto

() rudimentar

() elementar

() intermediário

() proficiente

XXVII. Você acredita que o trabalho realizado atualmente tem trazido contribuições positivas e de reais aprendizagem ao/a adolescente?

() sim () não

XXVIII. Você acredita que seria necessário a Fundação CASA possibilitar um espaço de formação aos/as pedagogos/as para refletir sobre o trabalho de alfabetização?

() sim () não

Dizer algo que ainda não foi dito

XXIX. Você possui alguma informação ou comentário que acredita ser importante e que gostaria de explicar?

APÊNDICE: G - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA A COORDENADORA DO CENTRO DE REFERÊNCIA DO INSTITUTO PAULO FREIRE

DADOS DA ENTREVISTADA

Nome: _____

Formação Acadêmica: _____

1. Você poderia se apresentar?
2. O que te levou até o Instituto Paulo Freire?
3. Quais são as suas principais tarefas enquanto membra da Diretoria do Instituto Paulo Freire e Coordenadora do Centro de Referência?
4. Você conhece a estrutura e trabalho da Fundação CASA no que se refere as ações pedagógicas? Gostaria de tirar alguma dúvida?
5. O que é Pedagogia? O que é ser Pedagogo? E para que ele serve?
6. O que você acredita ser o trabalho do(a) profissional pedagogo(a) na Fundação CASA?
7. O que é alfabetização? E qual a importância do indivíduo ser alfabetizado?
8. A partir da contribuição teórica do Educador Paulo Freire, o que você acredita que poderia ser o trabalho realizado institucionalmente no processo de alfabetização dos(as) adolescentes na Fundação CASA?
9. Algum dado apresentado por esta pesquisadora sobre o questionário aplicado aos(as) pedagogos(as) da Instituição te trouxe surpresa?

APÊNDICE: H - RELATÓRIO COM PRÉVIA DOS RESULTADOS APLICADO À PEDAGOGAS ENCAMINHADO À ENTREVISTADA SÔNIA COUTO

É importante apontar que, inicialmente, esta pesquisa estava programada para realizar o encaminhamento do questionário online à todas as 11 Divisões Regionais do Estado de São Paulo, com a perspectiva de receber um total de 42 questionários.

Era um desejo que este quantitativo de questionários fossem preenchidos por profissionais pedagogos, atendendo uma diversidade de gênero, raça, geracional, regional e tempo de trabalho na instituição.

Porém, este ano de 2020 está sendo marcado pela maior Crise Mundial dos últimos tempos, devido a disseminação de um Coronavírus – COVID- 19, que obrigou a mudar nossas formas de convívio social, alterações nas rotinas de trabalho, novas decisões em todas as instâncias políticas do governo, da sociedade civil, do sistema privado, do sistema bancário, e até mesmo mudanças de hábitos e costumes de toda a sociedade, não somente no Brasil, mas mundialmente.

Sem dúvida, essas mudanças foram centrais, para também impactarem e alterarem o trabalho dentro da Instituição Fundação CASA, que se encontra no Estado de São Paulo, o epicentro dessa Pandemia no Brasil.

A Instituição precisou se adequar, principalmente, devido às orientações da Organização Mundial da Saúde, Ministério da Saúde, mas também e, principalmente Decretos do Governo do Estado de São Paulo e, entre as medidas, algumas foram as descritas abaixo:

- Afastamento compulsório de servidores com mais de sessenta anos, e/ou comorbidades, gestantes, puérperas, em tratamento oncológico, entre outros;
- Definição de *home office* de algumas equipes ao qual as tarefas do trabalho permite;
- Colocou os e as servidores e servidoras que tinham o direito em gozo de férias;
- e
- Ajustou escalas de trabalho para o revezamento de servidores e servidoras nos plantões.

Essas e outras medidas impactaram nas possibilidades de atingir o número inicialmente preterido na pesquisa. Até o encerramento do questionário online, que se

deu em 30 de junho de 2020, foi obtido um quantitativo de 15 questionários de nove(09) Divisões Regionais foram preenchidos, e todas as participantes do gênero feminino. Apenas duas Divisões Regionais não realizaram a indicação de nenhum ou nenhuma participante

Uma questão importante a ser ressaltada é que das 15 pedagogas participantes, 14 se encontram em trabalho em Centros masculinos e uma (01) em Centro Feminino.

No que se refere o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, ele foi assinado digitalmente, anterior ao início de responder as perguntas constantes no questionário.

O questionário online, era composto por 28 perguntas, divididas conforme apresentada na análise abaixo:

Informações pessoais do participante:

No que se refere ao tempo na instituição, a profissional com mais tempo entrou em 1998 e a mais nova em 2018, mas a maioria das profissionais entraram nos anos de 2002 e 2003. Se for considerado o ano vigente, a pedagoga com mais tempo na instituição possui 22 anos de casa; e a mais nova, dois (02) anos, estando, assim, em estágio probatório.

A faixa-etária das participantes estão entre quarenta a cinquenta e nove anos, distribuídas entre: cinco (05), entre quarenta e quarenta e nove anos; e dez (10) entre cinquenta e cinquenta e nove anos.

Uma outra pergunta foi referente quanto a auto declaração da cor, cujas respostas apontaram que 66,7% das participantes desta pesquisa são brancas, 20% são pardas e 13,3% declararam-se amarelas, ou seja, das 15 pedagogas: dez (10) são brancas, três (03) são pardas e duas (02) são amarelas. Chama-se atenção para a participação de nenhuma negra.

Dados do participante quanto a escolaridade:

No questionamento sobre se possui o Curso de Magistério, a maioria das participantes registraram possuir, sendo 60% sim e 40% não. Em uma compreensão de que o curso de magistério é uma formação de nível médio que capacita para atuar como professor de séries iniciais — da Educação Infantil ao 5^o ano do ensino fundamental,

este é um curso bastante comum para profissionais que escolhem o curso superior em Pedagogia.

Em referência à pergunta: o ano de Formação do curso de Pedagogia, pode ser apresentada a seguinte informação: a profissional que se formou em mais tempo foi em 1986 e a mais recente em 2013, sendo que a maioria se encontra na década de 90, e mais precisamente em 1993.

Um outro item perguntado aos participantes, se referia ao modelo da sua graduação, se atendendo especificamente se ele foi presencial, semi-presencial ou à distância, e as respostas foram as seguintes: 86,7%, 6,7% e 6,7% respectivamente.

Na pergunta relacionada se possui ou não Pós-Graduações, como: Especialização, Mestrado, Doutorado e/ou Pós-doutorado, houve o seguinte percentual: profissionais com Especialização 60%; Não Possui 33,3%; e Pós- Doutorado 6,7%. Porém, foi percebido que este último percentual foi preenchido equivocadamente pela participante, onde o correto deveria ter sido preenchido em Especialização, subindo assim para 66,7% o percentual de pedagogas com cursos de Especialização.

A seguinte pergunta estava relacionada a, caso tenha Pós Graduação, descreva em ordem a titulação e a área, e as respostas foram a seguinte, das 15 participantes: cinco (05) responderam que não possuem, cinco (05) responderam que possuem o curso de Especialização em Psicopedagogia; uma (01) em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia; uma (01) em Gestão Escolar; uma (01) em Educação Especial, Deficiência Intelectual e cursando Letramento; uma (01) em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva; e uma (01) em Educação à Distância, Socioeducação e Políticas Públicas.

Sobre o trabalho cotidiano do/a participante na Fundação CASA:

A primeira pergunta desse eixo foi: Você realiza atividades de alfabetização no Centro de Atendimento? Como resposta, 86,7% das participantes responderam que quando necessário; 6,7% realiza em todos os Centros de Ribeirão Preto, e também 6,7% escreveu que realizava avaliações diagnósticas de leitura, escrita e matemática, além de ações em conjunto com os professores do Ensino Formal. Ninguém respondeu que não se sentia preparada, que no Centro não existia nenhum adolescente com essa necessidade, ou que é outro profissional no Centro que realiza essas atividades e, até mesmo, que não concordava ser o profissional pedagogo responsável por essa ação no

Centro.

Uma outra pergunta foi: Como você avalia que a instituição vê o seu trabalho como pedagogo? Nesta pergunta, é importante ressaltar que as participantes podiam assinalar quantas respostas quisessem, devido a isso obteve-se as seguintes respostas: 66,7 % acreditam que são vistas como profissional auxiliar dos professores do Ensino Formal; 80% como profissional responsável pela documentação de todo o setor pedagógico; 93,3% profissional auxiliar da Coordenação Pedagógica; também 53,3% profissional responsável por realizar atividades pedagógicas para adolescentes no contra turno do Ensino Formal; 66,7% como responsável por planejar as ações pedagógicas que colaborará para uma transformação da realidade educativa e, por fim, 46,7% como profissional responsável por analisar os impactos educativos nos adolescentes.

No que se refere a como a carga horária de trabalho está preenchida, as respostas foram as seguintes: 73,3% apontaram que a mesma está dividida igualmente entre atividade direta com adolescente e função burocrática; 20% em função burocrática, e 6,7% em atividade direta com adolescente.

Quanto a atividade específica de alfabetização no Centro de Atendimento

Na pergunta relacionada se as atividades de alfabetização no Centro de atendimento estão previstas na agenda multiprofissional 93,3% das participantes responderam que sim, e apenas 6,7% disse que não.

Uma outra pergunta estava relacionada a periodicidade dessas atividades de alfabetização no Centro. A resposta que teve maior incidência foi 'semanal' com 46,7%; depois 33,3% diário; 6,7% três dias na semana, mensal ou 2 e 3 vezes na semana, ninguém respondeu quinzenal.

A última pergunta deste eixo foi: Como é realizado a definição de indicação dos/as adolescentes para estas atividades? Lembrando que as participantes puderam assinalar quantas achassem necessária, entre as opções: Avaliação Diagnóstica, que teve 100% das respostas; Indicação dos/as professores/as da rede de Ensino Formal de 80%; Ação Voluntária do/a próprio/a adolescente em 46,7% e Equipe de Referência em 60%, porém poderiam acrescentar outras opções, ao qual teve em 6,7% pela Avaliação diagnóstica e acompanhamento diário, e 6,7% indicação do Coordenador Pedagógico.

Sobre sua experiência profissional em outros locais na área da educação.

A primeira pergunta deste eixo destinava-se a saber se o/a participante já exerceu ou exerce outros trabalhos fora da Fundação CASA na área da **Educação**? Caso a resposta fosse sim, era necessário escrever qual era esse trabalho. De todas as participantes, apenas duas (02) responderam que não. As demais apontaram experiências diversas, como: Professora no Ensino Fundamental; Mobral; Classe Especial da Escola Estadual; Escola Especializada para portadores de necessidades especiais; Alfabetizadora na Rede Pública e Privada no período de 1986 a 2002; e Professora de Educação de Jovens e Adultos, Trabalho com alfabetização de alunos com deficiência de aprendizagem, pedagoga em Organização Não Governamental e Educação Ambiental.

Na pergunta relacionada a se a participante já havia sido alfabetizadora fora da Instituição, obteve-se um resultado de 73,3% sim e 26,7% não.

Uma outra pergunta era: Você acredita que o trabalho tem diferenças de quem está em cumprimento de MSE para quem não está, devido à algumas opções já elencadas, como: Ambiente físico; Faixa-etária; Classe social; Condição de privação da liberdade; e Diretrizes institucionais; mas era aberto para outras opções, ao qual foi acrescentada por uma participante a defasagem escolar devido ao abandono da escola. A condição da privação da liberdade ficou com 80%; Faixa-etária e Ambiente Físico com 73,3%; Diretrizes Institucionais com 46,7%; Classe Social com 33,3% e, defasagem escolar devido ao abandono escolar 6,7%.

Sobre seu conhecimento acerca dos conceitos sobre alfabetização e o trabalho na Fundação CASA

Neste eixo, a primeira pergunta estava relacionada a principal referência teórica que a participante possuía sobre a alfabetização. Das quinze participantes, o educador Paulo Freire apareceu em treze respostas, seguida de Emília Ferreira e Jean Piaget em três (03) momentos, Lev Vygotsky em dois (02) , e Antônio Feliciano de Castilho¹ e Maria Montessori uma (01) vez.

Na pergunta, qual método ou teoria você utiliza em suas atividades de alfabetização na Fundação CASA? As respostas foram bastante diversificadas, como:

uma mescla entre a teoria construtivista e o método tradicional; interacionismo; método silábico; formação de palavras e texto fatiado; método Paulo Freire, além também de explicar que não se utiliza de nenhuma teoria específica, porque mescla os métodos.

Como essa é uma das mais importantes perguntas feitas nesse questionário, me atentarei a escrever minuciosamente conforme apareceu em todas as respostas referente ao questionamento. Em relação à atividade de alfabetização qual teoria e/ou método realmente é utilizado no Centro de atendimento? As respostas foram as seguintes: “Uma mescla de construtivismo e tradicionalismo”; “A teoria construtivista e o Método Tradicional”; “A teoria e o método que o educando consiga avançar”; “Por trabalharmos com uma clientela com vários tipos de problemas como: déficit de aprendizagem, usuários de drogas e analfabetos funcionais: eu uso o método construtivismo”; “Sempre parto da vivência do aluno: palavras que ele mais utiliza e conceitos de sua vida cotidiana”; “Construtivista”; “O método mais usado por mim é o construtivismo. São adolescentes com faixa etária acima de 16 anos e o processo educativo ocorre de forma diferente das crianças. Tento resgatar o máximo do conhecimento que já adquiriu para trabalhar de forma mais harmoniosa. Fazendo o aluno participar de temas abordados muitas vezes por ele mesmo”; “Método silábico”; “Método Fônico”; “Não é fechado em um só método”; “Diria que sou eclética pois tenho obtido bons resultados”; “Tradicional”; “Teoria Construtivista e, às vezes, o método tradicional”; “Dos três profissionais que se dedicam a essa atividade no Centro cada um realiza trabalho utilizando-se da teoria que lhe traz mais segurança” e “O mesmo, se remetendo a resposta anterior de alfabetizar a partir do conhecimento do aluno”.

A outra pergunta estava voltada a qual método de trabalho achava mais adequado à alfabetização? As opções iniciais eram quatro: Método Tradicional, Método Fônico, Teoria Construtivista e Teoria Freiriana, mas era aberta para outras colocações que a participante gostaria de acrescentar, então teve: “com mesclagem com o tradicional” e “não existe um método para todos, deve-se verificar adequação para o método de cada aluno”. Então a partir dessas opções os resultados foram os seguintes: 33,3% Teoria Construtivista; 26,7% Teoria Freiriana; 20% Método Fônico; 6,7% Método Tradicional; 6,7% não existe um método para todos, deve-se verificar adequação para o método de cada aluno, e também 6,7% uma mesclagem com o

tradicional.

Na questão: Você acredita que o número de adolescentes não alfabetizados/as, aumentou, diminuiu ou se manteve estável desde o ano de 2012²? As respostas chegaram ao seguinte percentual 73,3% disseram que aumentou nos últimos anos mais precisamente a partir de 2012; e 20% disse que se manteve e 6,7% diminuiu.

Na pergunta que se referia a experiência e observação profissional, a maioria dos/as adolescentes que se encontram em cumprimento de MSE está em qual nível de Alfabetismo segundo a escala INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional)? Entre as respostas 33,3% apontou como rudimentar; 26,7% elementar e intermediário; e 13,3% analfabeto. Observa-se que nenhuma participante deu como resposta proficiente.

Uma outra questão feita no questionário foi: Você acredita que o trabalho realizado atualmente tem trago contribuições positivas e de reais aprendizagemao/a adolescente? E, como resposta obteve-se sim 86,7% e não 13,3%.

Nesta pergunta: Você acredita que seria necessário a Fundação CASA possibilitar um espaço de formação aos/as pedagogos/as para refletir sobre o trabalho de alfabetização? Todas as participantes responderam que sim.

O último item para o preenchimento por parte das participantes, foi uma pergunta aberta: Você possui alguma informação ou comentário que acredita ser importante e que gostaria de explicar sobre a pesquisa? Como as respostas foram bastante diversificadas e de grande relevância para esse trabalho. Apenas duas (02) participantes não quiseram complementar, mas as demais respostas serão apresentadas na íntegra, abaixo:

Participante 1: Sim. Gostaria de fazer cursos de aperfeiçoamento em alfabetização alunos com transtornos cognitivos devido ao uso de drogas.

Participante 2: Penso que a pesquisa resume um pouco do trabalho do pedagogo o quanto é importante o nosso papel para a formação do educando.

Participante 3: O espaço alfabetizador e uma constante ajuda aos profissionais da pedagogia.

Participante 4: Não externou complementações.

Participante 5: Considero de grande importância o trabalho pedagógico dentro da Fundação CASA no âmbito alfabetizador, por isso vale a pena investir mais.

Participante 6: Não externou complementações.

Participante 7: O papel do pedagogo é definido no caderno de diretrizes da Fundação Casa como 1) cuidar das práticas educativas e 2) estrutura e funcionamento. Não contempla especificamente desempenhar alfabetização ou mesmo o "reforço escolar" aos adolescentes que necessitam destes atendimentos. Pela minha experiência, o pedagogo que se sente preparado e com vontade acaba viabilizando a alfabetização muitas vezes "lutando" com uma agenda apertada tanto sua como do adolescente. É importante que haja discussões dentro da pedagogia da Fundação sobre o trabalho de alfabetização inclusive, em parceria com as escolas vinculadoras e diretoria de ensino. Muitos adolescentes não alfabetizados não tem diagnósticos de aprendizagem feito por especialista e no cumprimento da MSE poderiam ser submetidos a esta avaliação através da rede. De qualquer forma, temos muito à fazer. A referida pesquisa pode ser o "ponta pé inicial" para uma mudança.

Participante 8: É importante que o educador/alfabetizador conheça as várias metodologias existentes e atender às necessidades do educando, adequando o método ao aluno. Para tanto é necessário que o educador faça constantemente cursos de reciclagem para acompanhar os novos pensamentos acerca dessa área de conhecimento.

Participante 9: Sim. Na pergunta: Qual seria o método de trabalho mais adequado à alfabetização. Através das experiências de trabalho com jovens e adultos, acredito que cada ser humano é único e obtive excelentes resultados, quando não me prendi a métodos. Através de conhecimentos prévios, acompanhava seus avanços, bem como suas limitações, e muitas vezes era a junção do Método Fônico/Teoria Freiriana. Ao final de cada aula, possibilitava a reflexão, pois, são seres capazes de cada dia melhorar, com condições de crescer, refletir, atuar e transformar a sua realidade. Não basta somente ser educadora (o) e acreditar em um método. Precisa acreditar que pode fazer a diferença na vida desses jovens, que muitas vezes já vivenciou várias exclusões na vida, bem como em sua trajetória escolar.

Participante 10: Amo a minha profissão, amo alfabetizar, nós precisamos estar sempre buscando novos conhecimentos se aperfeiçoando cada vez mais apesar, que a educação brasileira estar em colapso. A Fundação CASA precisamos dar mais apoio e valorização aos pedagogos dos Centros.

Participante 11: É de fundamental importância o espaço de formação para os pedagogos que fazem parte do Quadro Funcional da Fundação Casa, pois muitos alunos tem nível de conhecimento aquém à sua série de origem e precisam do Reforço Escolar

e aqueles analfabetos que cumprem MSE em centros que não possuem classes de nível I abertas da rede, precisam ser alfabetizados por estes pedagogos que não assumem seu papel por não estarem preparados para tal e também não são cobrados. Ainda temos que considerar a questão da desmotivação deste profissional que na maioria dos Centros cumprem com atividades não inerentes às suas funções de fato.

Participante 12: As dificuldades de aprendizagem ocorrem por inúmeros aspectos desde familiar, social, contudo esse adolescente (ser único, cidadão) precisa ser valorizado a partir desse momento mostrar as habilidades que possui, o que é capaz de realizar, porque todos nós aprendemos.

Participante 13: Pesquisa importante para reflexão, estudo e proposta de trabalho com o público atendido.

Participante 14: Penso que da forma com que está organizada a atividade do pedagogo, a melhor contribuição que poderíamos dar seria na alfabetização de jovens e adultos. A fundação limita muito as atividades do pedagogo a parte burocrática. Penso que para que a aprendizagem fosse considerada satisfatória, teríamos que nos dedicar a ela pelo menos 3 vezes por semana com aulas de 1h 30. Mas isso hoje não é possível na dinâmica do centro.

Participante 15: Agradeço à oportunidade de participar da pesquisa. Dentre todas as minhas atribuições, alfabetizar é uma das funções que tenho mais apreço em realizar na Instituição.

APÊNDICE: I - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome: **Sônia Couto Souza Feitosa**

Formação Acadêmica: **Doutora e Mestre em Educação pela Universidade São Paulo (USP); Graduada em Pedagogia pela Universidade Guarulhos (UNG) e Letras pela Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO).**

1. Quem é a Sônia Couto?

Nascida no Rio de Janeiro, veio para São Paulo com apenas 1 ano de idade, portanto carioca de naturalização, mas paulistana de coração. Casada, mãe de dois filhos e avó de três netos, tem a família e a educação como suas principais paixões. Atua como educadora desde 1976, quando começou a lecionar no Mobral. De lá para cá nunca deixou de atuar na educação, em especial na Educação de Jovens e Adultos. Apaixonou-se pelas ideias de Paulo Freire a partir do primeiro livro que leu desse educador, *Educação como Prática da Liberdade*. É professora aposentada da Rede Municipal de São Paulo, onde trabalhou por 31 anos.

Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FE-USP). Licenciada em Letras e Pedagogia, é autora do livro *Método Paulo Freire, a reinvenção de um legado* (Brasília: Liber livros, 2011) e de livros didáticos para EJA na perspectiva freiriana, dentre eles, os materiais didáticos do Programa “Tecendo o Saber”, da Escola Multimeios (<http://escolamultimeios.org/>) e do SesiEduca no Rio de Janeiro. Foi também uma das coordenadoras responsáveis pelo Projeto Memória Edição Paulo Freire 2005 (<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/>). Tem artigos publicados em revistas acadêmicas e em cadernos pedagógicos para Secretarias Municipais de Educação. Participou como docente e coordenadora pedagógica de projetos de Alfabetização de Jovens e Adultos, em especial no Projeto MOVA-Brasil (<https://www.paulofreire.org/programas-e-projetos/projeto-mova-brasil>). Faz parte da comissão julgadora do Prêmio Paulo Freire, da Câmara Municipal de São Paulo e da Medalha Paulo Freire do Ministério da Educação - MEC. Foi membro da Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos – CNAEJA. Atualmente é vice presidente do Conselho Consultivo da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Coordena o Centro de Referência Paulo Freire que tem como missão socializar e dar continuidade ao legado freiriano.

2. O que te levou até o Instituto Paulo Freire?

Fui convidada pelo Prof. Moacir Gadotti, diretor presidente do Instituto Paulo Freire em 1996, para coordenar a área de EJA do IPF. Desde essa época, tenho atuado na coordenação de projetos, elaboração e publicação de materiais pedagógicos, formação de educadores e coordenação do Centro de Referência Paulo Freire.

3.Quais são as suas principais tarefas enquanto membra da Diretoria do Instituto Paulo Freire e Coordenadora do Centro de Referência?

Como membro da diretoria ampliada do Instituto Paulo Freire participo das decisões coletivas, da elaboração e execução de projetos e como formadora em cursos presenciais e da EaD Freiriana.

Como coordenadora do Centro de Referência Paulo Freire, sou responsável pela curadoria do acervo físico e digital, recebo visitas nacionais e internacionais de estudantes pesquisadores, gestores públicos e pessoas das mais diferentes áreas interessadas em conhecer o legado freiriano.

4.Você conhece a estrutura e trabalho da Fundação CASA, no que se refere as ações pedagógicas?

Não conheço com profundidade, embora saiba que existe um trabalho estruturado.

5.O que é Pedagogia? O que é ser Pedagogo? E para que ele serve?

Em termos gerais, a Pedagogia é uma ciência que se dedica ao estudo de métodos e práticas de ensino e aprendizagem responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo de crianças, jovens e adultos. Mas Pedagogia não é só isso. É a arte de formar professores, como profissão, e educadores, como paixão, sendo que o maior êxito da Pedagogia é quando consegue formar nas duas dimensões. Ser pedagogo nesta perspectiva, é ser capaz de aliar competência técnica com amorosidade, ética e sensibilidade. Sua ação pedagógica serve para contribuir com a construção do conhecimento e da autonomia de seus educandos. O educador, na perspectiva freiriana, deve, acima de tudo, reconhecer e valorizar os saberes dos educandos e partir deles para construir novos conhecimentos.

6.O que você acredita ser o trabalho do(a) profissional pedagogo(a) na Fundação CASA?

Acredito que o trabalho do(a) pedagogo(a) na Fundação Casa deve ser um constante desafio, em virtude das condições em que vivem os sujeitos da aprendizagem. Paulo Freire diz que a educação deve ser libertadora, mas, como educar em um contexto em que as pessoas estão privadas de liberdade? Como educar para transformar quando a transformação precisa ser pessoal, mas, principalmente social. O trabalho do educador neste contexto deve ser de problematizador da realidade. Deve trabalhar os conteúdos, mas também alimentar a certeza de que uma outra realidade é possível. Que a situação que o levou até ali não é uma determinação, não é inexorável. Pode ser mudada e a mudança poderá se dar pelo conhecimento.

7.O que é alfabetização? E qual a importância do indivíduo ser alfabetizado?

A alfabetização é concebida como sendo o aprendizado do sistema escrito (leitura, escrita) e desenvolvimento da capacidade de fazer cálculos e resolver problemas matemáticos, de forma sistemática e significativa, num processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico

da realidade. Ela promove a capacidade de, entre outras coisas, compreender e comunicar o mundo e as próprias ideias, por diversos meios e códigos.

A construção da democracia passa pela alfabetização de um povo. O analfabetismo dificulta a participação ativa dos sujeitos visando a uma sociedade justa, democrática, plural, sustentável. Ela é condição necessária para a garantia de direitos, começando pelo direito fundamental à educação.

A alfabetização é, portanto, um instrumento necessário ao exercício da plena cidadania. Implica o desenvolvimento de competências que instrumentalizam as pessoas para os enfrentamentos dos desafios da atualidade social. Tendo por referencial os avanços tecnológicos e a complexidade que os mesmos imprimem no universo da comunicação, podemos considerar que nos alfabetizamos em diferentes áreas, portanto, a alfabetização ocorre ao longo da vida dos sujeitos.

8.A partir da contribuição teórica do Educador Paulo Freire, o que você acredita que poderia ser o trabalho realizado institucionalmente no processo de alfabetização dos(as) adolescentes na Fundação CASA?

Acredito que a proposta pedagógica do processo de alfabetização dos(as) adolescentes da Fundação Casa deve ser elaborada coletivamente. A Leitura do Mundo com os sujeitos envolvidos no processo de alfabetização poderá apontar quais conteúdos são mais relevantes para os aprendizes. Uma educação dialógica não pode prescindir da escuta, do diálogo, da avaliação processual, dialógica e formativa. Para partir dos conhecimentos dos educandos, como preconiza Paulo Freire, precisamos conhecer o que eles já conhecem, o que sabem, mas não sabem que sabem e, a partir daí planejar estratégias para ampliar esses saberes e possibilitar que tomem conhecimento de suas potencialidades.

9.Algum dado apresentado por esta pesquisadora sobre o questionário aplicado aos(as) pedagogos(as) da Instituição te trouxe surpresa?

Sim, algumas questões me surpreenderam.

Chamou-me a atenção o fato de nenhuma das 15 pedagogas entrevistadas ser negra, ao contrário dos internos. Segundo matéria do site Brasil de Fato, 69,2% dos internos da Fundação Casa são pardos e negros.

(<https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-or-a-febem-nao-morreu>)

Isso parece não ser tão importante, mas envolve uma questão chamada **representatividade**. Quando um adolescente negro não se vê representado nas diferentes esferas da sociedade, principalmente naquelas que alcançaram prestígio social, ele se rende à crença de que sua condição racial não lhe permitirá ir além do destino que lhe foi deixado pela herança escravocrata.

Outra questão que me parece preocupante é o fato de muitas pedagogas afirmarem que usam a mescla entre o construtivismo e o tradicionalismo. Entendemos que são abordagens antagônicas, o que torna impossível mesclá-las. O Construtivismo não é um método, mas uma concepção de conhecimento, um conjunto de princípios. Supõe uma determinada visão do ato de conhecer.

A abordagem tradicional aproxima-se do que Paulo Freire chamava de educação bancária. Nela, o conhecimento é depositado e sacado nos momentos de avaliação. Há pouco ou nenhum espaço para reflexão crítica e problematizadora.

Outra declaração que me causou estranheza é sobre qual método de trabalho achavam mais adequado à alfabetização. Surgiram respostas como “não existe um método para todos, deve-se verificar adequação para o método de cada aluno”. Isso me pareceu um equívoco, pois todo aluno precisa ser respeitado em seus saberes e o educador deverá partir desses saberes para ampliá-lo. Porém isso não é uma questão de método. Cada aluno requer atenção, observação, diálogo, acompanhamento pedagógico e isso deve ser feito com todos, indistintamente. Mas isso não se trata de método e sim de concepção de educação.

Outra questão que me surpreendeu foi a constatação de que 13,3% das entrevistadas não acreditam que o trabalho realizado atualmente tenha trazido contribuições positivas e de reais aprendizagens ao/a adolescente. Entendo que as pedagogas devem conviver com situações estruturais muito difíceis e desafiadoras, mas quando um/a educador/a perde a crença do seu papel transformador, ele/a não pode mais educar.

Por isso é tão importante que as docentes tenham momentos de formação e troca de experiências. A formação para refletir sobre o trabalho de alfabetização foi uma das questões apontadas pelas entrevistadas como de suma importância, o que concordo plenamente.

Por fim, diante do que percebi de equívocos em relação à abordagem metodológica utilizada pelas pedagogas entrevistadas, avalio que a formação permanente das mesmas deve contribuir para que elas possam oferecer mudanças e novas oportunidades na vida dos adolescentes, por isso é importante também que o conteúdo das aulas esteja alinhado às questões do Mundo do Trabalho

**ANEXO: A - E-MAIL: AUTORIZAÇÃO DA FUNDAÇÃO PARA REALIZAÇÃO
DA PESQUISA (maio/2020)**

Projeto de Pesquisa

Caixa de entrada x



Ana Cristina do Canto Lopes Bastos acbastos@sp.gov.br por governospmicrosoft.com
2020 16:43

para mim, Fabrizio, Angela, CASA, CASA, Norma, CASA, Analis, CASA, CASA,
Luiz, CASA, Thiago, Cristiane, Elaine, CASA, CASA, CASA, CASA, Fabio, CAS
A, CASA, Reginaldo

Prezada Pesquisadora, Tatiana.

Encaminhamos, em anexo, a relação com os Centros de Atendimento que indicaram
profissionais que responderão o questionário para compor os argumentos de seu projeto
de pesquisa, AUTORIZADO para ser realizado no âmbito da Fundação CASA.

Estamos a disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente
Ana Cristina do Canto Lopes
UNICASA

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o projeto de pesquisa proposto pela **Sra. Tatiana Pereira Lima**, intitulado: "Limites e possibilidades do pedagogo na Alfabetização: Trabalho pedagógico na alfabetização de adolescentes na Fundação CASA", referente ao seu Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estado, Governo e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO, sob orientação do Prof. Me. Paulo César Ramos, foi **APROVADO** para ser realizado no âmbito da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – Fundação Casa-SP, conforme procedimentos estabelecidos em Portaria Normativa nº 155/2008.

São Paulo, 12/05/2020.



Fabrizio Mencarini
Gerente Técnico

ANEXO: B - TERMO DE RESPONSABILIDADE ASSINADO NA FUNDAÇÃO CASA



TERMO DE RESPONSABILIDADE – Nº 02/2020

Nome Completo			
Tatiana Pereira Lima			
Nacionalidade		Data de Nascimento	
Brasileira		15/02/1986	
RG / RNE	Data da Emissão	Órgão Emissor	
45.517.495-7	03/07/2017	SSP	
Estado Civil		Profissão	
Casada		Pedagoga	
Endereço			
Rua: Camilo, 46 - Jardim Flor da Montanha			
Cidade		Estado	CEP
Guarulhos		SP	07097-270
Solicito visita na(s) Unidade(s)	Não		

Declaro, para todos os fins, assumir plena responsabilidade no âmbito civil e criminal por quaisquer danos morais ou materiais que possa causar a terceiros a divulgação de informações contidas em documentos por mim examinados ou por outra forma obtidas (entrevista, conversa informal, etc.) referentes a adolescentes que estejam cumprindo medidas sócio-educativas, sendo necessária autorização da Fundação CASA e, se necessário, do Poder Judiciário, ainda que para fins acadêmicos. Ficam, portanto, o Governo do Estado de São Paulo, a Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania e a Fundação Centro de Atendimento Sócio-Educativo ao Adolescente exonerados de qualquer responsabilidade relativa a esta minha solicitação.

Declaro, ainda, estar ciente da legislação em vigor atinente ao uso de documentos públicos e/ou informações obtidas por outros meios, em especial com relação aos artigos 138 e 145 (calúnia, injúria e difamação) do Código Penal Brasileiro e aos Artigos 143 e 144 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8069/90.

São Paulo, 12 de maio de 2020.


 Nome: Tatiana Pereira Lima
 RG nº 45.517.495-7